



Reabilitação da antiga fábrica da
Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas

Volume I

Maria Neves Correia

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Orientação: Professor Doutor Rui Pedro Mexia Lobo

Departamento de Arquitetura da FCTUC
Coimbra, 29 de Julho de 2016

Reabilitação da antiga fábrica da
Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas

Volume I

Agradecimentos

*Ao Professor Doutor Rui Pedro Mexia Lobo, pela orientação,
disponibilidade, interesse e apoio.*

Aos meus pais e irmão, pelo suporte e todos os conselhos.

*Ao meu ti Jorge, pela sua ajuda essencial e pelo entusiasmo e preciosa
contribuição.*

A toda a minha família, pela sua preocupação.

*À Lia, pela amizade incondicional, pela compreensão sem julgamentos e
por toda a sua ajuda.*

*À Micaela, ao Carlitos e ao Jorge por toda a amizade, convivência e carinho
que partilhámos.*

*Aos restantes amigos, por acreditarem em mim e pelas suas palavras de
incentivo.*

À Clara, que tornou este processo possível.

Ao d'Arq, por todo o conhecimento que me deu.

*A todos os que de qualquer modo contribuíram para a concretização deste
trabalho e para a finalização deste longo percurso,*

o meu sincero agradecimento.

Palavras-chave:

Torres Novas; Portugal; CNFTTN; fábrica de fiação e tecidos; requalificação de património industrial; reabilitação; cultura; diversidade; flexibilidade.

A Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas (CNFTTN) foi fundada a 2 de Outubro de 1845 por um grupo de comerciantes lisboetas. Tomou posse de uma antiga e pequena fábrica de chitas, na periferia de Torres Novas, e foi gradualmente comprando terrenos à sua volta. O local onde está implantada atualmente era conhecido como o “Sítio de Santa Bárbara”, devido ao moinho que aí se localizava com o mesmo nome. Este sempre foi um local muito procurado para a implantação de sistemas de aproveitamento hidráulico. Sucederam-se uma série de moinhos, lagares e fábricas de curtumes, chitas e têxteis. Em 1881, a CNFTTN era já a 12^a fábrica na lista das 50 maiores empresas da indústria transformadora portuguesa, com 403 trabalhadores. Encerrou a sua atividade a 29 de Julho de 2011, com 166 anos de existência.

Esta dissertação tem como tema uma proposta de reabilitação para a fábrica da antiga Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. A principal intenção do projeto é de ligar o espaço da antiga fábrica à cidade, tornando-a parte do tecido urbano e abertamente percorrível pelo público. São criados dois novos acessos, ambos pedonais: um direto para a Rua da Fábrica e o outro feito pela proposta de um caminho pela margem do rio Almonda que irá fazer a ligação ao centro da cidade. São propostas algumas demolições, maioritariamente de pequenos pavilhões sem qualquer interesse arquitetónico. É criada uma nova praça central e organizadora do espaço. Aos edifícios são atribuídos novos programas, como um Museu da CNFTTN, um Centro Cultural e Incubadora de Empresas, um hostel, um restaurante, um minimercado e um ginásio. São ainda propostos novos edifícios e espaços como um estacionamento subterrâneo e uma piscina fluvial com quiosque e balneários. A intervenção pretende-se de certo modo minimalista, mantendo e preservando a identidade do património industrial em questão.

Keywords:

Torres Novas; Portugal; CNFTTN; spinning and textiles industry; redevelopment of industrial heritage; rehabilitation; culture; diversity; flexibility.

The Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas (Torres Novas National Company of Weaving and Cloth) was founded on the 2nd of October, 1845 by a group of traders from Lisbon. It took possession of an old and small clothing factory on the outskirts of Torres Novas, and gradually bought land around it. The place where it is now located, was known as the “Sítio de Santa Bárbara”, due to the mill that was located there with the same name. This had always been a popular location for the implementation of hydraulic systems, like mills, tanneries and clothing and weaving factories. In 1881, the CNFTTN was already the 12th factory in the list of the 50 largest companies in the Portuguese manufacturing industry, with 403 workers. It ceased operating on 29th of July, 2011, with 166 years of existence.

The theme of this dissertation is a proposal for the rehabilitation of the former Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas factory. The main intention of the project is to connect the space of the old factory to the city, making it part of the urban fabric and open to the public. Two new accesses are created, both pedestrian, one is directly connected to the Factory Street, and the other made by the proposal of a path by the banks of the Almonda river that will connect to the city center. Some demolitions are proposed, mainly of small pavilions without any architectural interest. A new central and organizing square is created. The buildings are assigned new programs, such as a museum of the CNFTTN, Cultural Center and Business Incubator, a hostel, a restaurant, a mini-market and a gym. Also, some new buildings and spaces are proposed such as an underground car park and a river pool with a kiosk and changing rooms. The intervention aims at a certain minimalist way of intervention, maintaining and preserving the identity of the industrial heritage in question.

Índice

Introdução	15
Parte I - Contextualização do Território	21
1. História de Torres Novas	23
2. Industrialização de Torres Novas	29
Parte II - Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas	37
4. Fundação da Companhia	39
5. A questão da água	43
6. As etapas na vida da fábrica	49
6.1. 1845 a 1873 - A fundação e estagnação	51
6.2. 1873 a 1934 - As reformas	53
6.3. 1934 a 1987 - A grande expansão	55
6.4. 1987 a 2011 - O declínio e extinção	61
7. Diagnóstico	69
Parte III - Proposta	73
8. Conceito base	75
8.1. Espaço Robinson, Portalegre, Portugal	79
8.2. LX Factory, Lisboa, Portugal	81
8.3. Matadero de Madrid, Madrid, Espanha	83
8.4. Palais de Tokyo, Paris, França	87
9. Proposta	91
Conclusão	125
Bibliografia	129
Fontes das imagens	135

A escolha do tema para esta dissertação parte de um problema atual vivido na cidade de Torres Novas, que é o abandono de complexos industriais localizados no centro e periferias da cidade. Entre três casos existentes, a preferência caiu na antiga fábrica da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas (CNFTTN). Esta escolha foi particularmente motivada por ligações pessoais, pelo carácter morfológico da fábrica e por ser um caso de abandono mais recente.

Surge assim a ideia de fazer um projeto de reabilitação para a antiga fábrica da Companhia. Começando com uma abordagem histórica e contextual do caso de estudo para depois passar à parte prática do projeto.

O tema da reabilitação de património industrial tem ganho relevo nos últimos anos devido ao processo de desindustrialização que se tem vivido nas últimas décadas e ao conseqüente abandono dos complexos industriais, acabando estes em ruínas ou demolidos. Há por isso uma necessidade de



Img. 1 - Vista aérea da antiga fábrica da CNFTTN.



Img. 2 - Vista panorâmica da antiga fábrica da CNFTTN.

manter as memórias destes espaços e também de regenerar a estética das cidades em que estão inseridos.

Em termos de documentação relativa ao caso de estudo desta dissertação, não houve quaisquer dificuldades visto que existem dois livros e alguns artigos em revistas que se debruçam sobre a sua história. A nível de material gráfico foram obtidos alguns desenhos no Arquivo Municipal da Câmara de Torres Novas. No entanto, estes têm um número muito reduzido, sendo que foi necessário o levantamento em desenho e por fotografia de todo o espaço. A visita ao complexo da fábrica foi feita sem qualquer obstáculo, tendo sido possível o total entendimento de todo o edificado, tanto no exterior como no interior.

Este trabalho é dividido em três partes, em que duas delas se dedicam à componente teórica e a última à componente prática.

Na primeira parte é feito um estudo de contextualização do território em que se faz uma breve síntese da história da cidade de Torres Novas e ainda do processo de industrialização da mesma.

A segunda parte é já focada no principal caso de estudo - a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. É descrito o seu percurso histórico e é feito um diagnóstico do seu estado atual. No desenvolvimento desta parte é apresentado material gráfico produzido através do estudo aí descrito que demonstra a evolução ao nível de implantação da fábrica da Companhia.

Estas duas partes permitiram compreender melhor o objecto de estudo e o panorama em que está inserido, mostrando a sua evolução no tempo.

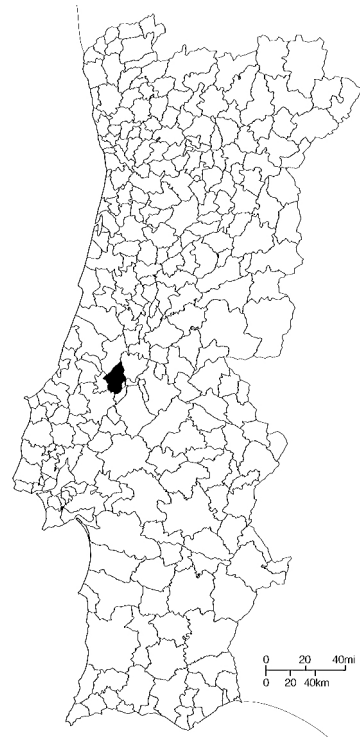
A terceira e última parte, é dividida em dois capítulos. No primeiro, estuda-se a intervenção em património industrial e são apresentados quatro casos de estudo paralelos ao principal que servirão como conceito base para o objectivo fulcral deste trabalho. Dois deles estão localizados em Portugal, o Espaço Robinson em Portalegre e a Lx Factory em Lisboa. Os outros casos escolhidos foram o Matadero de Madrid em Espanha e o Palais de Tokyo em Paris, na França.

No último capítulo é apresentado o projeto para a reabilitação da

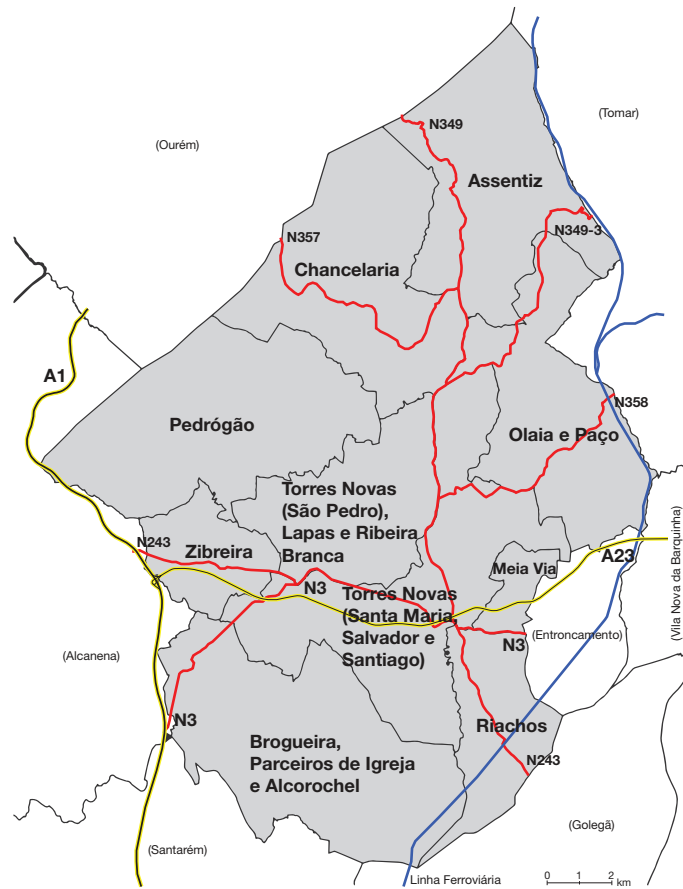
fábrica da Companhia de Torres Novas. Este será apresentado com o material gráfico necessário à compreensão das alterações propostas, sendo nomeadamente constituído por plantas do existente e da proposta, perspectivas axonométricas, fotomontagens e ainda perfis. O projeto apresentado está ao nível de um estudo prévio, tendo em conta o tempo disponível para o desenvolvimento deste trabalho.

Estas diferentes etapas foram sendo desenvolvidas em simultâneo, sendo que a sequência aqui apresentada não representa o método de trabalho usado, tendo sido a proposta desenvolvida ao mesmo tempo dos estudos de contextualização do trabalho.

Esta dissertação procura preservar a imagem e a memória deste importante marco para a cidade de Torres Novas, tentando assim chamar a atenção para outras alternativas e possibilidades, em vez do abandono ou demolição e esquecimento.



Img. 3 - Localização Geográfica do Concelho de Torres Novas.



Img. 4 - Mapa do Concelho de Torres Novas.

Antes de apresentar a evolução histórica da cidade de Torres Novas, é essencial perceber a sua localização geográfica no território nacional. Esta cidade está situada na região do Médio Tejo, fazendo parte do distrito de Santarém. O concelho de Torres Novas é constituído por dez freguesias: Assentis; Chancelaria; Meia Via; Pedrógão; Riachos; União das Freguesias de Brogueira, Parceiros de Igreja e Alcorochel; União das Freguesias de Olaia e Paço; União das Freguesias de Torres Novas (Santa Maria, Salvador e Santiago); União das Freguesias de Torres Novas (São Pedro), Lapas e Ribeira Branca; Zibreira. Tem uma área total de 270 km² com 36 717 habitantes¹. Faz fronteira com os Concelhos de Tomar (norte e nordeste), Ourém (norte e noroeste), Entroncamento e Vila Nova da Barquinha (este), Golegã e Santarém (sul) e Alcanena (oeste).

¹ Segundo informação obtida nos Censos 2011.



Img. 5 - Inscrição latina em mosaicos na Vila Cardílio.



Img. 6 - Vila Cardílio.



Img. 7 - Tarambola e açude no centro da cidade.



Img. 8 - Castelo de Torres Novas.

Os vestígios humanos mais antigos registados em Torres Novas remontam ao Paleolítico. As suas marcas são visíveis na zona cársica do rio Almonda, nas grutas de Buraca da Moura e da Oliveira e na Lapa da Bugalheira.

Por aqui também viveram os Romanos, de quem se encontrou a Vila Cardílio, uma vila lusitano-romana que pertencia ao casal Cardílio e Avita. Esta foi habitada entre os séculos I a IV d.C. Suspeita-se que seria apenas uma das muitas *villae* que existiriam na zona. A Vila Cardílio foi classificada como Monumento Nacional em 1967, tendo sido descoberta apenas em 1962. Nas suas ruínas foi possível recuperar painéis de mosaicos coloridos, moedas, esculturas e ainda uma inscrição latina que deseja felicidades ao casal na *Vila da Torre*.

Verificam-se algumas influências árabes em termos de toponímia , sendo exemplos disso: Almonda, Alcorochel, Alcorriol, Alcanena. É também visível a sua influência pelos engenhos hidráulicos abundantes na região, utilizados no trabalho agrícola, sendo exemplo as noras, tarambolas, azenhas, picotas, etc.

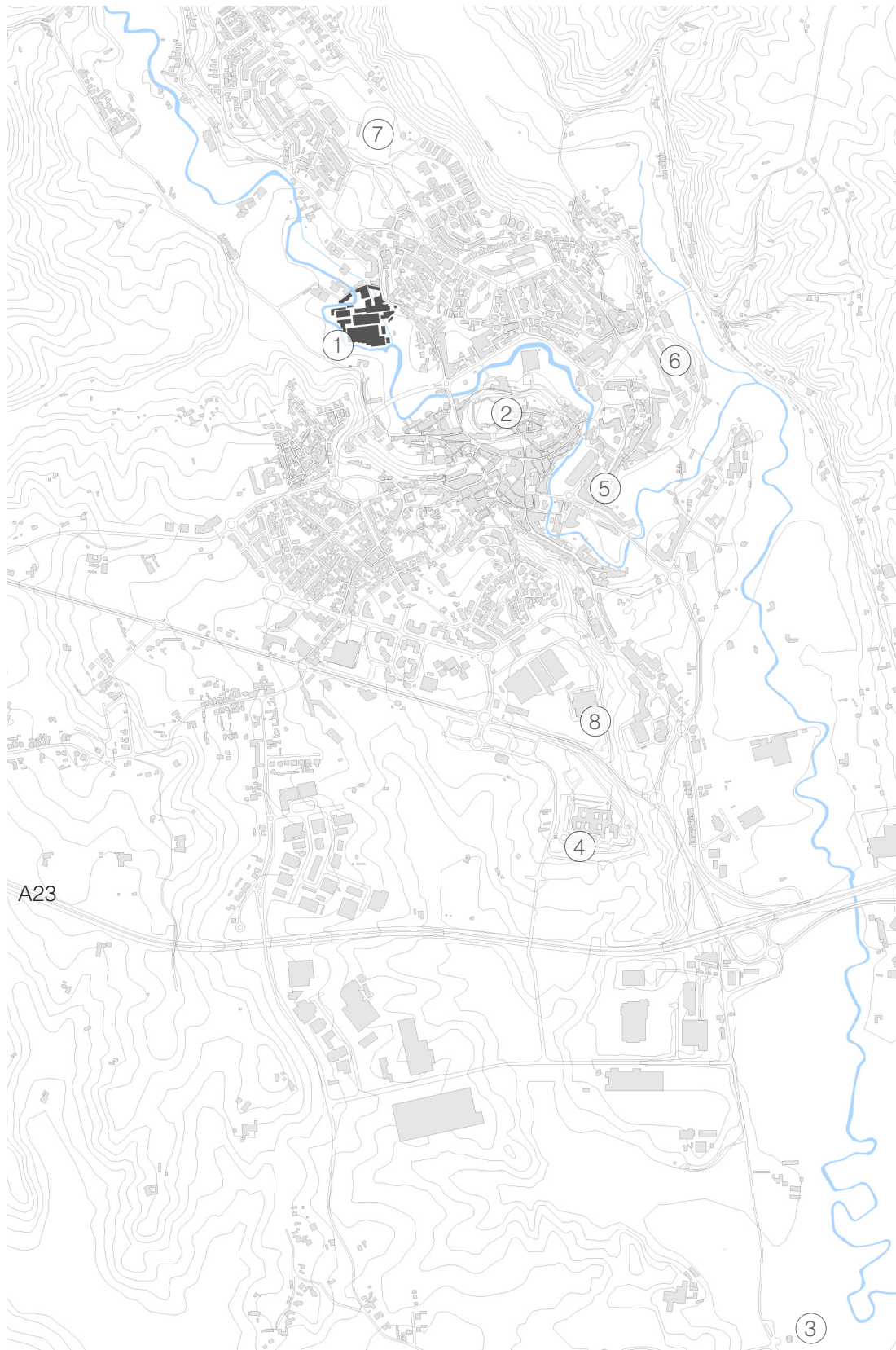
| 23

Em 1147 D. Afonso Henriques reconquista Santarém aos árabes. No entanto, Torres Novas fica numa zona de fronteira entre o território em controlo português e as terras invadidas pelos árabes. Por este motivo, Torres Novas, que na altura se chamava Turrís, foi ainda alvo de várias investidas por parte do povo árabe, das quais resultou a ruína do Castelo.

Em 1190 foi atribuída a Carta de Foral a Torres Novas por D. Sancho I, o qual mandou reconstruir o castelo e ainda ordenou a construção das muralhas da cerca.

O Castelo viria a sofrer ainda mais duas intervenções, uma por parte de D. Fernando I depois das guerras com os reis de Castela; a outra, já mais recentemente no ano de 1940, aquando das comemorações dos centenários da Independência e da Restauração. Em 1910 tinha já recebido a classificação como Monumento Nacional.

No final do século XIII a situação dos arredores torrejanos já se desviava da sua vocação defensiva/ militar, começando a afirmar-se como



Legenda: 1 CNFTTN; 2 Castelo; 3 Vila Cardílio; 4 Hospital; 5 Estação Rodoviária; 6 Escola Prática da Polícia; 7 Estádio Municipal Dr. Alves Vieira; 8 Palácio dos Desportos.



Img. 9 - Planta de Torres Novas. | Escala 1.20000.

uma vila comercial. Em 1273, D. Afonso III cria a Carta de Feira de Torres Novas. Este foi um fator que potenciou o desenvolvimento urbano da vila.

Entre os séculos XIII e XIV, os operários e comerciantes ultrapassaram os limites da cerca pouco a pouco, ocupando as proximidades que se expandem a sudeste e sul do morro do Castelo e muralhas. Estes ocupam terrenos planos que ficam abrigados pelas colinas do Babalhau e Arrábida, limitados pelo Rio Almonda.

“A ligação ao rio é definitivamente assumida, principalmente no lado SE, sendo o tecido urbano dessa zona delineado em função dos caminhos que ligavam a cerca à margem do Almonda.” (Santos, 2011: 120-121)²

No reinado de D. Manuel I, em 1510, a vila de Torres Novas recebeu novo foral. Em 1783, a rainha D. Maria I concede uma licença a Henry Meuron e David Suabe para a instalação da Fábrica das Chitas que alguns anos mais tarde, em 1810, foi destruída pelas tropas do General Massena na 3ª invasão francesa.

No decorrer do século XIX houve um desenvolvimento do tecido económico da vila com a fundação da Fábrica de Papel do Almonda em 1818 e que hoje tem o nome de Renova. De seguida com a fundação da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas em 1845, e ainda a criação da transportadora João Clara & Companhia (Irmãos) Lda., que mais tarde, aquando da sua nacionalização em 1975, tomou o nome de Clara Transportes - S.A.R.L.

A 8 de Julho de 1985 a vila de Torres Novas é elevada a cidade.

² Santos, D. G. dos. (2011). *Dialogar com um Centro Histórico: O tecido urbano de Torres Novas à luz da História da Arte*. Em Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente. Porto. p. 120-121.

Segundo Francisco Canais Rocha³, desde muito cedo existiam em Torres Novas vários lagares de azeite, moinhos, azenhas de pão, etc. Estas são chamadas de *fábricas* da Idade Média por Jean Gimpel. A sua existência estará diretamente ligada ao rio Almonda e à sua bacia hidrográfica. A juntar-se a estes factores naturais que favoreciam o crescimento industrial existiam também alguns factores de ordem sócioeconómica - a existência de uma comunidade judaica, que ganha um papel importante no desenvolvimento desta cidade, e a crescer ainda um aumento da população que servia as necessidades de mão de obra da indústria.

Em 1783 é instalada a primeira fábrica em Torres Novas - a Fábrica

³ Rocha, F. C. (2009). *Para a história do movimento operário em Torres Novas: Durante a monarquia e a I República (1862 - 1926)* (1ª ed.). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

das Chitas. Esta resulta do fomento do Marquês de Pombal para o desenvolvimento da indústria em Portugal, lançado em 1764, para tentar fazer frente aos mercados internacionais. São chamados dois estrangeiros para assumirem a administração da fábrica - David Suabe e Henry Meuron - a quem foi atribuída licença por alvará régio a 13 de Novembro de 1783. Esta é apontada por Francisco Rocha⁴ como a 1ª tentativa de industrialização de Torres Novas. A prática de se chamarem pessoas de outras nacionalidades para administrarem as fábricas em Portugal era bastante comum na altura. Devido à falta de conhecimento técnico, era necessário o conhecimento externo para modernizar a indústria nacional.

Logo em 1789, os dirigentes da Fábrica das Chitas pretendem construir um novo edifício para funcionar como uma escola de fiação e tecidos de algodão simples, ou com mistura de linho e meias. É neste edifício que alguns anos mais tarde a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos instalou o seu bairro operário.

Apesar de alguns protestos da população devido à poluição do rio Almonda, que ocorria devido às descargas de resíduos da fábrica para o seu leito, a fábrica continuou a sua ascensão no sector têxtil. É então que no início do século XIX encontram algumas dificuldades devido às primeiras invasões francesas, sendo que a administração da Fábrica das Chitas passa para Leonardo Proctor. Pouco houve a fazer depois disso, acabando por ser destruída pelas tropas francesas do General Massena em 1810.

Em 1818 houve uma segunda tentativa de industrialização em Torres Novas, novamente com um estrangeiro à frente da administração, o inglês Domingos (Dominic?)⁵ Ardisson que instala uma fábrica de papel à beira da nascente do rio Almonda. Esta teve tanto sucesso que hoje é das mais reconhecidas marcas de papel em Portugal - a Renova.

⁴ Rocha, F. C. (2009). *Para a história do movimento operário em Torres Novas: Durante a monarquia e a I República (1862 - 1926)* (1ª ed.). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

⁵ No livro de Francisco Canais Rocha os nomes estrangeiros estão traduzidos para português ficando em dúvida o nome original.

No mesmo ano, uma fábrica de curtumes instalou-se no edifício onde funcionou a Fábrica das Chitas. Esta trouxe novamente os protestos da população devido à poluição do rio, aos quais se juntou a pressão política, o que levou a que a fábrica cessasse funções em 1821.

Após a Revolução de Setembro de 1836, Romão da Silva Salles, capitalista local, funda a Fábrica de Fiação e Tecidos. É a partir desta que é criada a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas a 2 de Outubro de 1845.

Entre 1855 e 1875 houve um grande desenvolvimento industrial com a criação da Fábrica de Fundição e Serralharia Mecânica de José da Costa Nery⁶, duas novas fábricas de papel e ainda mais três fábricas de produtos têxteis. Em Maio de 1885 foi inaugurada a Escola de Desenho Industrial Vitorino Damásio. No fim do século XIX, a cidade é já um ponto central importante no mapa da indústria portuguesa.

Com a Implantação da República vem novo impulso no crescimento da indústria torrejana, nomeadamente no ramo das destilarias, refinação de açúcar, têxteis e ainda da eletricidade. Esta última, chamada Empresa Industrial de Electricidade do Almonda, Lda., produzia energia através das quedas de água do rio Almonda.

Nos anos seguintes o desenvolvimento da indústria prossegue mas mais lentamente. São maioritariamente as pequenas e médias empresas criadas para responder às novas necessidades dos habitantes que acabam por ter um maior contributo para o desenvolvimento socioeconómico.

Ora, se até este momento grande parte da indústria se situava nas margens do rio Almonda, tirando partido da sua força motriz, da sua água ou do seu leito para o despejo de resíduos, a partir de 1970⁷ observa-se uma descentralização da indústria, deixando o rio de ser razão para a sua

⁶ Ainda hoje está em funcionamento, tendo sido deslocada para uma zona periférica da cidade de Torres Novas.

⁷ Oliveira, F. (2005). *Torres Novas industrial: 1784-1999*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

implantação.

É então em 1982 que se implantam as primeiras fábricas na zona industrial localizada na periferia sul de Torres Novas e só a partir de 1989 é que a generalidade da indústria fica aqui concentrada. Fora desta zona, em 1999, restam a Casa Nery e a Companhia de Fiação e Tecidos, que ainda assim estão instaladas em zonas periféricas da cidade.

“Vários são os vestígios que ainda hoje persistem de um passado industrial, embora por vezes desenraizados do seu contexto inicial. Por exemplo, em termos espaciais, encontramos vários edifícios vazios, subaproveitados e, muitas vezes, degradados, anteriormente destinados a actividade industrial; chaminés que anteriormente fumavam ao ritmo da fábrica; tarambolas, que outrora giravam com o objectivo de aproveitar a energia provocada pela corrente das águas para a produção industrial; um leito do rio que ainda hoje corre abraçando a poluição herdada de um passado de subjugação a esta actividade.” (Oliveira, 2005: 33)⁸

⁸ Oliveira, F. (2005). *Torres Novas industrial: 1784-1999*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. p. 33.



Img. 10 - Rosto da ação nº 1 da CNFTTN.

A Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas foi fundada por um grupo de comerciantes de Lisboa a 2 de Outubro de 1845. Esta surge da necessidade de colmatar a escassez de produtos nacionais destes comerciantes de artigos têxteis, que os *“recebiam do estrangeiro ou adquiriam no mercado interno onde eram fabricados, manualmente, em condições que não permitiam ocorrer às exigências da procura.”* (1969: 11)⁹. Era por isso essencial *“ter mais próximas e acessíveis as fazendas necessárias ao regular abastecimento das suas lojas”* (Bicho, 1997: 11)¹⁰.

A 14 de Abril de 1845 reúnem-se pela primeira vez os futuros acionistas

⁹ Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas. p. 11.

¹⁰ Bicho, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. p.11.

desta nova sociedade e nessa mesma reunião elegem uma Mesa que constituiu a primeira direção da Companhia.

Em 6 de Junho do mesmo ano, Romão da Silva Salles participa numa reunião com a Mesa eleita para propor a transferência da sua Fábrica de Fiação e Tecidos de Torres Novas para a nova Companhia.

Depois de alguma investigação a sua proposta é aceite e a 2 de Outubro de 1845 os Estatutos da nova Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas são aprovados por alvará régio da rainha D. Maria II.

A direção da Companhia era constituída por Cypriano José de Abreu, Thomaz Wenceslau de Aquino e Silva e por Romão da Silva Salles que permaneceria em Torres Novas como director-administrador da fábrica.

A 20 de Outubro do mesmo ano, Romão comunica que nesse dia a fábrica passaria a funcionar como Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas.

Na minuta de estatutos da Companhia *“se evidenciava a antiguidade da cultura de linho na região e se enaltecia a posição geográfica de Torres Novas, quase no coração do País e com o Tejo a passar-lhe perto e a permitir o abastecimento de matérias primas e o escoamento de produtos através do porto fluvial de Vila Nova da Barquinha.”* (Bicho, 1997: 15)¹¹.

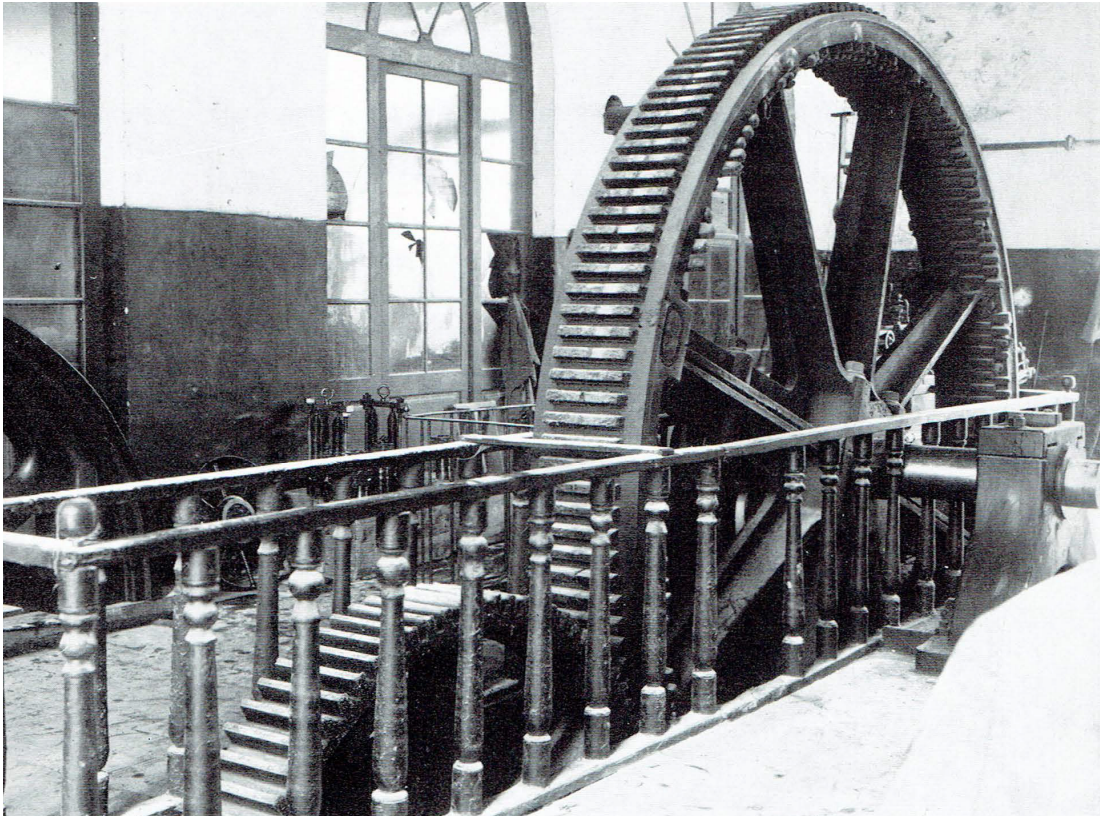
¹¹ Bicho, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. p.15.

Desde o processo inicial da fundação da Companhia que houve uma grande preocupação com os recursos hídricos disponíveis. A sua implantação muito dependeu deste fator sendo que no relatório inicial de análise, feito às condições da fábrica de Romão da Silva Salles, seis das suas doze alíneas se dedicavam à questão da água.

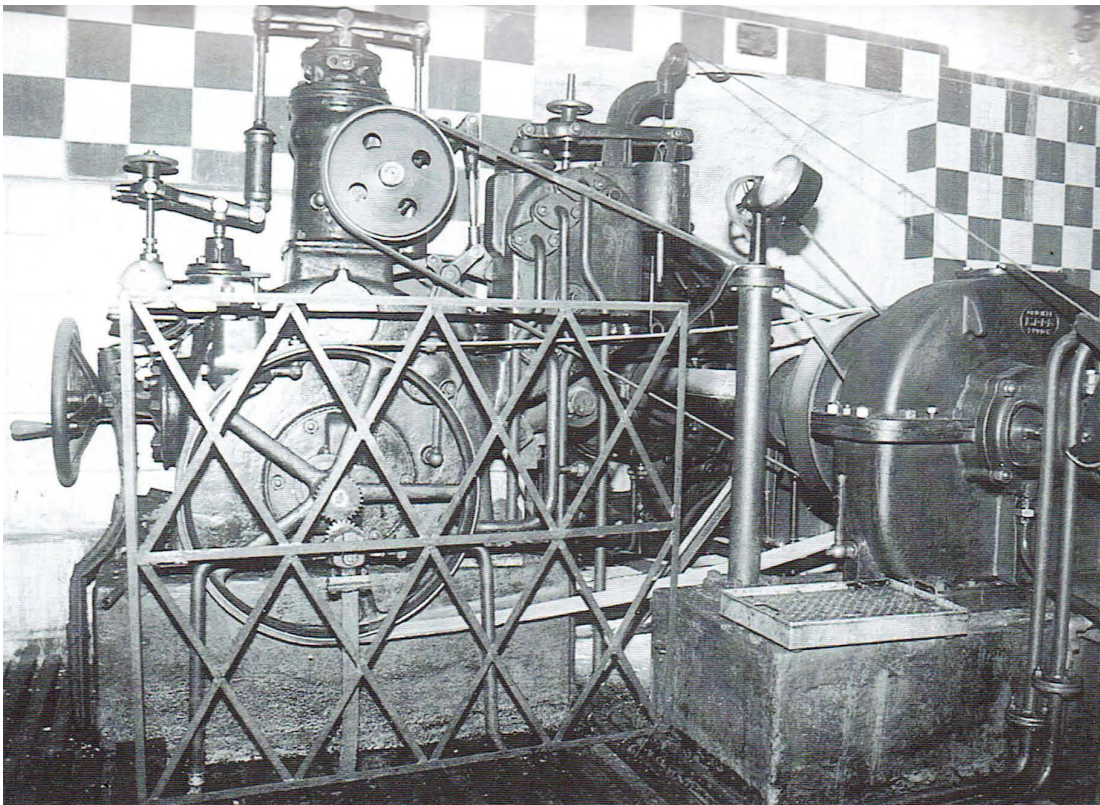
“O Rio desempenhou papel determinante na instalação dos têxteis em Torres Novas. A água, que movia rodas, era fonte de energia barata e acessível, e elemento indispensável ao trabalho de incipientes e artesanais tinturarias.” (Bicho, 1997: 22)¹²

Assim que a CNFTTN foi fundada, a direção levou a cabo a compra de

¹² Bicho, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. p. 22.



Img. 11 - Máquina a vapor.



Img. 12 - Turbina hidráulica.

uma série de moinhos, açudes e levadas que satisfizessem as necessidades energéticas para a maquinaria da fábrica. Empreendem então na compra ou arrendamento de propriedades, tanto a montante como a jusante do sítio da fábrica.

A 18 de Fevereiro de 1846 eram já do domínio da Companhia, três moinhos e dois lagares - o moinho e lagar de nome O Alpendre; o moinho e lagar dos Gafos e o moinho de Santa Bárbara.

Logo de seguida, trataram de adquirir a posse da levada “*cuja construção antecede de séculos o aparecimento da Companhia de Torres Novas*” (Bicho, 1997: 25)¹³. A 7 de Agosto de 1886 foi construído um novo canal em betão hidráulico “*em linha recta desde o açude até à entrada da Fábrica, já que o antigo, que veio a ser aterrado, apresentava deficiência de largura e defeitos de traçado*” (Bicho, 1997: 28)¹⁴.

Durante as primeiras quase duas décadas da Companhia, a fábrica operou apenas com a energia gerada pela água. No entanto, em 1863, foi encomendada uma máquina de vapor, já que nos primeiros anos da década de sessenta houve uma grande estiagem e não havia energia suficiente.

Em 1875 a Companhia tinha, como meios de produção de energia, uma turbina - que funcionava quando havia caudal suficiente; uma roda vertical - para quando corria menos água; uma máquina de vapor que servia como fonte de energia auxiliar que ajudava a colmatar a falta de energia quando era menor a água no canal. Esta última tornou-se bastante dispendiosa para a Companhia devido ao custo e ao gasto de carvão de pedra.

A partir de 1938, a CNFTTN passou a ter uma turbina Kaplan Escher Wyss com 240 c.v. Logo em 1944, a concessão de aproveitamento hidroelétrico do rio Almonda, a partir do antigo açude, é outorgada à Companhia durante 40 anos. Depois desta concessão, adquiriu-se uma nova turbina com 250 c.v. que vem substituir a anterior. No entanto, em 1979, o aproveitamento da força das águas parou por completo já que “*o aproveitamento esteve sempre*

¹³ ibidem. p. 25.

¹⁴ ibidem. p. 28.

condicionado pelo caudal do Rio - se a escassez em período de estiagem forçava a paragem da turbina, também o excesso em período de chuvas intensas a pejava e impedia de rodar” (Bicho, 1997: 31)¹⁵.

A água do rio Almonda desde o início que foi usada para a tinturaria e para as caldeiras de vapor, inicialmente sem qualquer tratamento, e a partir dos anos sessenta *“com decantação, filtração e descalcificação conseguidas em equipamento adequado, que se reforça em 1972”* (Bicho, 1997: 32)¹⁶. Sendo que em 1978 as águas eram já tão poluídas que esse tratamento não era suficiente, recorreram a quatro furos no espaço da fábrica e assim passaram a usar a água encontrada no subsolo. Em 1981 construíram uma pequena estação de tratamento de águas que veio finalmente satisfazer as necessidades da fábrica.

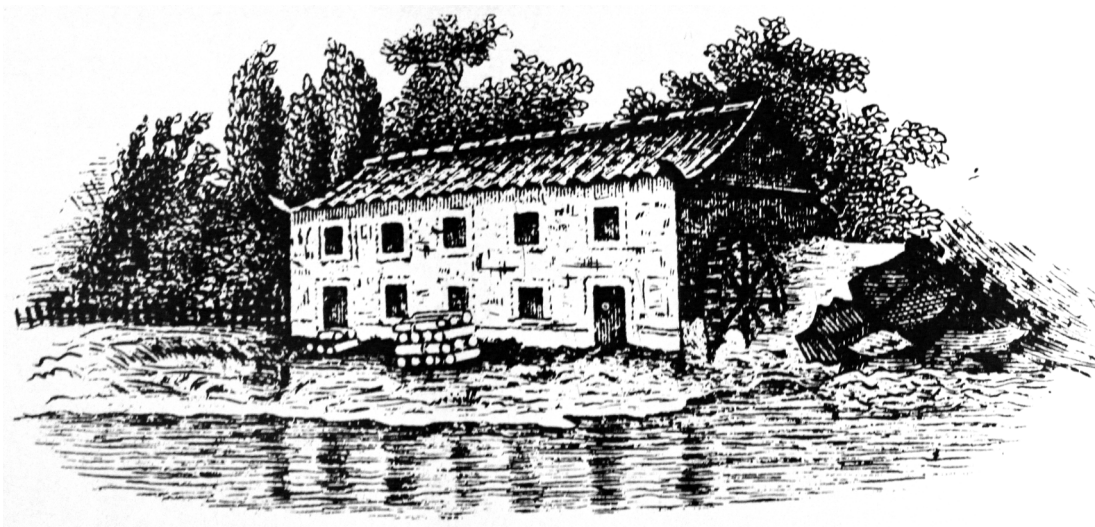
“O tempo retirara às águas do Rio Almonda a primazia que haviam gozado durante muitos anos. Demasiado poluídas para usos têxteis, viam-se também ultrapassadas no seu aproveitamento energético por outras fontes mais regulares e poderosas.

Até as tarambolas e as rodas de azenhas viram chegar as bombas e os motores eléctricos que remeteram para o rol das recordações saudosas o encanto daqueles engenhos que, durante séculos, viveram da força das águas e semearam a beleza do Rio.” (Bicho, 1997: 32)¹⁷

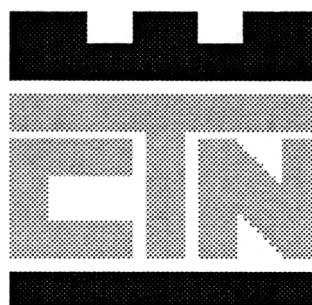
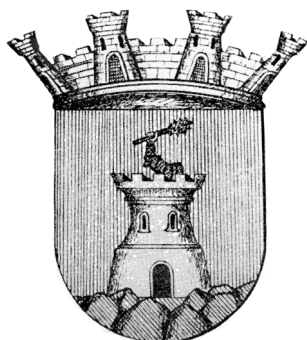
¹⁵ ibidem. p. 31.

¹⁶ ibidem. p. 32.

¹⁷ ibidem. p. 32.



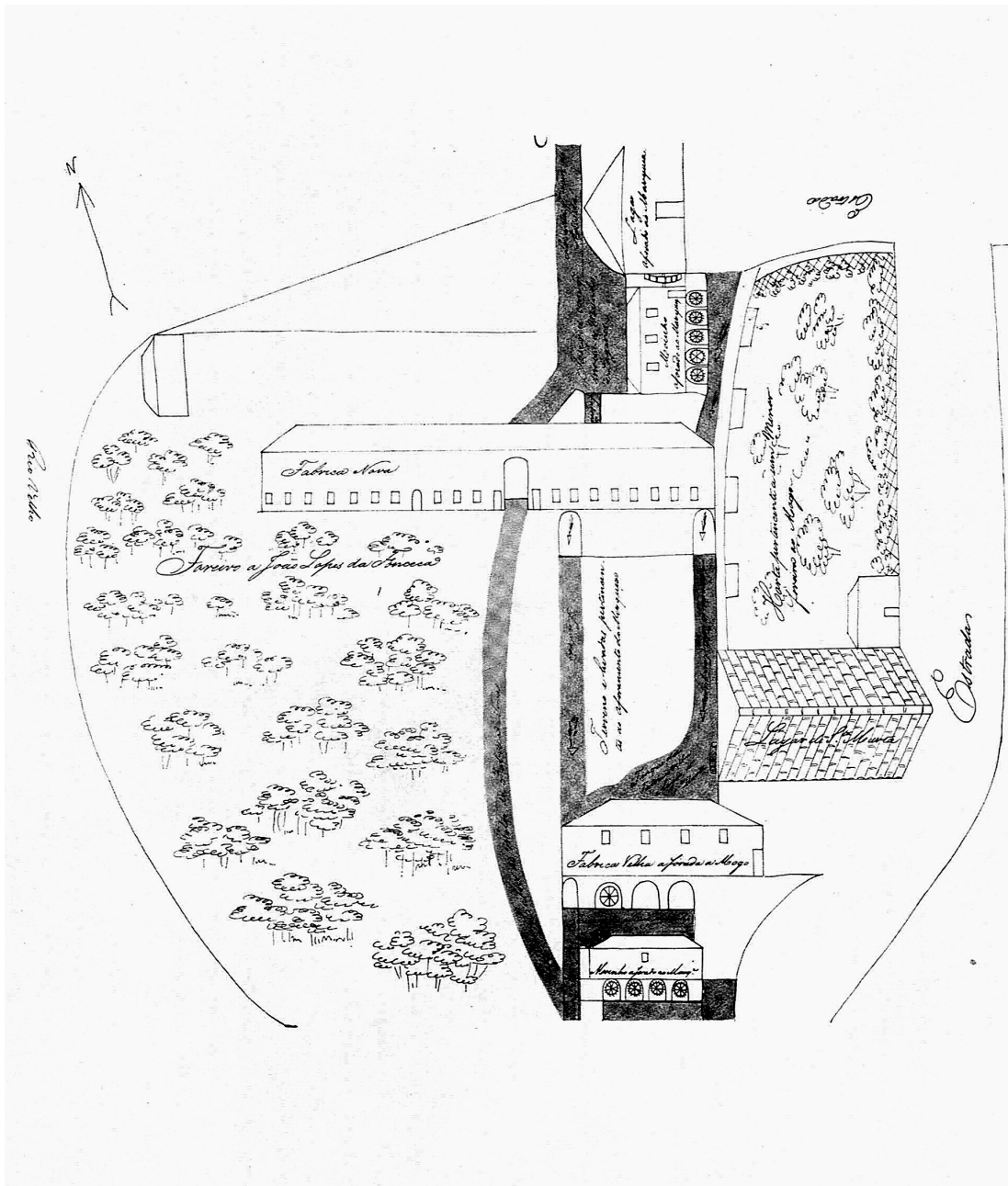
Img. 13 - Gravura da *Fábrica Velha*.



Imgs. 14, 15 e 16 - Diversos logótipos da CNFTTN ao longo dos anos.

Joaquim Bicho¹⁸ faz a divisão do percurso da fábrica de 1845 a 1987 em três diferentes períodos. O primeiro fica compreendido entre 1845 a 1873 o qual será referido como “A fundação e estagnação”. O segundo de 1873 a 1934 que foi decidido pela Assembleia Geral Extraordinária de 3 de Setembro de 1873, e que será designado de “As reformas”. O terceiro divide-se entre 1934 e 1987, é marcado pela intervenção de Bensaude & C^a, Ld^a. e de Henry Syder em 1934, e será denominado de “A grande expansão”. É criado um novo período constituído pelos subseqüentes anos, 1987 a 2011, que será intitulado “O declínio e extinção”.

¹⁸ Bicho, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.



Img. 17 - Esboço das propriedades da fábrica em 1852.

6.1. 1845 a 1873 - A fundação e estagnação.

Assim que todas as propriedades essenciais à Companhia foram adquiridas e depois de angariados os fundos necessários para a compra das máquinas de fiação e tecelagem, a CNFTTN inicia funções a 20 de Outubro de 1845 com Romão da Silva Salles como director-administrador até 1872. É no edifício da antiga fábrica deste último, apelidado de *Fábrica Velha*, que funciona a nova fábrica até que as novas instalações, implantadas no terreno do Prado, estivessem concluídas. Este novo edifício seria chamado de *Fábrica Nova*.

Os primeiros anos de produção da fábrica passam pela tentativa de afirmação no mercado nacional fazendo concorrência aos produtos estrangeiros.

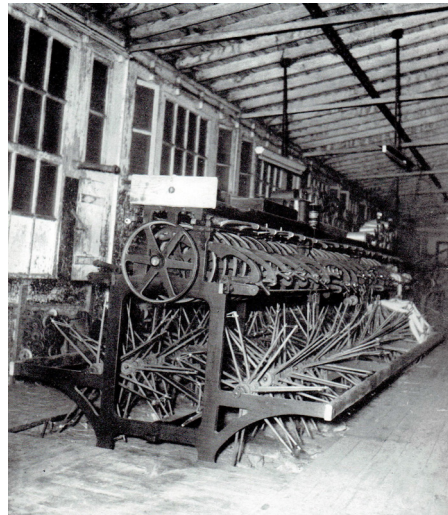
“A gestão acertada e a mão d’obra capaz não impediram que a fábrica fosse afectada por diversas vicissitudes: em 1857, a terrível epidemia da febre amarela que paralizou o comércio da capital e dizimou muitos dos seus comerciantes; o êxodo de mão d’obra masculina para os trabalhos de instalação da linha férrea do Norte; a concorrência nacional em 1864 quando, subidas as ramas de algodão a preços excessivamente altos, os tecelões do Norte se viraram também para a tecelagem de produtos de linho; o desastroso Tratado do Comércio celebrado com a França por proposta do Governo e aprovação das duas Câmaras Legislativas; as grandes estiagens dos anos sessenta que deixaram sem água o Rio e sem movimento as rodas que nele giravam.” (Bicho, 1995: 33)¹⁹

Depois de todos estes contratempos o investimento diminui tanto que por consequência faz com que a qualidade dos produtos baixe.

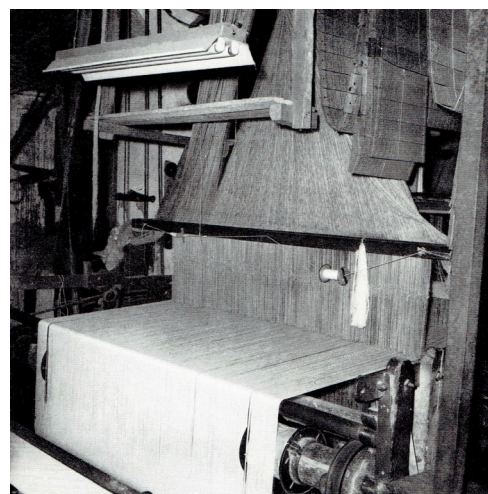
¹⁹ Bicho, J. R. (1995). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas 150 Anos de Actividade*. Nova Augusta, (9). p. 33.



Img. 18 - Planta de implantação da fábrica em 1898. | Escala 1.5000.



Img. 19 - Dobas.



Img. 20 - Tear Jacquard.

6.2. 1873 a 1934 - As reformas.

Este período começa com a Assembleia Geral Extraordinária de 3 de Setembro de 1873, em que os acionistas decidem que é necessário recorrer a reformas urgentes para que se obtenham as melhoras indispensáveis à fábrica.

São então consultados dois engenheiros estrangeiros, Alexandre (Alexander?)²⁰ Black e Jaime (James?)²¹ Larcher, para apresentarem propostas de reforma da fábrica. Larche *“desloca-se ao Norte da Europa e apresenta estudo merecedor do apreço da Direcção, que reconhece a necessidade da regeneração da empresa para a”* (Bicho, 1995: 35)²² *“desenvolver, engrandecer e restituir-lhe a sua antiga e conhecida prosperidade”* (Relatório Geral, 1873)²³. Este deixou ainda o desenho da Grande Oficina ou Casado Machinismo que se encontra um pouco alterada atualmente.

Depois de recebida esta proposta passaram-se doze anos de indecisões e reflexão e de pequenos investimentos. Até que em 1885 se quebra esta estagnação com Alexandre Saldanha da Gama e se avança para a renovação do velho equipamento. Com este último há ainda um grande desenvolvimento a nível da atividade comercial.

“Prevalecem então as grossarias, ainda que os artigos de linho fino continuem a usufruir dos cuidados, que, afinal, a sua aceitação merece. Depois, pára-se, de novo, e suporta-se a concorrência da sacaria estrangeira nas colónias portuguesas (...)” (Bicho, 1995: 35)²⁴.

Entre 1929 e 1931 as dificuldades acentuam-se na Companhia e viram a sua atenção para os fios polidos e de palmilhar. Em 1932 assiste-se a

^{20,21} No livro de Joaquim Bicho os nomes estrangeiros estão traduzidos para português ficando em dúvida o nome original.

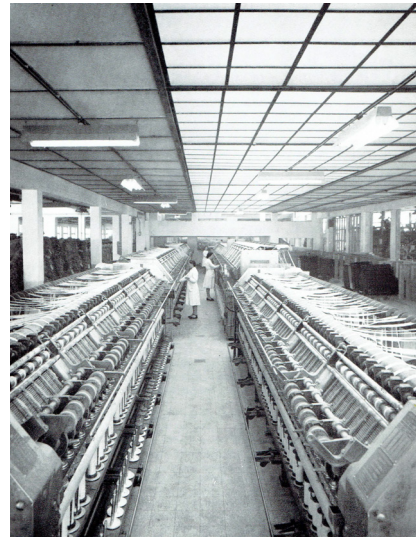
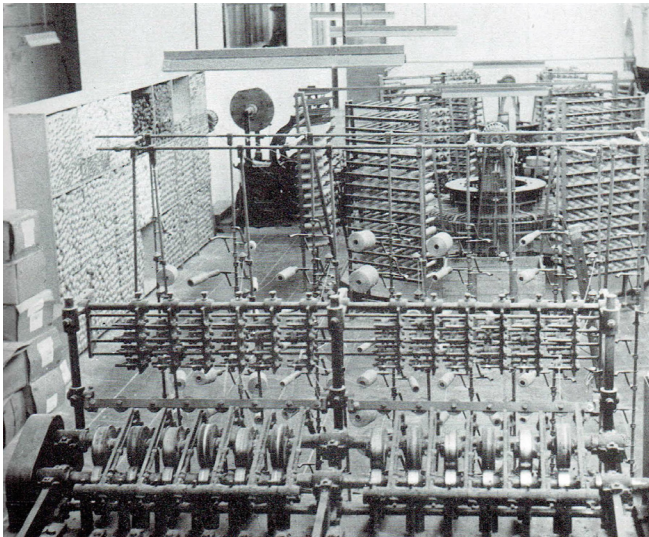
²² ibidem. p. 35.

²³ Relatório Geral. (1873).

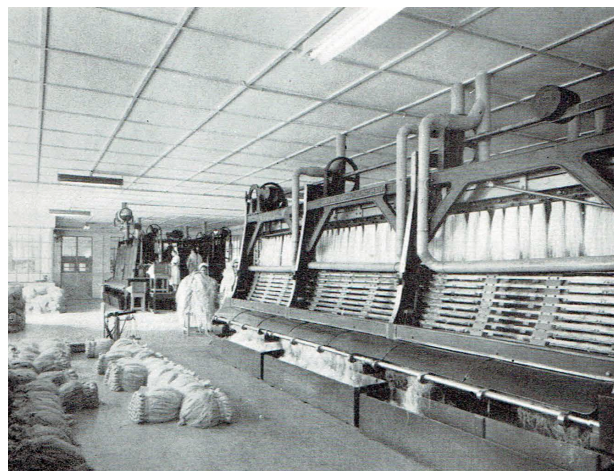
²⁴ Bicho, J. R. (1995). Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas 150 Anos de Actividade. Nova Augusta, (9). p. 35.



Img. 21 - Planta de implantação da fábrica em 1950. | Escala 1.5000.



Img. 22 - Máquinas de fiação de mangueiras. | Img. 23 - Máquinas de fiação de linho.



Img. 24 - Máquina de acabamento de linho.

uma melhora, no entanto, logo em 1934 o cenário torna-se tão difícil que os fabricantes portugueses de grossarias decidem fazer um acordo entre si para que se adquiram apenas fios de origem nacional às empresas que a fabricam, sendo que as de linho são compradas à Companhia de Torres Novas e à Tecelagem Michaelense, situada na ilha de S. Miguel.

Era assim assegurado o escoamento dos fios de linho, mas é então que se deparam com o facto de que a sua capacidade de produção pouco excede as necessidades de consumo da tecelagem da Companhia.

“E começa a pensar seriamente no desenvolvimento da fiação, onde também os fios polidos e de sapateiro davam esperança de sucesso. Mas eram insuficientes os meios financeiros para investimento tão vultuoso. É nesta circunstância que aparece uma proposta de Bensaúde & C^a, Ld^a, proprietária da Fiação e Tecelagem Michaelense. (...) Findava, assim, o segundo período da vida da Companhia.” (Bicho, 1995: 36)²⁵

Em 1884 a CNFTTN tinha uma população fabril de 500 trabalhadores, sendo que veio sempre a decrescer até 1914 ficando com apenas 201 trabalhadores.

| 53

6.3. 1934 a 1987 - A grande expansão.

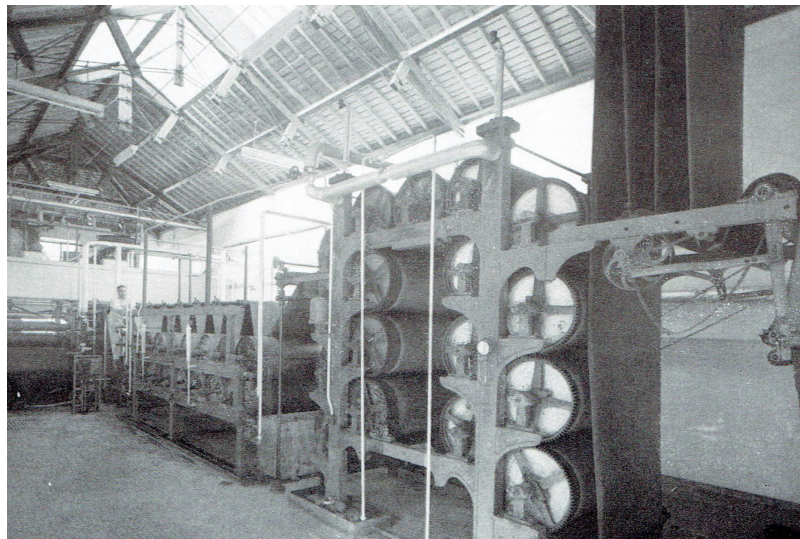
Esta etapa tem início com a nova direção tomada por Jacques Bensaude, que era o representante de Bensaude & C^a, Ld^a, que tinha um grande conhecimento da indústria têxtil, e por Henry Syder, residente em Torres Novas. É com eles que se inicia uma fase de grande expansão da fábrica e de modernização do equipamento.

Uma das primeiras mudanças foi acabar com a produção de tecidos de juta, apesar de ser a atividade para que a fábrica estava mais preparada, a sua exploração não se revelava lucrativa, e é assim que passam a investir na fiação de linho. Tal deve-se ao acordo firmado a 20 de Janeiro de 1939 com

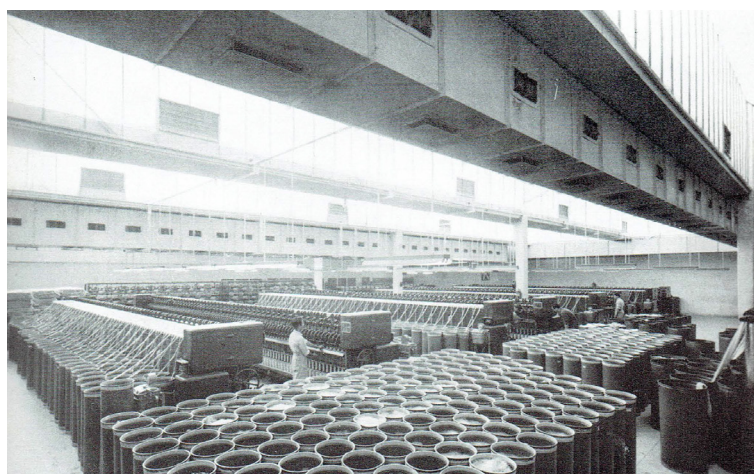
²⁵ ibidem. p. 36.



Img. 25 - Planta de implantação da fábrica em 1975. | Escala 1.5000.



Img. 26 - Máquinas de impermeabilização de tecidos.



Img. 27 - Máquina de fiação de juta.

a CUF (Companhia União Fabril), em que esta passa a comprar os fios de linho à Companhia de Torres Novas enquanto esta última cessa a produção de tecidos de juta.

Esta mudança envolveu um elevado investimento e é por isso que foi sendo desenvolvido ao longo de doze anos, com cuidado, tendo atenção às mudanças do mercado e crescendo com equilíbrio. Nesta fase, são feitas duas novas oficinas para alojarem o novo equipamento. A primeira oficina foi construída em três partes diferentes nos anos de 1935, 1939 e 1945, que formaram um único edifício interligado de três naves. Aqui ficou a fiação de linho. Em 1936 foi construída a outra oficina, de menores dimensões, que veio a alojar o acabamento de fios de linho.

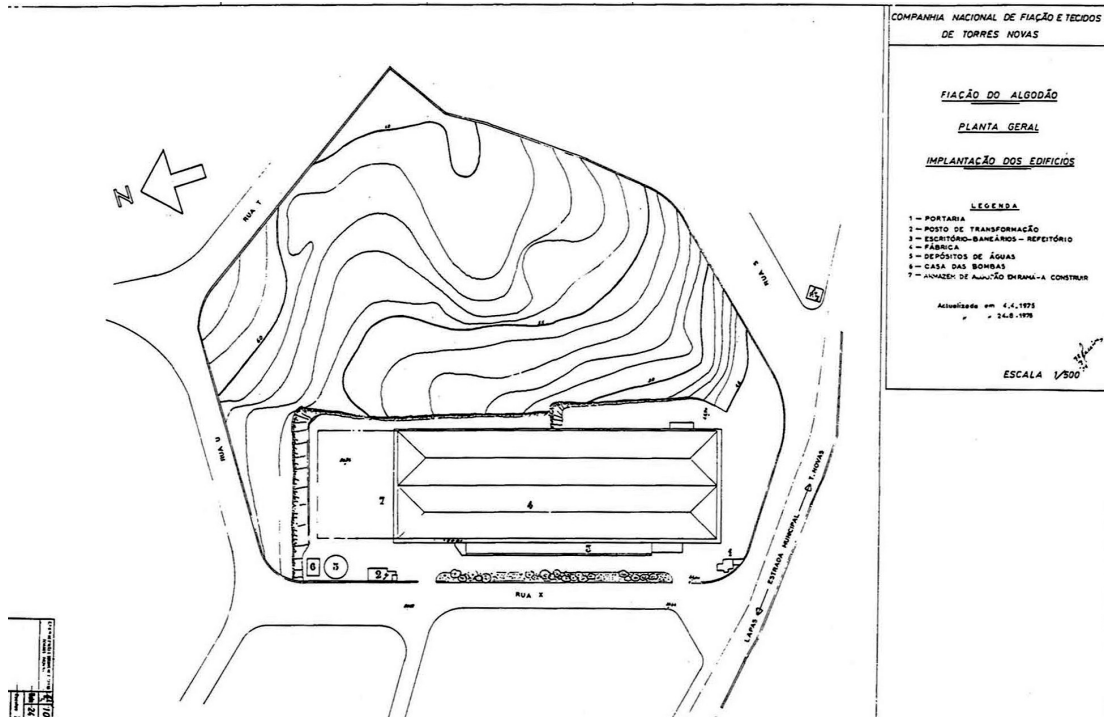
É por volta desta altura que se constrói a nova Central Eléctrica, em 1937, para fazer frente às falhas de energia hídrica.

“Mas é com António de Medeiros na posse da maioria do capital, transferido para as suas mãos em 1945 por Bensaude & C^a, Ld^a, e graças à colaboração que Jacques Bensaude presta durante 20 anos, de 1945 a 1965, na gerência directa e assídua da Fábrica, que esta vem depois a atingir o seu período áureo. Desenvolve-se, desde logo, a melhoria de condições de higiene e do ambiente, com instalação de despoeiramentos e climatizações, vestiários e sanitários, tratamento de efluentes; o ordenamento racional da fiação; a remodelação eléctrica; a construção de armazéns com condições adequadas para matérias-primas e produtos.” (Bicho, 1995: 37)²⁶

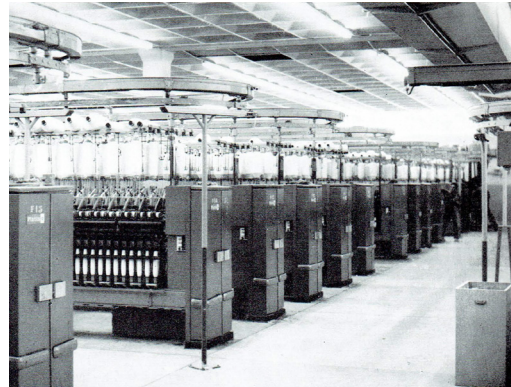
Em 1955 começa-se a investir no fabrico de lonas e sua impermeabilização para encerados, vindo a ter uma grande saída para os Caminhos de Ferro de Moçambique e da Beira. *“Também as mangueiras se adaptam às exigências do mercado e passam a constituir apreciável parcela do fabrico”*. (Bicho, 1995: 37)²⁷

²⁶ ibidem. p. 37.

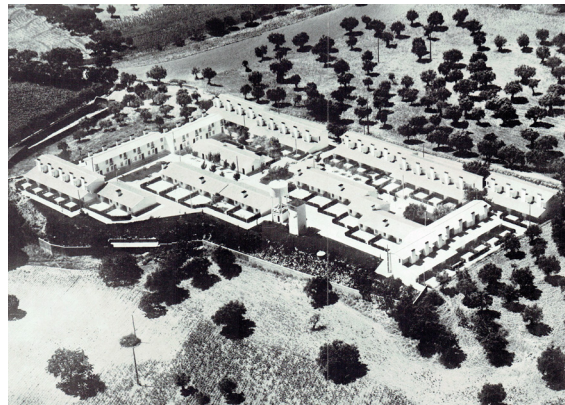
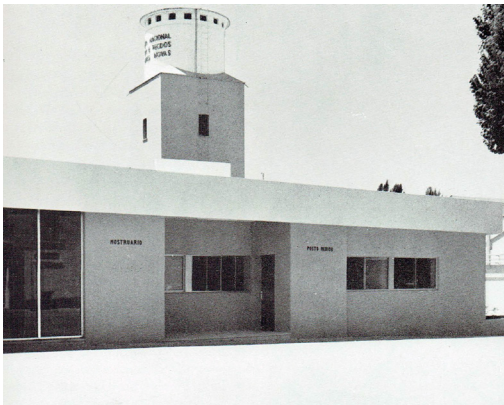
²⁷ ibidem. p. 37.



Img. 28 - Planta de implantação da fábrica de algodão de 1978.



Img. 29 - Edifício social. | Img. 30 - Máquinas de fiação de algodão.



Img. 31 - Posto médico e loja. | Img. 32 - Bairro operário.

Ainda em 1955 quebra-se o contrato com a CUF e novamente se passa a desenvolver em força a fiação e tecelagem de juta. Logo em 1957, conclui-se a construção de um novo edifício e em 1958, é construído ainda outro volume contíguo ao último. Neles se instala a *“tecelagem e acabamento, manufactura de sacaria e armazém de produtos fabricados e expedições.”* (Bicho, 1997: 78)²⁸

Depois da ruptura com a CUF, as relações entre ambas voltam a melhorar e é esta que compra a maior parte dos tecidos e fios de juta que são produzidos pela Companhia de Torres Novas.

Entre 1965 e 1969, fazem-se novos grandes investimentos. Em 1965, para ter garantidos fios de boa qualidade para a tecelagem de lonas, decidem erguer novo edifício. Este ficará localizado fora do espaço da fábrica visto já não haver espaço suficiente. *“É uma nova fábrica construída de raiz e instalada em terreno adquirido na Bica. Ela marca a inflexão da Torres Novas no algodão, que passou a constituir a principal actividade de uma empresa que tivera o linho como fulcro da sua produção”.* (Bicho, 1995: 39)²⁹

Ainda no mesmo ano constroem um novo edifício que aloja os escritórios, refeitório e cantina e os vestiários. Logo em 1966 constroem uma nova oficina onde instalam novo equipamento para a tecelagem de lonas. Em 1969 erguem um novo infantário, o bairro operário e o posto médico.

“Não são fáceis os anos que se seguem a grandes investimentos. Há que esperar que as máquinas funcionem eficientemente e que os homens adquiram a necessária experiência.

Ora a Fiação de Algodão é, desde logo, confrontada com a incapacidade de meios humanos que não conseguem a produtividade esperada, e com o aumento de preço de ramas que determinam a recessão do mercado”. (Bicho, 1995: 40)³⁰

²⁸ Bicho, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. p. 78.

²⁹ Bicho, J. R. (1995). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas 150 Anos de Actividade*. Nova Augusta, (9). p. 39.

³⁰ *ibidem*. p. 40.



Img. 33 - Planta de implantação da fábrica em 1984. | Escala 1.5000.

Em 1972, a Companhia forma uma associação com uma empresa dinamarquesa para a produção de tecidos turcos em Portugal. É então transferido para Torres Novas um conjunto de equipamentos que formam uma fábrica completa de atoalhados turcos. Este equipamento vem a instalar-se no espaço livre criado pelo desmantelamento de alguma maquinaria de juta já que a sua produção e escoamento começava a entrar em declínio.

Esta associação pouco durou, já que poucos anos depois a empresa dinamarquesa entrou em falência. *“E a Torres Novas fica só, ainda com pouca experiência no fabrico de turcos e com equipamento a exigir renovação, para assegurar a qualidade do produto e o impor nos mercados internacionais”*. (Bicho, 1995: 40, 41)³¹

Em 1977 constroem um novo volume no edifício da fiação de juta, que funcionará como uma oficina de costura e um armazém de produtos acabados. Entre 1983 e 1985, procedem à renovação do equipamento que se traduz na melhor qualidade dos tecidos turcos.

E assim, as fiações de linho, juta e lonas passam para um segundo plano, tendo os seus altos e baixos na produção fazendo um balanço com as inconsistências da fiação de algodão.

“Encerra este período a miragem da Comunidade Económica Europeia, feita de receios e da vontade de vencê-los. E a Torres Novas, fechada definitivamente a juta em 1987 e sem futuro à vista para o linho, aposta tudo no algodão e prepara-se para ampliar a fiação e desenvolver o fabrico de tecidos turcos”. (Bicho, 1995: 41)³²

6.4. 1987 a 2011 - O declínio e extinção.

Com a entrada de Portugal na CEE em 1985, e depois em 1987 com a Exposição Têxtil Internacional de Paris, assistia-se, na indústria têxtil, a um

³¹ ididem. p. 40, 41.

³² ibidem. p. 41.

aumento exponencial de equipamento moderno mais sofisticado.

“Muitos são os que investem para melhorar a qualidade do produto, reduzir custos de mão d’obra, ganhar competitividade. Sem nada que contrarie esta fuga para a frente, a capacidade produtiva em breve excede as necessidades do mercado, o investimento faz-se sentir sobre os custos da produção e os países de tecnologia atrasada e mão d’obra barata invadem o mercado da Europa com produtos que, não sendo os melhores, logram, ainda assim, aceitação. Vive-se uma crise que fecha fábricas por toda a Europa e deixa muitas outras em sérias dificuldades de sobrevivência”. (Bicho, 1995: 41)³³

Como se verá mais adiante, tal será o destino da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas.

Entre 1986 e 1987, investe-se novamente na Fiação de Algodão, ampliando a sua fábrica e comprando novos equipamentos. Poucos anos mais tarde, entre 1989 e 1991, mais investimento se faz na tecelagem de turcos com a compra de novas máquinas e ainda a adaptação do edifício, onde até 1987 funcionava o acabamento de juta, para um armazém de fios.

No final de 1987, a Companhia recorre a empréstimos obrigacionistas, depois da crise da bolsa. *“Os acontecimentos que se seguem - crise do Golfo, aumento de 24% das matérias primas, subida explosiva das taxas de juro, recessão do mercado externo - avolumam as dificuldades. E estas não se superam, ainda que se haja deitado mão dos recursos possíveis: apoio da Werner International em formação de pessoal e reorganização da Fiação de Algodão e Tecelagem de Turcos; estudo de marketing e recrutamento de um director que vêm a ser insucesso; loteamento de terrenos anexos à Fiação de Algodão, (...); pedido de apoio a uma prestigiada empresa nacional de serviços que se revela inoperante; (...); venda do edifício da sede; tentativa fracassada de associação com uma firma alemã do ramo; libertação de encargos com o refeitório; transferência da sede para Torres*

³³ ididem. p. 41.

Novas e extinção dos escritórios em Lisboa; redução pacífica e significativa dos efectivos humanos”. (Bicho, 1997: 92, 93)³⁴

Em 1989, entre 17 e 21 de Dezembro, a fábrica sofre grandes prejuízos, com a inundação causada pela subida das águas do rio Almonda.

Depois de recorrer à lei nº177/86, aprovada pela Assembleia Geral, tendo um despacho favorável no tribunal a 18 de Junho de 1993, é designado um administrador judicial e é considerada viável a Companhia pela Werner International. São também injetados fundos no capital da Companhia por Sulpedip e Norpedip, e são ainda aprovadas as propostas do administrador judicial para tornar a fábrica rentável. Chega-se assim a um período de alívio com um afluxo de encomendas que garantem o normal funcionamento da fábrica.

Por consequência da crise mundial a Companhia foi ficando cada vez mais fragilizada tendo dificuldade em lidar com a concorrência dos países asiáticos e orientais, sendo que os seus mercados se foram contraindo. No ano de 2007, foi quando as vendas mais diminuíram. Para complicar ainda mais a sua frágil situação, um dos seus clientes - a Hilden - declara insolvência, deixando uma dívida incobrável. No entanto, esta empresa foi comprada por outra firma inglesa, chamada HILL, sendo possível manter o volume de vendas, mas em 2009, esta passa a comprar produtos no mercado asiático, vendo-se a Companhia impossibilitada de acompanhar os preços da concorrência.

A Companhia de Torres Novas é então forçada a contrair mais empréstimos. Entre Junho de 2009 e Junho de 2010, entra em lay-off, para tentar colmatar as dificuldades financeiras, esperando que o nível de vendas retomasse ao do período anterior. Mas, tal não aconteceu.

“A crise persistia nos principais mercados da Requerente.

E as dificuldades financeiras não permitiram à Requerente, nem adoptar medidas comerciais agressivas, nem manter o anterior volume de

³⁴ Bicho, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. p. 92, 93.

negócios, através da participação em feiras internacionais e presença mais assídua nos seus habituais mercados”. (Silva, 2011: 4)³⁵

Ora, chegando ao fim do período de lay-off, e voltando ao custo normal da mão de obra, sem que o número de vendas tivesse melhorado, a Companhia não tinha meios financeiros para sustentar os níveis de atividade da fábrica. É então obrigada a pedir insolvência, que foi decretada pelo tribunal a 25 de Janeiro de 2011.

Era necessária a modernização da fábrica e uma nova estratégia de atuação. Para evitar o encerramento, os acionistas de referência da Companhia - Adolfo Mayer, João da Silva e Vasco Pessanha - apresentam um plano de recuperação.

“A Companhia consegue convencer o Grupo Lanidor a investir. Ficaria com 90 por cento da sociedade e Adolfo Mayer com 10 por cento. A fiação reconhece que o passivo é elevado e que traduz as consequências do sobredimensionamento da fábrica. O Grupo Lanidor podia pela sua experiência catapultar a Fiação de Torres Novas para processos modernos de fabrico e comercialização. Mas há um custo a pagar. O despedimento colectivo e a contratação de apenas 30 pessoas numa primeira fase sendo dada preferência a antigos funcionários da fiação. O pagamento dos 600 mil euros pela entrada do Grupo seria feito em prestações anuais ao longo de dez anos. Mas os credores preferiram não correr riscos”. («Companhia de Fiação de Torres Novas acaba ao fim de 166 anos de produção», 2011)³⁶

No dia 29 de Julho de 2011 a Companhia encerra definitivamente, com 166 anos de existência.

| 65

³⁵ Silva, N. (2011). *Insolvência de «Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas, S.A.»* (Relatório de Insolvência). Castelões.

³⁶ *Companhia de Fiação de Torres Novas acaba ao fim de 166 anos de produção.* (2011, Agosto 17). O Mirante.



Legenda: 1 antiga fábrica da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos; 2 Castelo; 3 Câmara Municipal; 4 Biblioteca Municipal Gustavo Pinto Lopes; 5 Piscinas Municipais; 6 Teatro Virgínia; 7 Museu Municipal Carlos Reis; 8 Tribunal; 9 Escola Secundária Maria Lamas; 10 Centro Escolar de Visconde de São Gião; 11 Centro de Saúde; 12 Jardim da Avenida; 13 Jardim das Rosas; 14 Praça 5 Outubro.

Img. 34 - Vista aérea do centro da cidade de Torres Novas.

O concelho de Torres Novas, onde a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos se implanta, é privilegiada com o encontro de dois importantes eixos de comunicação nacionais, com a A1 (eixo Lisboa - Porto) a passar a oeste e sendo atravessado transversalmente pela A23 (eixo Portugal - Espanha).

O local onde está localizada, desde há muito tempo que atraiu diversas outras fábricas antes desta se instalar. Chamado de Sítio de Santa Bárbara. O terreno onde a fábrica da Companhia se implanta é uma planície no vale por onde passa o leito do rio Almonda. A fábrica tem cerca de 3,2 ha de área e metade do seu perímetro é banhado pelas águas do Almonda. Pelo meio da fábrica passa um canal de água desviada do rio, que tem já séculos de existência.

Apesar de estar situada na antiga periferia da cidade, a fábrica encontra-se muito próxima do centro, a apenas 5 minutos a pé ou 400 metros de distância. O rio faz também a ligação da fábrica com o centro da cidade.



Imgs. 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42 e 43 - Fotografias atuais.

O espaço da fábrica é bastante agradável, apesar de ter um carácter fabril, são abundantes as árvores e a natureza, sendo grandes contributos o rio e o canal.

Todas estas características são uma mais valia para o público alvo do novo programa proposto para a fábrica, oferecendo espaços de lazer agradáveis e tranquilos, tirando partido da natureza existente.

A maior parte dos edifícios da fábrica não tem um valor arquitetónico considerável, mas olhando para o conjunto e sendo apreciada a planta de coberturas, é bastante interessante. Sendo que esta se encontra num vale é possível apreciar este jogo de coberturas em *shed*, observando-o de um nível mais elevado dos montes circundantes. O edificado mais antigo é construído em alvenaria, com cobertura em estrutura de madeira e telha cerâmica. Os edifícios construídos a partir da década de 30 são caracterizados pela introdução do betão armado e do ferro na construção, sendo que o fibrocimento é usado na maior parte das coberturas de *shed* ou de águas, é pontual o uso da chapa metálica na cobertura.

Apesar da fábrica da CNFTTN ter encerrado há apenas cinco anos, esta já se encontra bastante deteriorada, invadida pela vegetação em certos pontos. Muitos dos danos no edificado foram causados quando se procedeu à remoção dos equipamentos, a maquinaria e ainda tudo o mais que pudesse ser aproveitado, como portas, janelas, cabos, etc. Com estas intervenções uma das coberturas ficou completamente destruída devido a uma explosão, em outros pontos do edificado o tecto falso colapsou. A falta de janelas permite também a entrada de água, o que causa infiltrações e contribui para o seu estado de degradação. Para além disso tudo é ainda alvo de vandalismo.

Ora, num país onde poucos são os casos identificados e classificados de património industrial é pertinente que haja um maior esforço para que se conserve a memória destes patrimónios. No caso da Companhia de Torres Novas, que tantas memórias deixa nesta terra e na sua população, é essencial preservá-la e atribuir-lhe um novo programa para que possa ter uma nova vida e um lugar na cidade. Um futuro para um espaço com um passado tão importante no desenvolvimento da cidade de Torres Novas.

Hoje em dia, a preservação do património industrial é uma área que tem recebido cada vez mais atenção. Depois do período de industrialização entre os séculos XIX e XX, que contribuiu para o desenvolvimento e expansão de várias cidades portuguesas, assistiu-se ao conseqüente abandono de complexos industriais, devido ao efeito de desindustrialização, aparente em diversos pontos da Europa, nas últimas décadas. Isto resulta na incerteza de usos apropriados para esses espaços, ficando descontextualizados na malha urbana das cidades, sendo que na maioria dos casos são abandonados e conseqüentemente, em várias ocasiões, demolidos, resultando na perda de património de valor na história da industrialização.

Ultimamente tem crescido o interesse na preservação deste património, em vez de se optar pela sua demolição, visto que os seus espaços, em termos construtivos, arquitetónicos e espaciais, são bastante flexíveis nos seus usos, o estudo criterioso e cuidado do novo programa,

deve valorizar o património, não o desconsiderando. É também de notar, que muitos casos, como a Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas, estão localizados em sítios privilegiados da cidade, o que os torna bastante valiosos para investimentos imobiliários. Este interesse, por vezes, tem resultados negativos, devido ao interesse económico de retirar o máximo lucro. Os espaços fabris são intervencionados de tal modo que perdem a sua identidade, ou então são substituídos por novas construções. No caso da Companhia de Torres Novas, aparentemente, existirá um novo plano que passa por isso mesmo, onde é prevista a demolição do edificado da fábrica para a construção de novos edifícios destinados à habitação.

Os tipos de intervenção em património industrial podem ser divididos em três conceitos diferentes: a museificação, a conversão e a reutilização³⁷.

A museificação trata de preservar a imagem do edificado industrial tal como está, fazendo dele uma relíquia de um tempo passado. Trata-se de uma intervenção que se associa a funções museológicas.

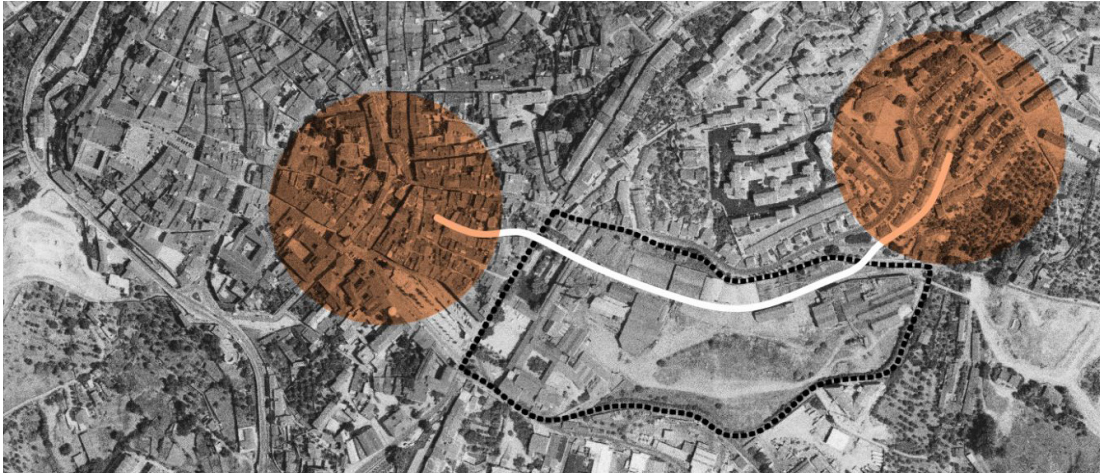
A conversão é o modo de intervenção que mais alterações faz no edificado, já que não altera somente as função do edifício. Esta opção é a que mais polémica suscita, pois pode levar à descaracterização completa do espaço fabril.

Já a reutilização, é a que mais exige em termos de estudos e reflexão na nova forma de utilizar o património industrial, sendo que há que ter um grande respeito pela memória do lugar. Esta é a intervenção que tenta não fazer grandes alterações no edificado existente, atribuindo um novo programa. É por isso, talvez a opção mais interessante e desafiante das três.

Na proposta de reabilitação da Companhia de Torres Novas, apresentada neste trabalho, serão usados de maneira criteriosa, cuidada e com respeito, os três diferentes conceitos de intervenção no património industrial.

Serão apresentados seguidamente quatro casos de estudo que

³⁷ Silva, V. M. P. da (2009). *Revolução (Des)Industrial* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.



Img. 44 - Estratégia do projeto de reabilitação do Espaço Robinson.



Img. 45 - Estratégia do projeto de reabilitação do Espaço Robinson.

demonstram o conceito que se pretende usar na proposta da CNFTTN. São eles o Espaço Robinson em Portalegre, a Lx Factory em Lisboa, o Matadero de Madrid em Espanha, e o Palais de Tokyo, em Paris, na França.

Estes quatro casos albergam programas semelhantes, ligados à cultura, funcionando como *clusters* criativos das cidades onde estão inseridos. A revitalização destes espaços revelou-se uma enorme mais valia para as localidades que os acolhem, gerando uma nova dinâmica urbana e transformando locais outrora abandonados em locais habitados com lugar de destaque no quotidiano da cidade.

8.1. Espaço Robinson³⁸, Portalegre, Portugal.

O Espaço Robinson nasce da deslocação da Fábrica de cortiça Robinson para o Polo Industrial de Portalegre, criando um espaço desabitado com cerca de 7 ha na cidade antiga de Portalegre, com uma considerável área construída e o edifício principal considerado o rosto da fábrica.

Esta é uma iniciativa do Município de Portalegre juntamente com a Fundação Robinson, com a intenção de reabilitar a antiga fábrica, retomando a sua ligação com a cidade e acolhendo programas e equipamentos necessários à cidade. O projeto ficou a cargo dos arquitetos Eduardo Souto de Moura e Graça Correia.

O conceito chave da proposta é estabelecer vínculos entre o edificado da fábrica e a cidade envolvente, tornando-o num espaço público. Este aloja programas variados, nomeadamente de índole cultural. A ligação entre a cidade e a fábrica é alcançada pela abertura de um novo arruamento, que atravessa todo o espaço (na altura em que a fábrica se encontrava em funcionamento era chamado de “a linha”). Este é o eixo estruturante do projeto, tendo sido apelidado de “Caminho da Cultura”. Ao longo do caminho são criadas praças, passeios e outros equipamentos que permitem a adaptação ao novo uso urbano. O carácter fabril deste espaço é conservado pelas máquinas e outros equipamentos ainda presentes e também pelas tubagens

³⁸ De acordo com a informação disponível na Fundação Robinson retirada do site <http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx>, acedido em Outubro de 2014.



Img. 46 - Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre. | Img. 47 - As abóbadas.



Img. 48 - Auditório "A Máquina". | Img. 49 - Interior do auditório B.

que ligam os diferentes edifícios.

Os novos usos atribuídos ao edificado da antiga fábrica têm variadas vertentes como a histórica, social, científica, cultural e de lazer.

O Museu Robinson ocupa o edifício principal, sendo intervencionado de forma subtil, valorizando as suas qualidades morfológicas sem esconder a sua identidade fabril. Já o Espaço Cultural Multiusos e Estacionamento resultam da reabilitação do edifício chamado “as abóbadas”. Esta é uma construção flexível, constituída por duas naves abobadadas com um pé direito alto, sendo usada pontualmente como um espaço de eventos e exposições e noutras alturas como estacionamento. Um outro edifício da fábrica é convertido num espaço cultural, com dois auditórios (um deles construído de raiz fazendo lembrar os silos industriais, a que chama de “A Máquina”), um cineclube e um bar. O funcionamento deste espaço é pensado de maneira a que seja vivido de dia e de noite. Por último, a nova sede das associações culturais de Portalegre ocupa outro dos edifícios da fábrica. Neste, o património arqueológico-industrial presente é integrado no novo programa, sendo que os espaços são adaptados de maneira a que as necessidades espaciais e técnicas de cada associação coexistam com a memória fabril.

| 79

É ainda construído um edifício de raiz que aloja a nova Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre. A sua forma e implantação são pensados estrategicamente para evidenciar o arruamento principal (o já referido “Caminho da Cultura”).

Este projeto revela-se importante para o conceito da minha proposta para a reabilitação da Companhia de Fiação e Tecidos de Torres Novas pois é regido pelas mesmas intenções e enquadramentos: ambos se inserem num contexto de cidade e pretendem unir um espaço fabril à malha urbana, devolvendo-o à população e transformando-o num novo polo cultural.



Img. 50 - Vista aérea da Lx Factory.



Img. 51 - Lx Factory. | Img. 52 - Interior da Lx Factory.



Imgs. 53 e 54 - Interior da Lx Factory.

8.2. Lx Factory³⁹, Lisboa, Portugal.

A Lx Factory está instalada na antiga fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, em Alcântara. Com uma área de 2,3ha, dela faz parte um conjunto de edifícios que se encontram abandonados. Para estes terrenos existe um plano denominado “Alcântara XXI”, para o qual os arquitetos Manuel Aires Mateus e Frederico Valsassina já fizeram o desenho. Enquanto esse plano não avança surgiu a hipótese de criar um novo equipamento com uma nova função. É assim que se cria uma fábrica criativa.

Este projeto não teve qualquer apoio, resultando da introdução de iniciativas culturais. A cultura, hoje em dia, é um importante estimulante na regeneração urbana e é essencial para a economia. Tal deve-se ao facto de as indústrias contemporâneas estarem cada vez mais dependentes da inovação e da criatividade para gerar novos produtos e novos conhecimentos.

A intervenção para a reabilitação do espaço, a cargo dos arquitetos João Alves e Ana Pinto, é caracterizada principalmente pela simplicidade, sendo o principal objectivo a preservação do espaço, assumindo o carácter industrial como imagem de marca desta iniciativa.

| 81

Neste momento, fazem parte da Lx Factory cerca de 100 empresas de diversas áreas que vão desde estúdios de artistas plásticos a empresas da área da contabilidade. Mas, na sua maioria, estão dentro do ramo do design e da publicidade.

Esta fábrica criativa trouxe uma grande dinâmica a esta zona da cidade e deu uma nova vida a um espaço devoluto. O fluxo de pessoas gerado por esta iniciativa é prova de que o investimento na cultura traz grandes vantagens ao património industrial abandonado e também às cidades e populações afetadas.

Este é um exemplo de como uma iniciativa autossuficiente, investindo na adaptação de um espaço a uma nova função, utilizando o mínimo dos elementos e enfatizando o aspecto efémero da intervenção, conseguiu gerar

³⁹ Jesus, D. A. G. de. (2012). *(Re)Utilizar. O Edifício da Companhia Leiriense de Moagem, antigo Convento de S. Francisco de Leiria* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra. p. 93-99.



Img. 55 - Mapa do Matadero de Madrid.



Img. 56 - Matadero de Madrid.



Img. 57 - Interior do Matadero de Madrid.

retornos quase imediatos. Ao visitar o espaço é possível viver o ambiente de produção fabril, com a presença de maquinaria antiga no interior e o pulsar do movimento criativo das pessoas que agora usufruem deste espaço.

8.3. Matadero de Madrid⁴⁰, Madrid, Espanha.

O Matadero de Madrid é um grande complexo industrial localizado nas margens do rio Manzanares, em Madrid. O projeto original data de 1909 e é da autoria do arquitecto Luís Bellido González. Em vez de se basear nos modelos ingleses ou franceses para este programa, Bellido escolheu o modelo alemão por achar que seria o mais adequado às necessidades do programa. Este integrava, no mesmo complexo, o matadouro e um mercado, boas acessibilidades para pessoas e animais, condições de higiene e saneamento e de segurança. A sua construção levou cerca de 17 anos e foi sofrendo alterações, pelo que o edificado construído difere um pouco dos desenhos originais. Foi encerrado em 1996, sendo que já na década de 80 começou a ser considerado antiquado e sem capacidade para responder às novas necessidades e exigências da indústria. São feitos vários pedidos para que se adaptassem alguns dos espaços para receberem novas funções. É em 1990 que se estabelece um acordo entre o Ministério da Cultura e a Câmara de Madrid, em que esta última cede algumas naves do Matadero à primeira, para albergarem programas culturais, como a Companhia Nacional de Ballet de Espanha.

| 83

Quando, em 1996, o Matadero cessou a sua atividade definitivamente foi necessário encontrar uma solução para esta área tão extensa. Ficou entendido logo de início que era um espaço demasiado extenso para ser ocupado apenas por equipamentos de cultura e é por isso que tentam integrar outros programas como a hotelaria, lazer e restauração.

Em 2002 foi aprovado o plano definitivo, e assim várias empresas tomam a gestão e recuperação do espaço. Aqui, como no caso da Lx Factory,

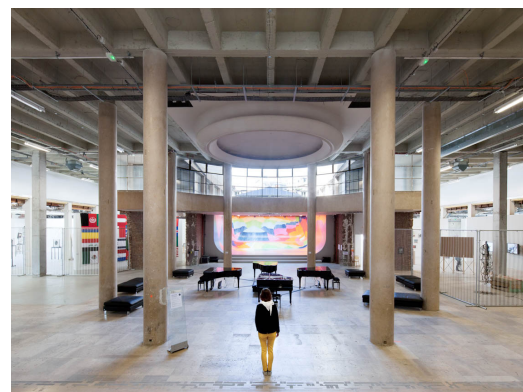
⁴⁰ Jesus, D. A. G. de. (2012). *(Re)Utilizar. O Edifício da Companhia Leiriense de Moagem, antigo Convento de S. Francisco de Leiria* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra. p. 89-93.



Img. 58 - Palais de Tokyo.



Imgs. 59 e 60 - Interior do Palais de Tokyo.



Imgs. 61 e 62 - Interior do Palais de Tokyo.

pretende-se que as intervenções sejam mínimas e apenas o indispensável ao funcionamento do novo uso, de maneira a conservar o património industrial e abraçando o aspecto da ruína. Os materiais aplicados foram usados no seu estado bruto e apenas com as medidas padrão. Este facto é justificado pela efemeridade das intervenções, de maneira a que o material possa ser aproveitado para outras iniciativas e o espaço industrial possa voltar à sua forma original.

8.4. Palais de Tokyo⁴¹, Paris, França.

O Palais de Tokyo, em relação aos três casos apresentados anteriormente, difere por ter sido construído originalmente como um centro de arte contemporânea. Este ocupa parte do sítio onde estava instalada uma antiga manufactura de tapetes da Savonnerie, que foi transferida em 1826. Ainda pertenceu à Manutenção Militar em 1930. Em 1934, o Estado Francês decidiu erguer um novo Museu Nacional de Arte Moderna, juntamente e com o acordo da cidade de Paris, detentora dos terrenos. Jean-Claude Dandel, André Aubert, Paul Viard e Marcel Dastugue foram os vencedores do concurso de arquitetura.

| 85

O edifício é caracterizado por uma arquitetura sóbria e monumental, composto por duas alas simétricas, separadas ao centro por uma fonte e escadarias. Em 1937 é inaugurado o Palais des Musées d'Art Moderne, na ala este, e é este que, mais tarde, tomou o nome de Palais de Tokyo, como referência ao cais com o mesmo nome. Em 1942, na ala oeste, é instalado o Museu Nacional de Arte Moderna.

Em 2002, com o financiamento do Ministério da Cultura e da Comunicação, a dupla de arquitetos Lacaton & Vassal levam a cabo uma intervenção de reabilitação no Palais de Tokyo/Site de création contemporaine. Este é um espaço interdisciplinar ligado à criação contemporânea como a pintura, escultura, cinema, literatura, dança, etc. A intervenção é caracterizada pela honestidade de materiais, em que o esqueleto do edifício é visível e os materiais são mantidos na sua forma bruta, fugindo à imagem limpa que os

⁴¹ Barata, A. A. (2015). *A Fábrica de Papel de Góis. Reabilitação do espaço industrial* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra. p. 68-70.

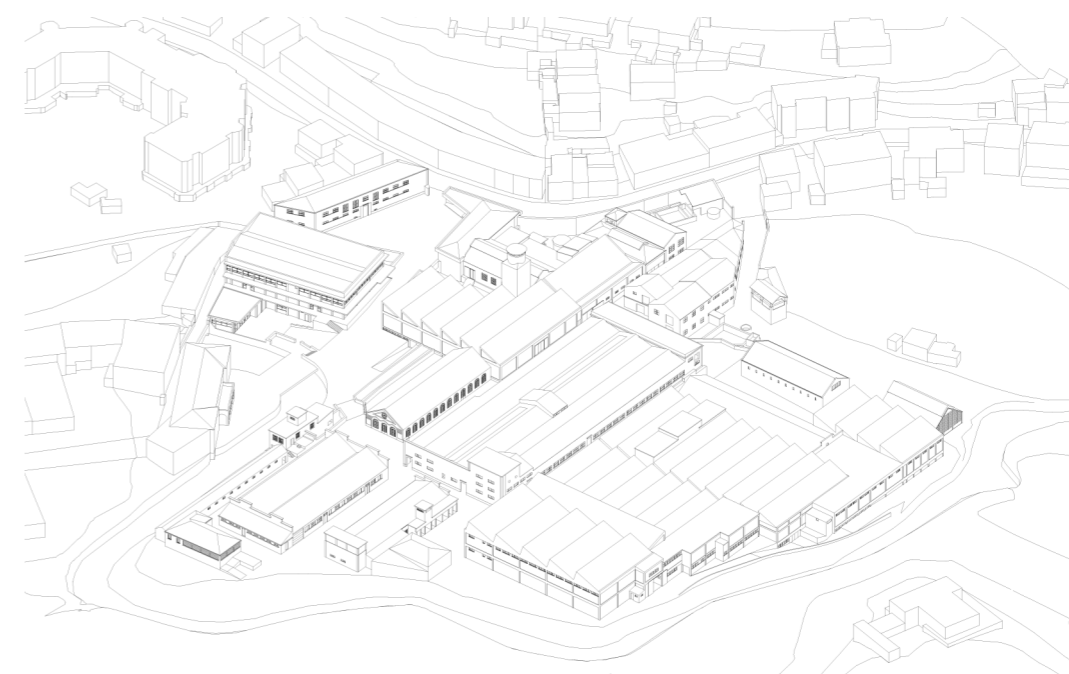
museus normalmente têm. Além disso, aqui não há um percurso traçado, o visitante utiliza o espaço de forma informal, conforme a sua vontade. O horário de abertura é também uma característica que o destaca de outros museus, estando aberto do meio dia à meia noite.

As galerias e corredores que constituem o espaço estão pensados de maneira a enfatizar a abertura e fluidez. São espaços flexíveis que permitem a organização de eventos e exposições, cinema, livrarias, restaurantes e cafés de maneira a tirar o máximo partido do espaço.

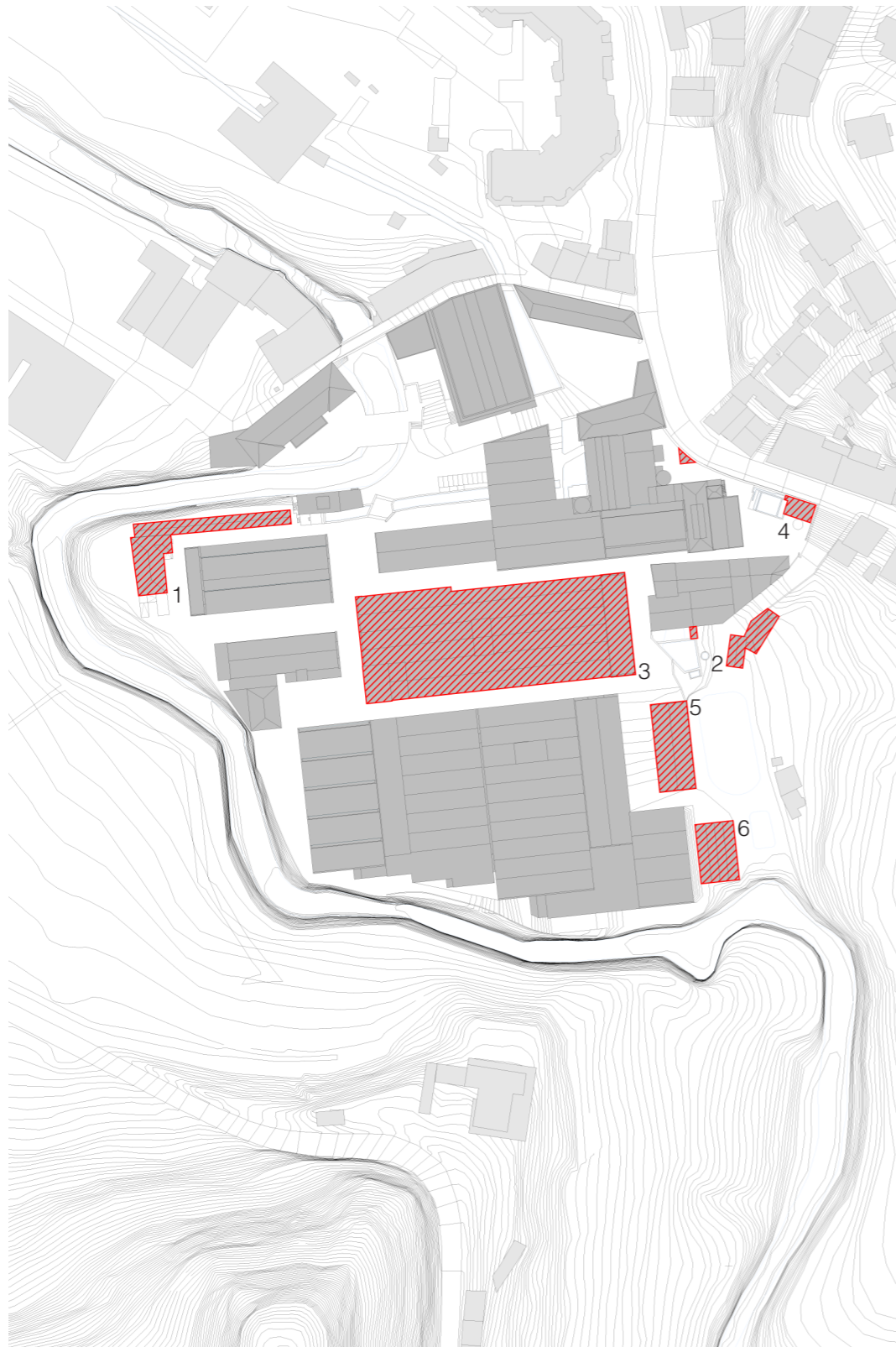
Esta intervenção torna-se interessante devido à forma como tratam o preexistente, reabilitando o espaço e ao mesmo tempo deixando as marcas do passado, permitindo a contínua mudança do aspecto dos materiais à medida que vão envelhecendo e ganhando patine.

Todos os exemplos aqui apresentados demonstram as vantagens do investimento na cultura e mostram ainda como se pode intervir de maneira subtil e delicada em património industrial (ou outro) sem que se perca a identidade do seu passado. Todos eles servirão como conceito base da proposta para a reabilitação da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas que se apresenta de seguida.

| 87



Img. 63 - Perspectiva isométrica da fábrica atualmente. Vista de Sudoeste.



1

2



3

3



4

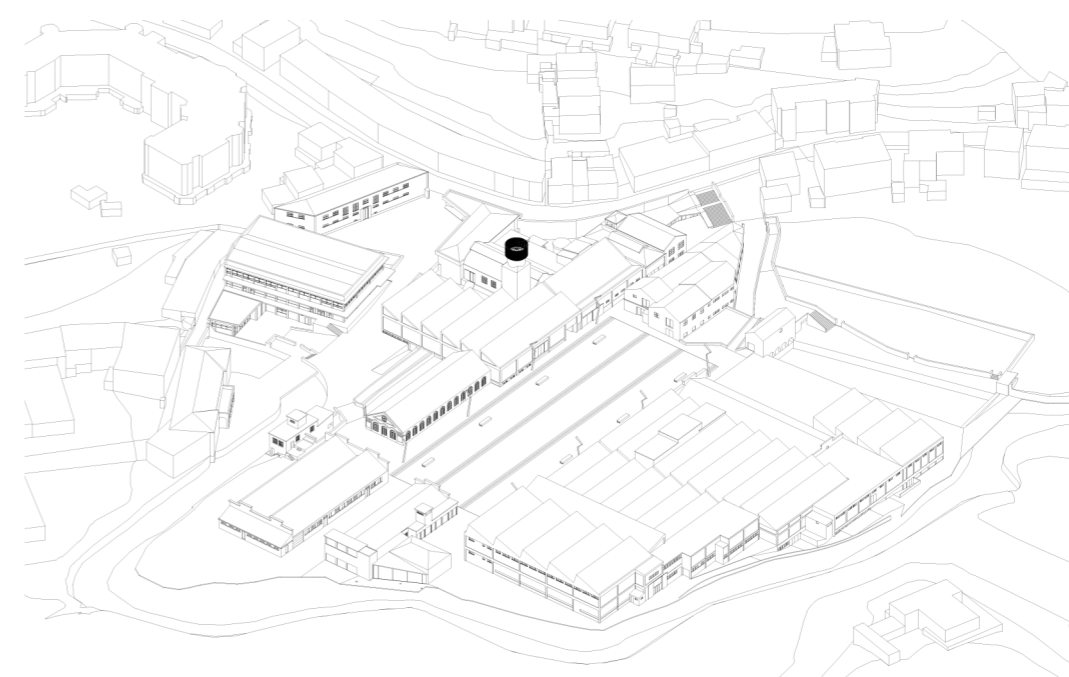
5 e 6

🕒 Img. 64 - Planta de implantação atual com demolições propostas. | Escala 1.2000.

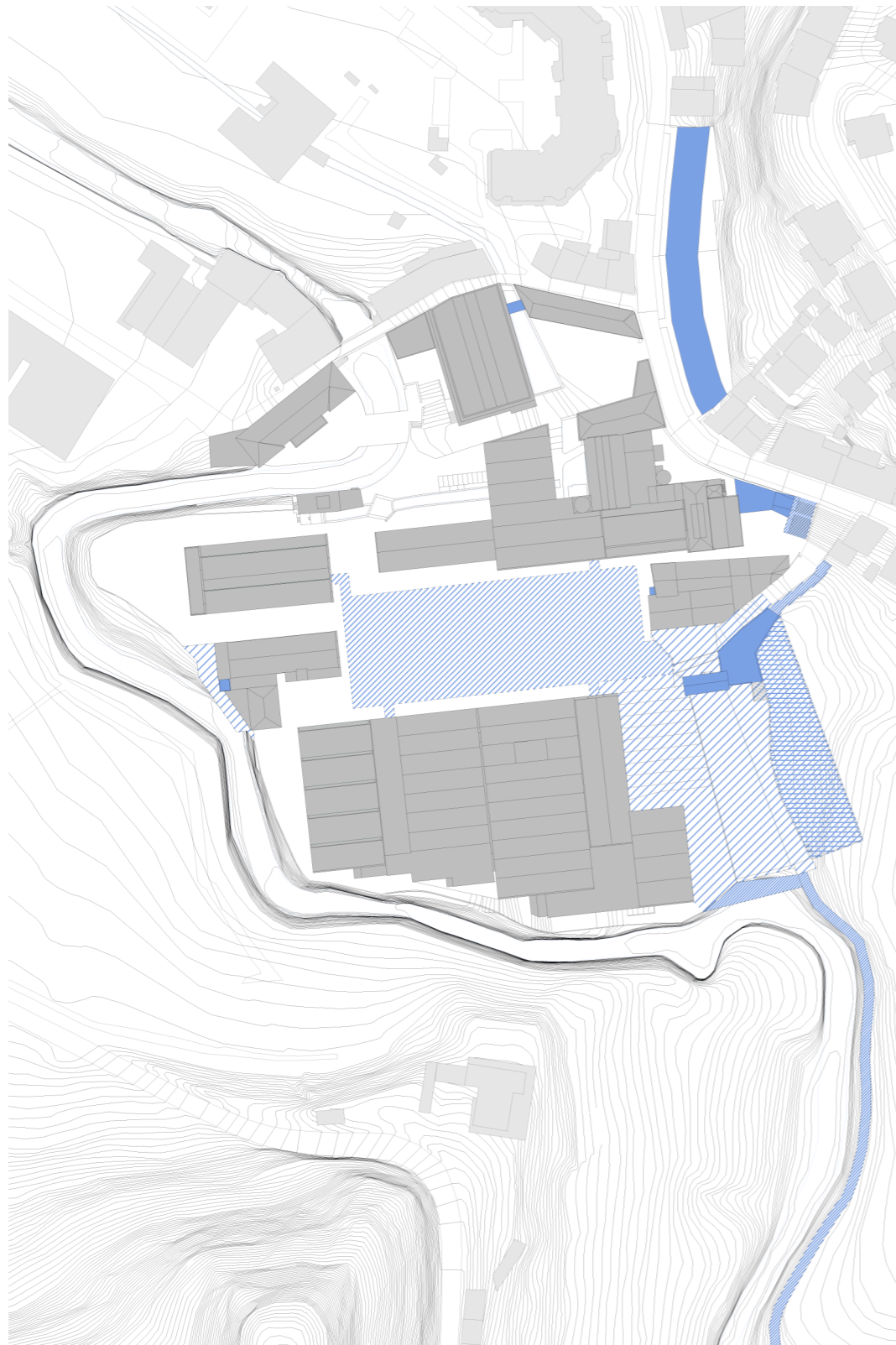
Imgs. 65, 66, 67, 68, 69 e 70 - Fotografias atuais.

A ideia principal deste projeto é tornar a antiga fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos de Torres Novas parte do tecido urbano e ligá-la ao centro da cidade, abrindo o espaço da fábrica às pessoas como um novo parque urbano e como um novo centro cultural. Respeitando o património existente serão atribuídos novos programas para a população em geral usufruir e será criado um percurso pedonal pelas margens do rio Almonda, fazendo assim a ligação da fábrica ao espaço de parque urbano já existente.

A nível do projeto do espaço da fábrica, é prevista a demolição de algum edificado com menos interesse arquitetónico, sendo na sua maioria pequenos armazéns, à excepção de um bloco central de maiores dimensões. Justifica-se a demolição deste pelo seu carácter pouco interessante, permitindo assim criar um espaço aberto central. Cria-se então uma praça organizadora do espaço da fábrica, sob a qual é possível criar um estacionamento subterrâneo com 116 lugares.

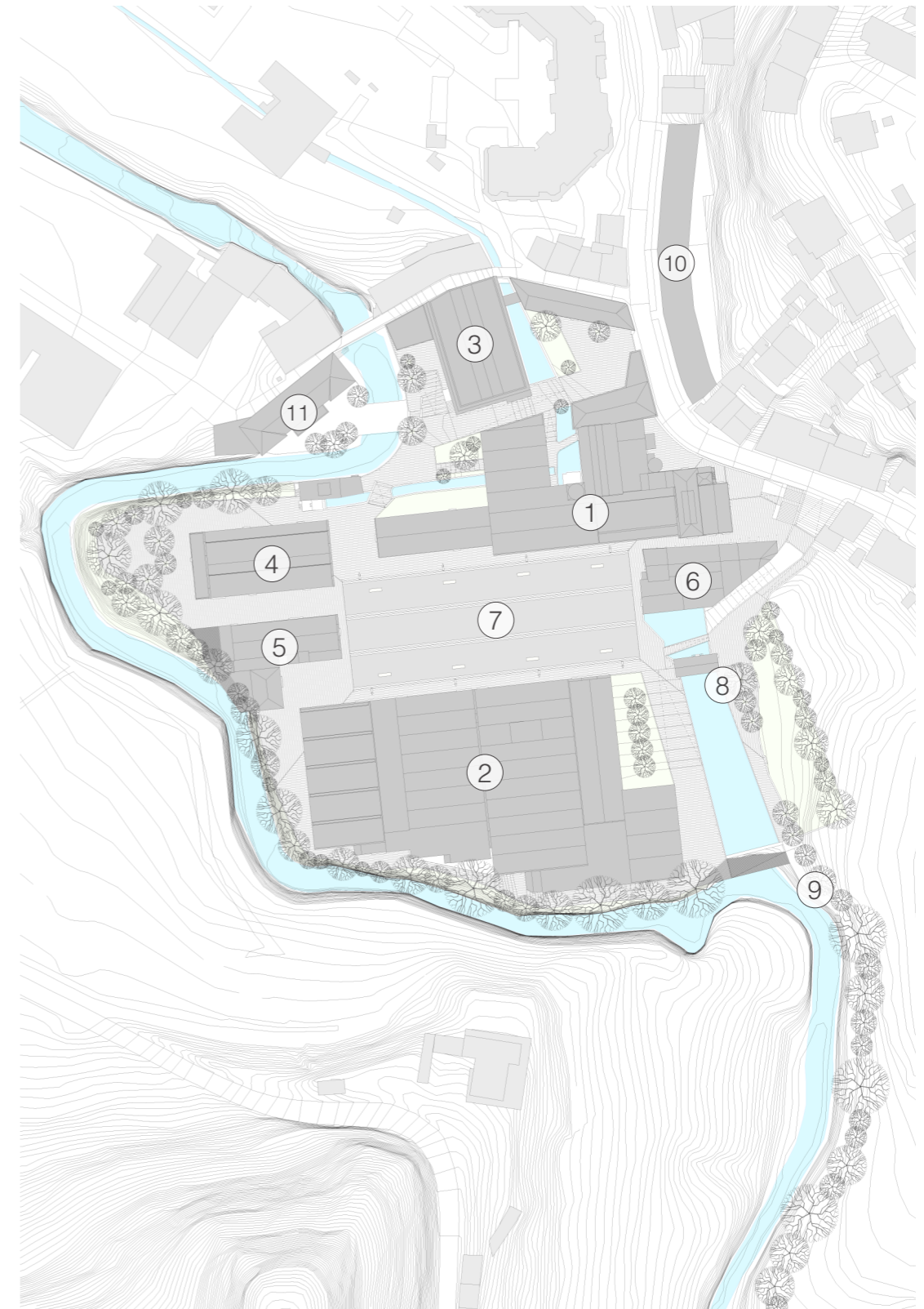


Img. 71 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste.



- Edifícios novos ▨ Edifício novo subterrâneo ■ Percurso Pedonal e Ponte
- ▨ Terreno arrendado ou comprado ▨ Alterações no terreno

🕒 Img. 72 - Planta de implantação com alterações propostas. | Escala 1.2000.



- Distribuição de Programa: 1 Museu CNFTTN; 2 Centro Cultural/ Incubadora de Empresas; 3 Hostel; 4 Minimercado; 5 Restaurante; 6 Ginásio; 7 Estacionamento; 8 Piscinas Fluviais/ Moinho/ Balneários; 9 Caminho de Ligação ao Centro da Cidade; 10 Habitação; 11 Infantário.

🕒 Img. 73 - Planta de implantação da proposta. | Escala 1.2000.

É previsto um melhor aproveitamento das margens do rio, que circundam parte do perímetro da fábrica, de modo a criar um parque verde público, com espaços de descanso, recreio infantil, esplanadas, etc.

Recriando a memória do antigo Moinho de Santa Bárbara, localizado a sudeste no complexo fabril, é proposto um novo edifício evocando o antigo moinho aí localizado, e também uma piscina fluvial - onde em tempos desaguava o canal de água no rio Almonda.

Os novos usos propostos foram pensados de modo a melhorarem a dinâmica turística, social e económica da cidade de Torres Novas, que hoje em dia não proporciona muitas oportunidades para jovens e novos empreendedores. Foram também pensados de maneira a trazer vitalidade a este espaço abandonado. A proposta de revitalização deste espaço envolve tanto investimento público como privado, sendo que no primeiro se insere o Museu da CNFTTN, o Centro Cultural e Incubadora de Empresas, a piscina fluvial e o estacionamento, e no segundo o hostel, o minimercado, o restaurante, o ginásio e um edifício de habitação colectiva. O infantário que se encontra a funcionar neste momento no local é mantido sem qualquer alteração.

| 91

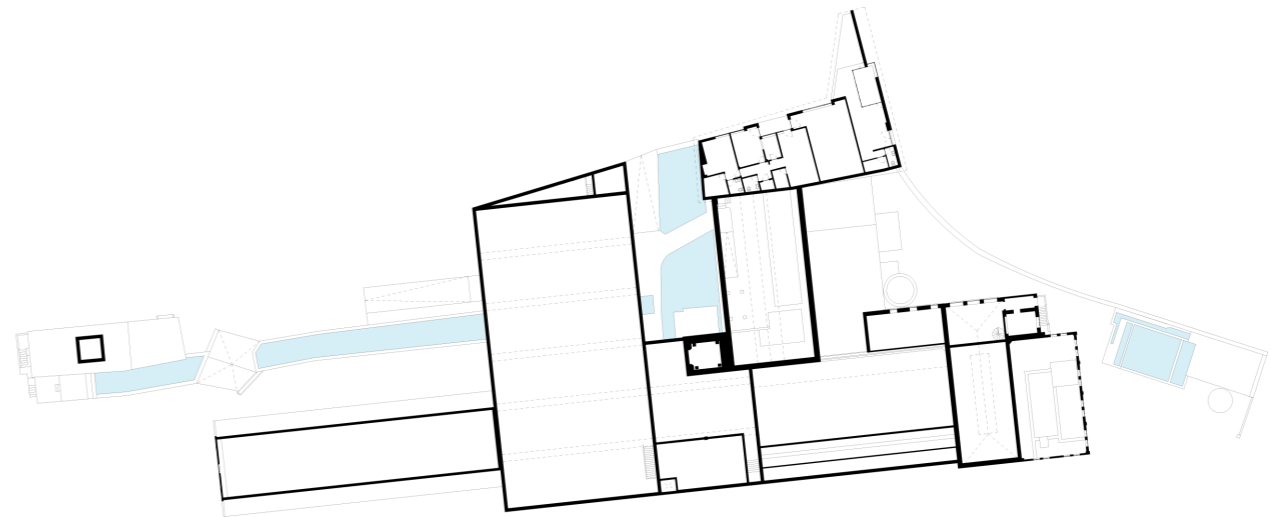


Img. 74 - Localização dos edifícios.

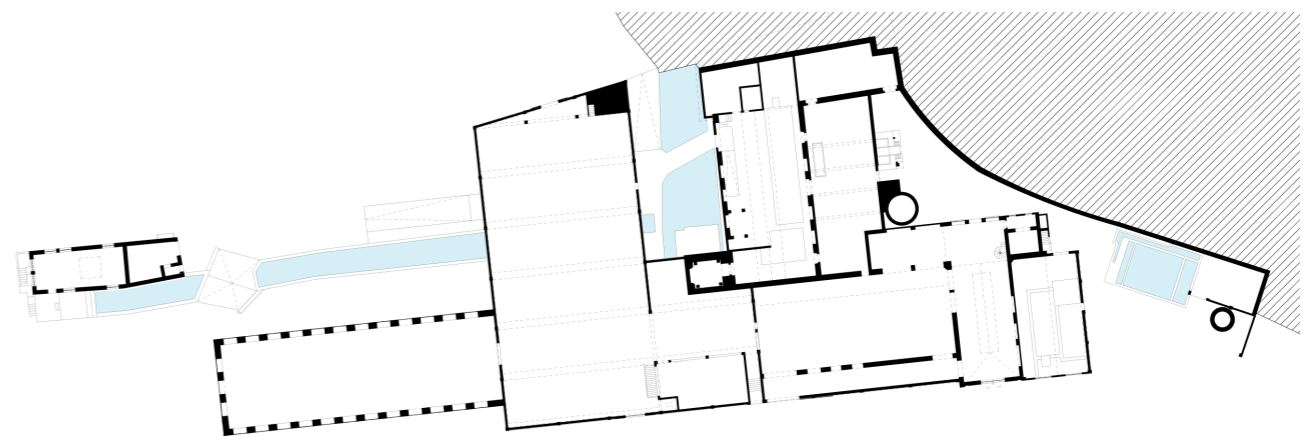


Imgs. 75, 76, 77, 78, 79 e 80 - Fotografias atuais.

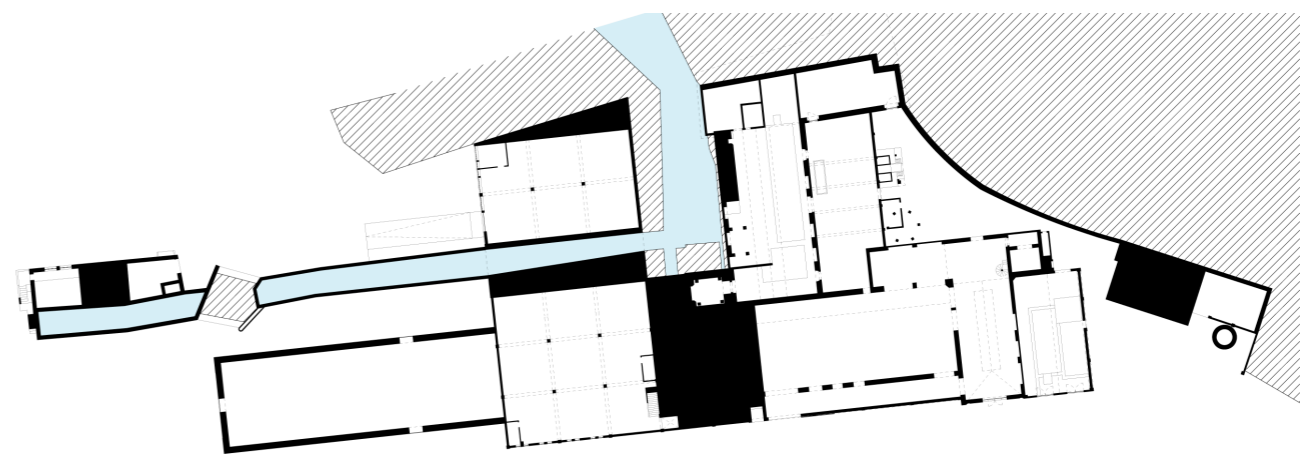
v.s.f.f.



Piso 1



Piso Térreo

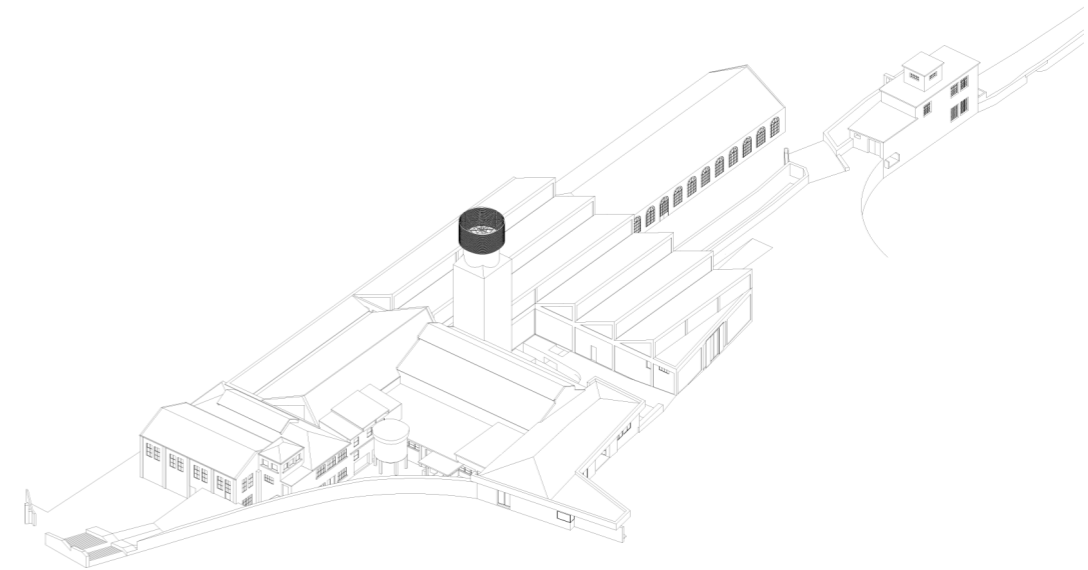


Cave

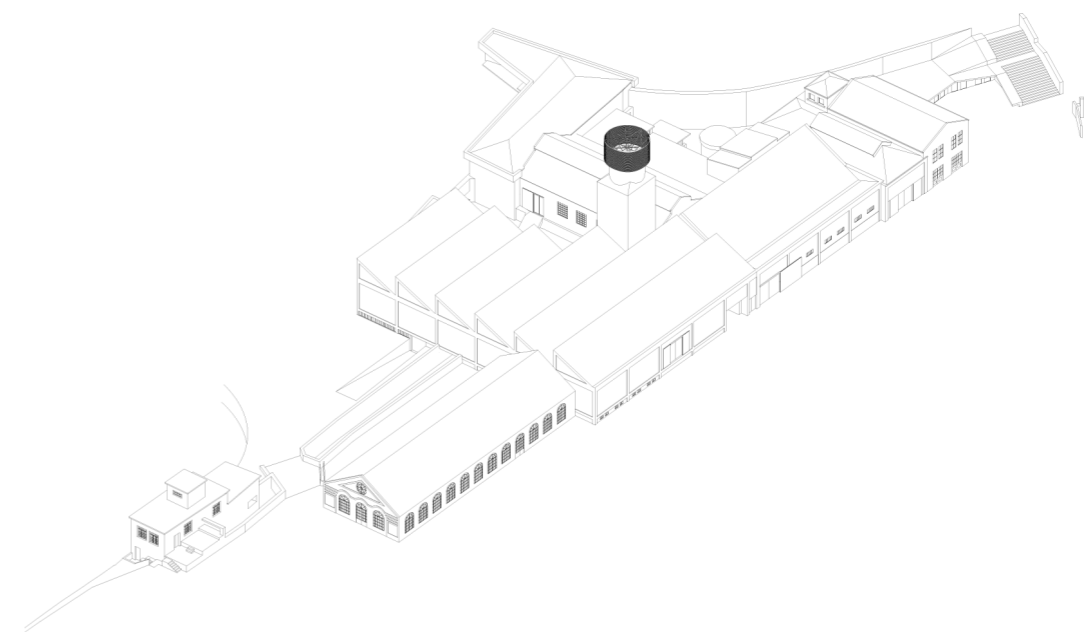


A escolha deste novo programa prende-se com a importância e relevância que esta fábrica teve em tempos anteriores, não só na vida dos torrejanos, em particular, mas também a nível nacional. A vontade de manter a memória desta peça essencial da história e do crescimento da cidade de Torres Novas é agora uma necessidade que justifica esta intervenção.

O Museu da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas irá ocupar o edifício mais antigo da fábrica. Este remonta aos anos iniciais da Companhia (1845-1898). Na década de 1960 sofreu alterações com a adição de dois novos volumes, um numa posição central, tomando a forma de um grande pavilhão com cobertura em *shed*, construído em 1966, e um outro, a marcar e a tornar mais atrativa a entrada da fábrica, construído em 1969. Foram ainda feitas alterações ao volume mais à esquerda do conjunto que era conhecido como a “Casa do Machinismo”. Neste conjunto de volumes funcionaram a portaria, o mostruário e o posto médico (no volume que marca



Img. 84 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste.



Img. 85 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste.



Img. 86 - Fotografia atual.

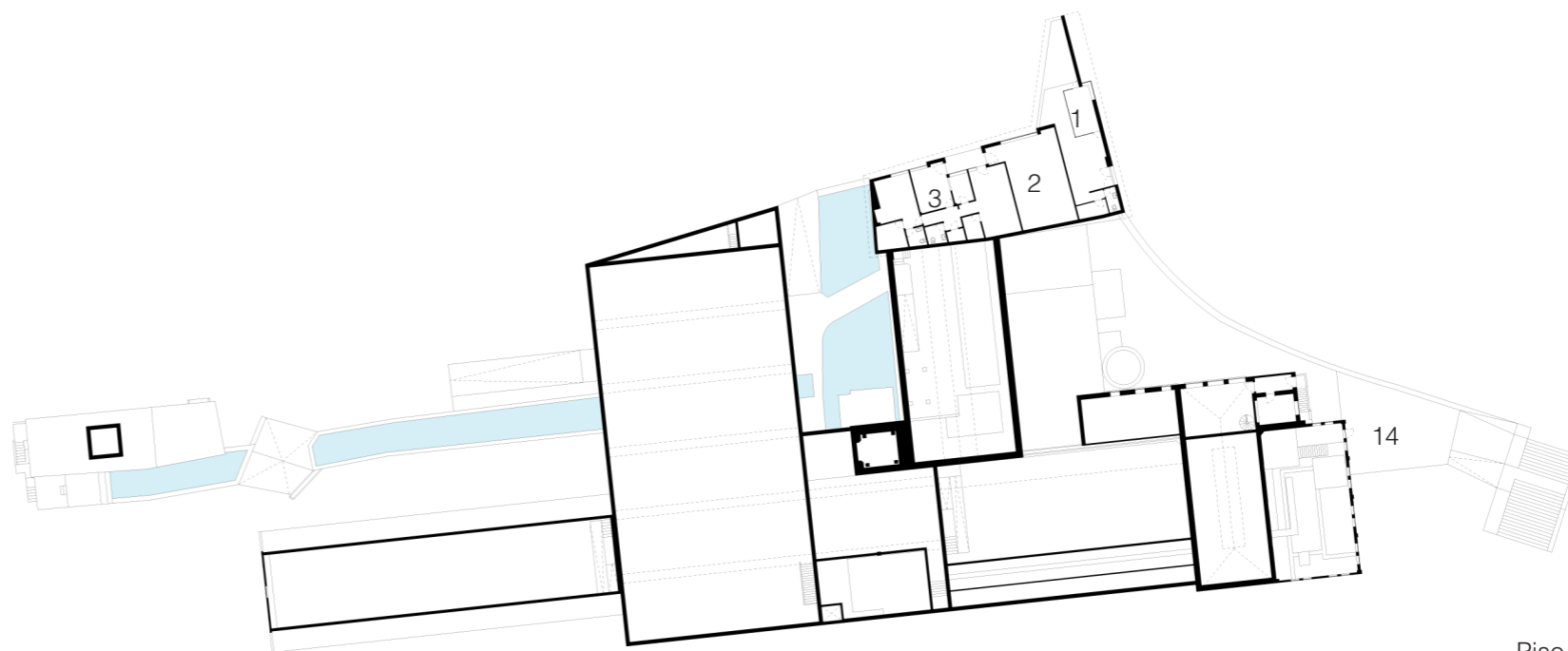


Img. 87 - Fotomontagem com a proposta para a sala de exposição permanente.

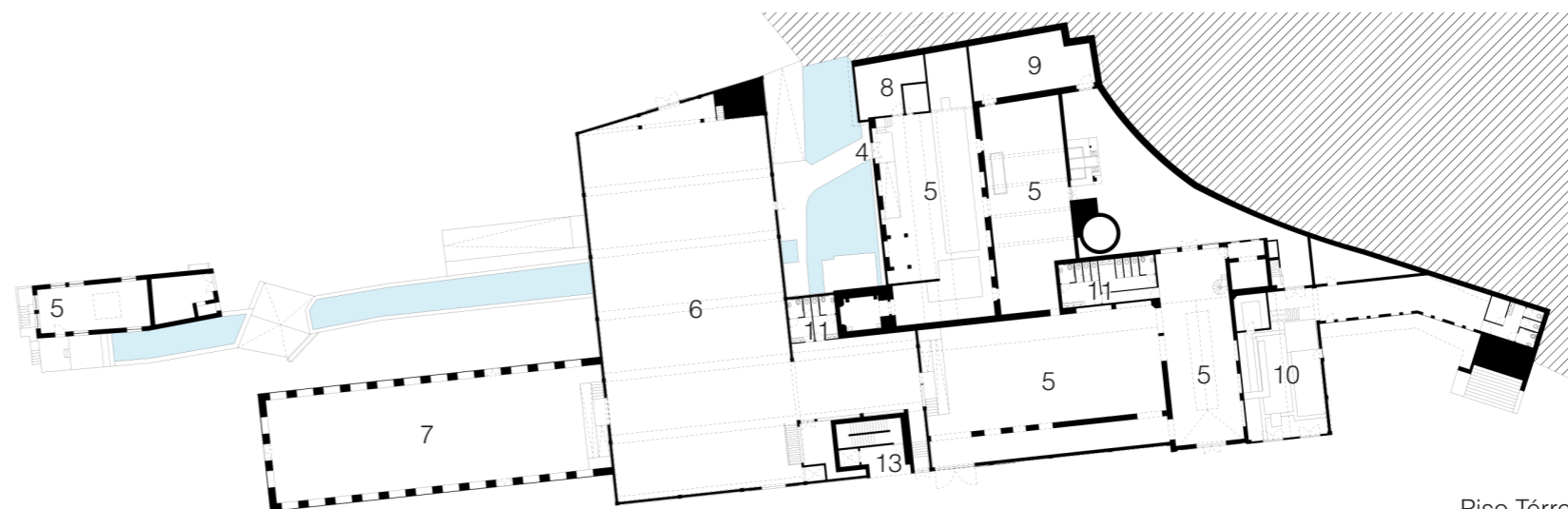
Distribuição de programa: 1 Bilheteira; 2 Loja; 3 Serviços Administrativos; 4 Entrada; 5 Sala de Exposição Permanente; 6 Museu "Vivo"; 7 Sala de Exposição Temporária; 8 Atelier; 9 Armazém; 10 Cafeteria; 11 Instalações Sanitárias; 12 Área Funcionários + Vestiários; 13 Acesso Estacionamento; 14 Esplanada.



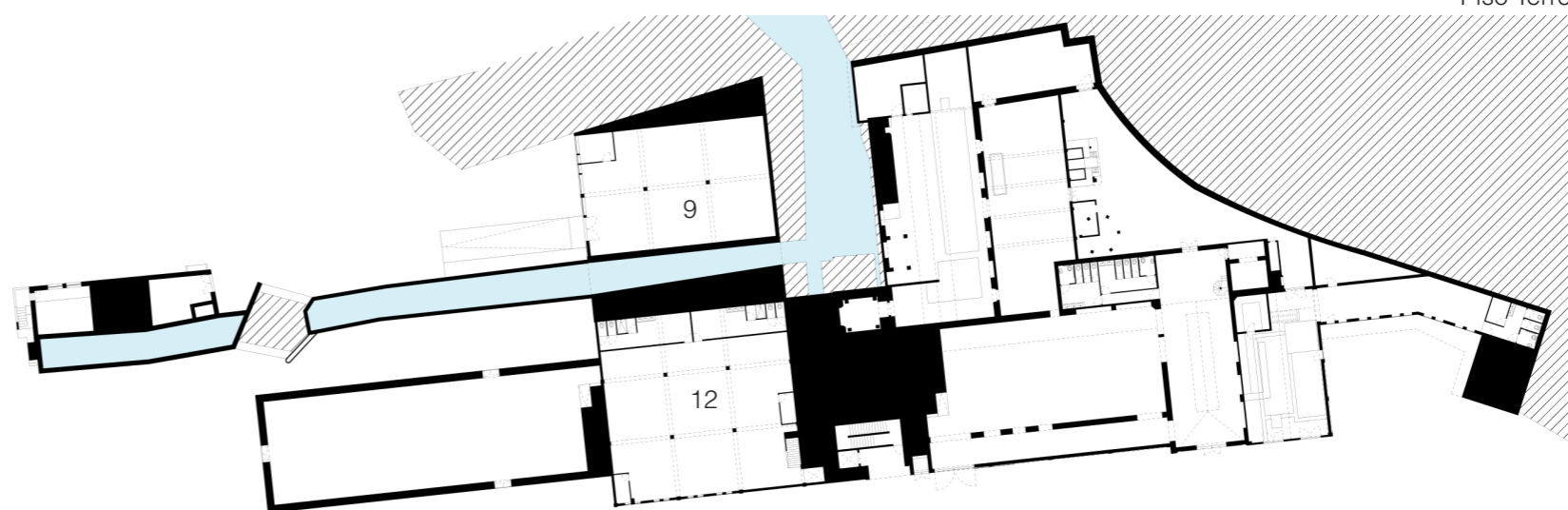
Imgs. 88, 89 e 90 - Plantas da proposta. | Escala 1.750.



Piso 1



Piso Térreo



Cave

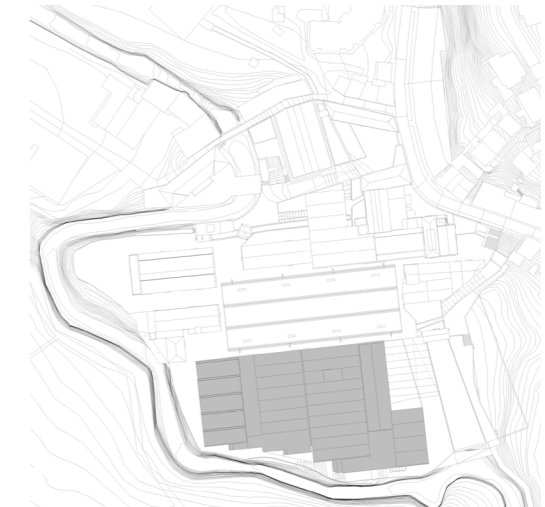
a entrada), a tinturaria, a tecelagem de mangueiras, a central de vapor, a tecelagem de lonas, e ainda escritórios da administração. A pequena central hidroelétrica irá fazer parte do conjunto do Museu.

No bloco da entrada da fábrica estará a bilheteira, a loja de recordações do Museu e serviços administrativos. Este não sofrerá alterações significativas visto que o novo programa se adapta facilmente ao existente.

O Museu será composto por quatro salas com exposição permanente, um pavilhão com o Museu “Vivo” (onde será possível interagir com máquinas de fiação antigas, etc.), uma sala de exposições temporárias que pode funcionar como uma sala de eventos igualmente, e uma cafetaria. Na central hidroelétrica haverá uma exposição permanente.

A parte mais antiga deste conjunto encontra-se em avançado estado de degradação e será necessária a construção de uma nova cobertura num dos espaços, cobertura que foi destruída aquando do processo de desmantelamento da fábrica. No geral será necessária uma intervenção para que se trave o processo de degradação que é bastante visível. São também acrescentadas instalações sanitárias em dois pontos do Museu. Num dos espaços da cave serão instalados os vestiários para os funcionários do Museu.

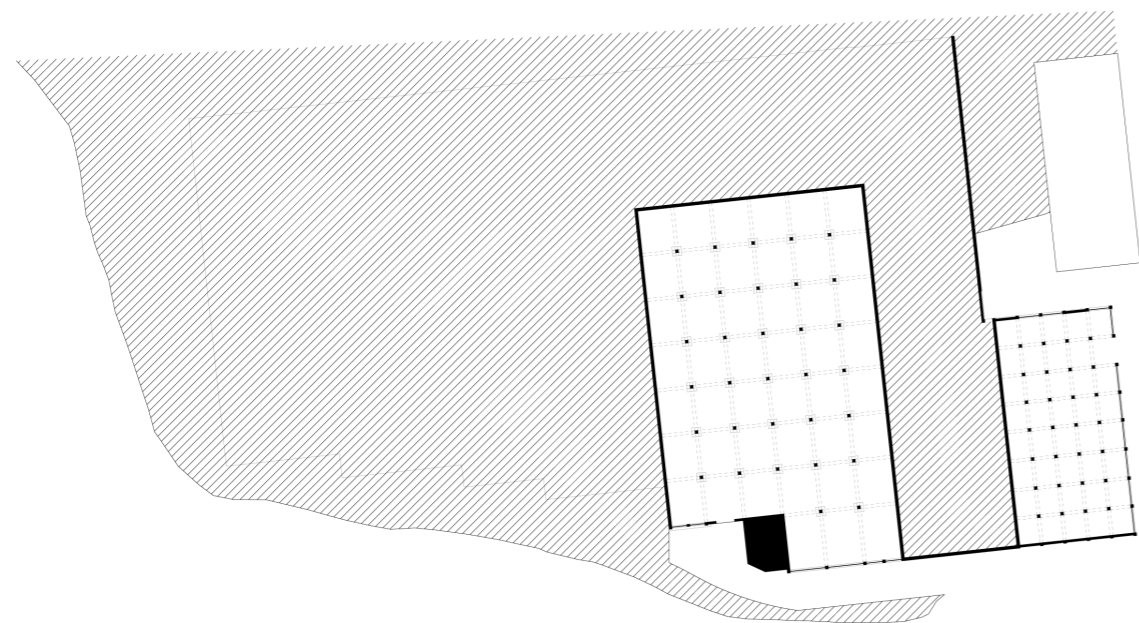
Neste conjunto existe ainda uma torre com reservatório de água com aproximadamente 20 metros de altura. Prevê-se a adição de uma nova peça em aço corten no topo, que dará mais 3,2 metros de altura à torre. Pretende-se que não seja uma peça pesada visualmente e de noite lançará um foco de luz vertical. Nesta estará inscrito o nome do novo espaço cultural, de forma a anunciar a sua presença. Ainda no corpo da torre será possível publicitar o programa deste espaço através de lonas ou telas.



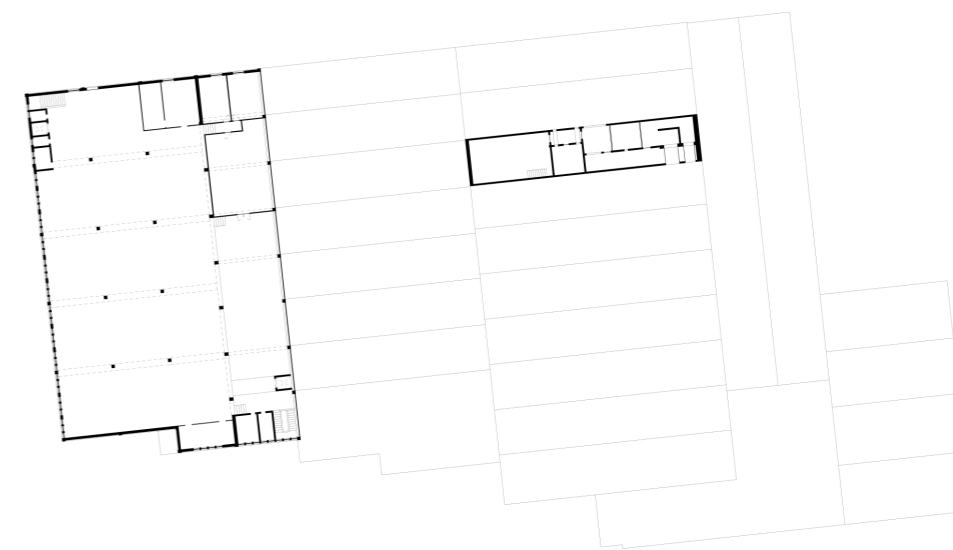
Img. 91 - Localização do edifício.



Imgs. 92, 93, 94, 95, 96, 97 e 98 - Fotografias atuais.



Cave



Piso 1

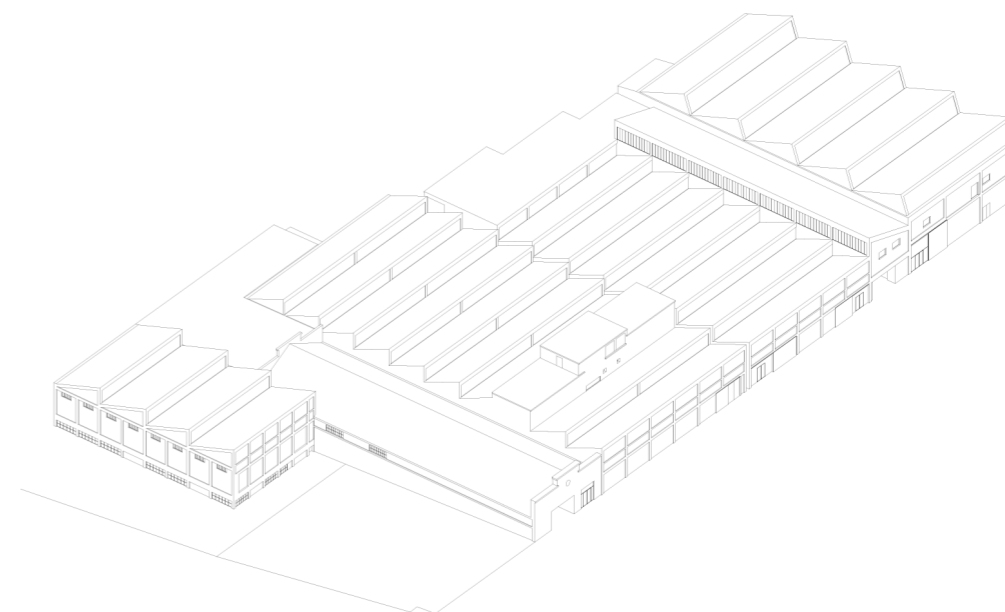


Piso Térreo

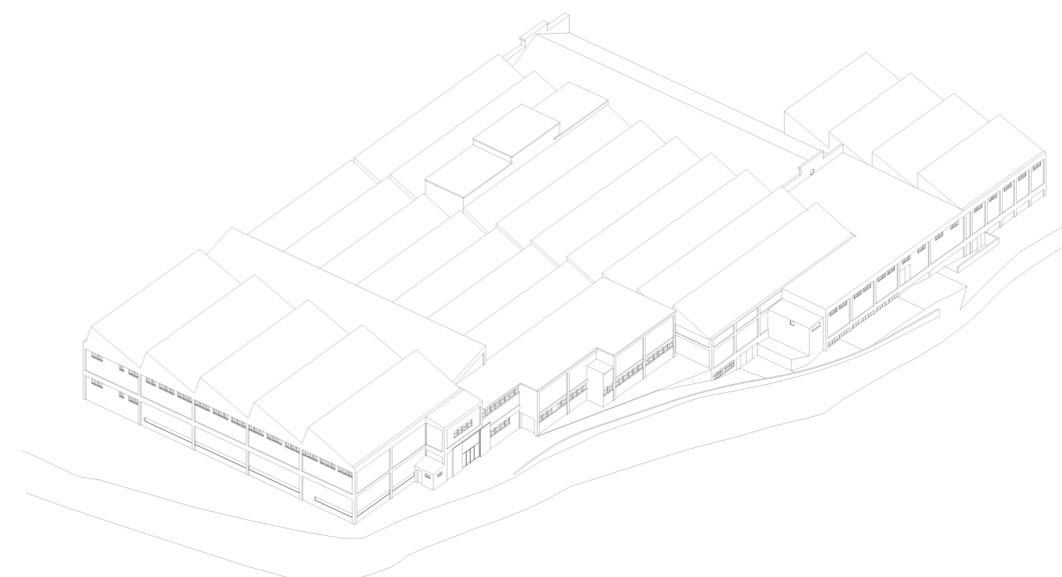


Como já foi referido anteriormente, a cidade de Torres Novas não oferece um grande leque de oportunidades para os jovens ou para quem tenha ideias novas e as queira desenvolver. Neste sentido, este novo programa irá trazer uma nova vitalidade e mais oportunidades à cidade impulsionando-a para um novo patamar de desenvolvimento, seja ele económico, cultural ou social.

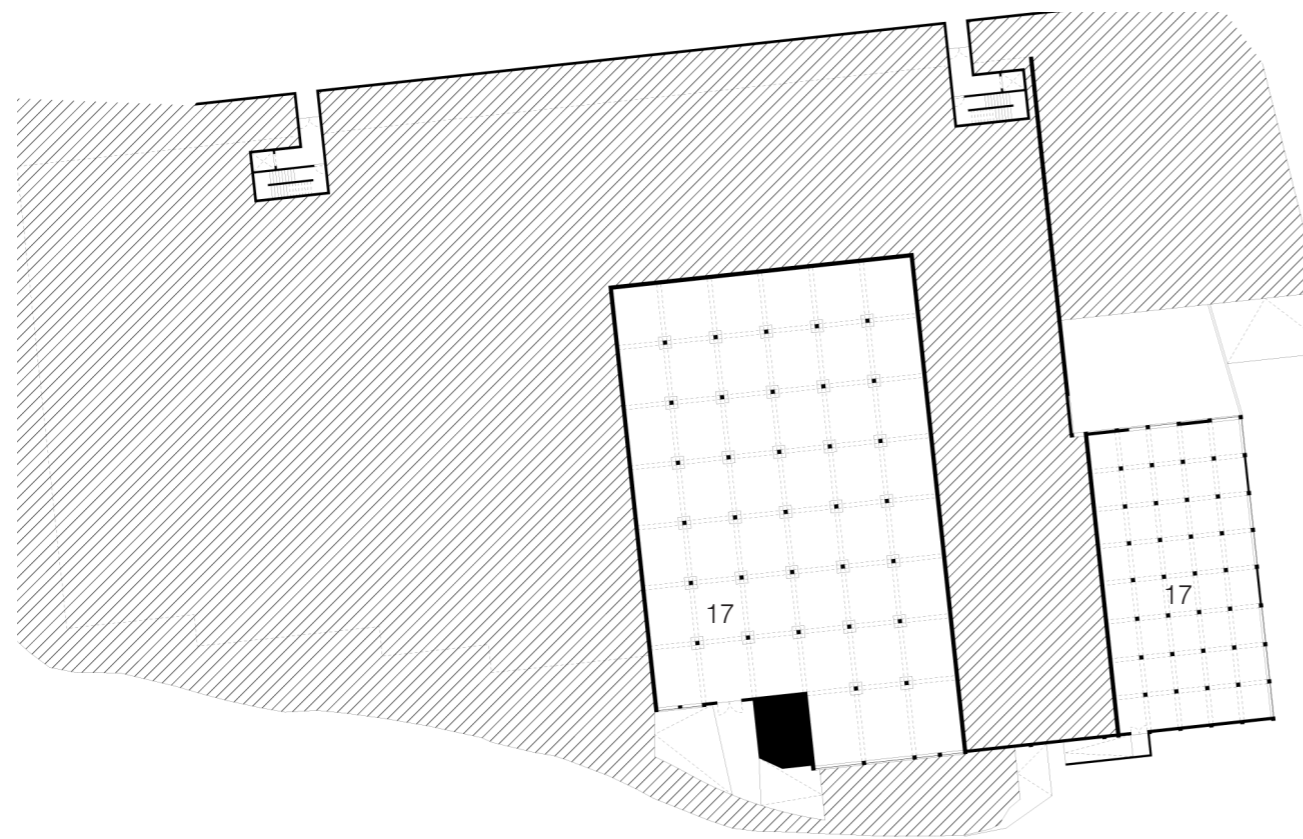
O bloco mais a sul da Companhia, será o Centro Cultural e Incubadora de Empresas. Este edifício começou a ser construído em 1957, começando pelos volumes do lado nascente. Logo em 1958, foi feito um novo volume a ponte do primeiro, mantendo uma pequena separação que é pouco perceptível pelo exterior. Em 1959 construiu-se um novo volume separado por cerca de 8 metros do último. No início da década de 80, fizeram novo acrescento de modo a unirem estes dois últimos volumes, acrescentando ainda um andar.



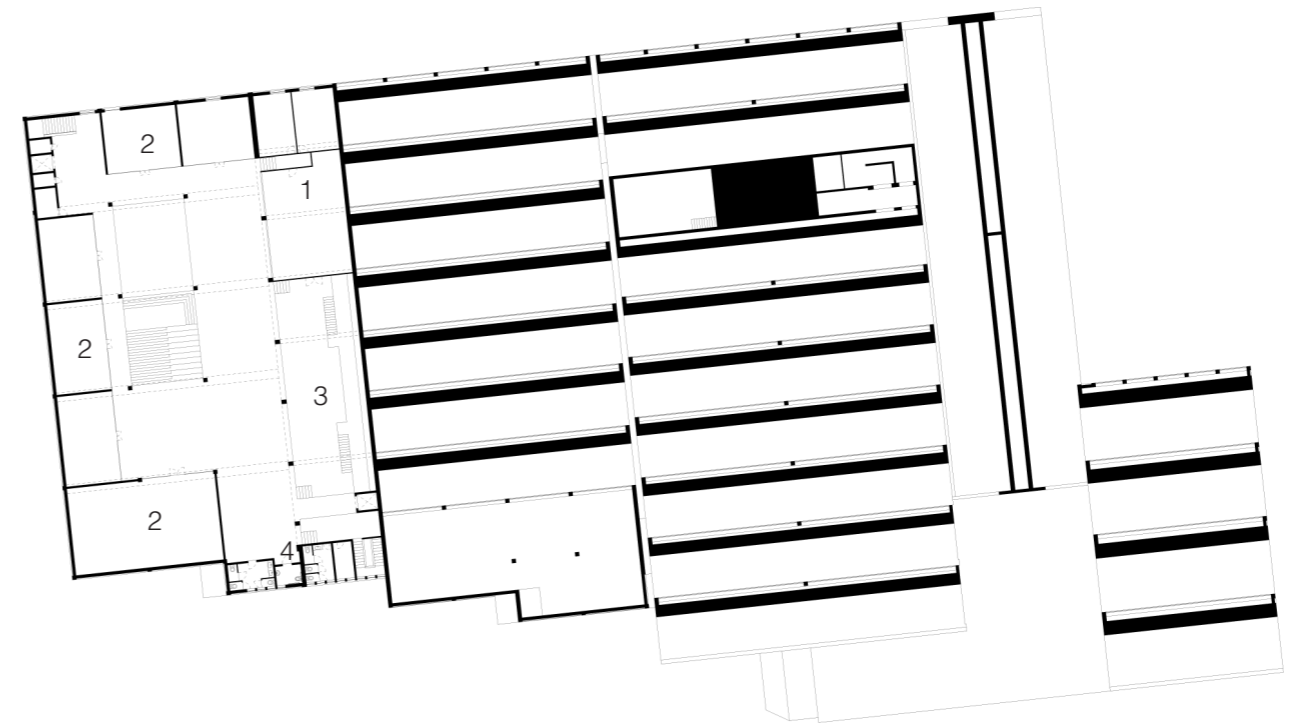
Img. 102 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste.



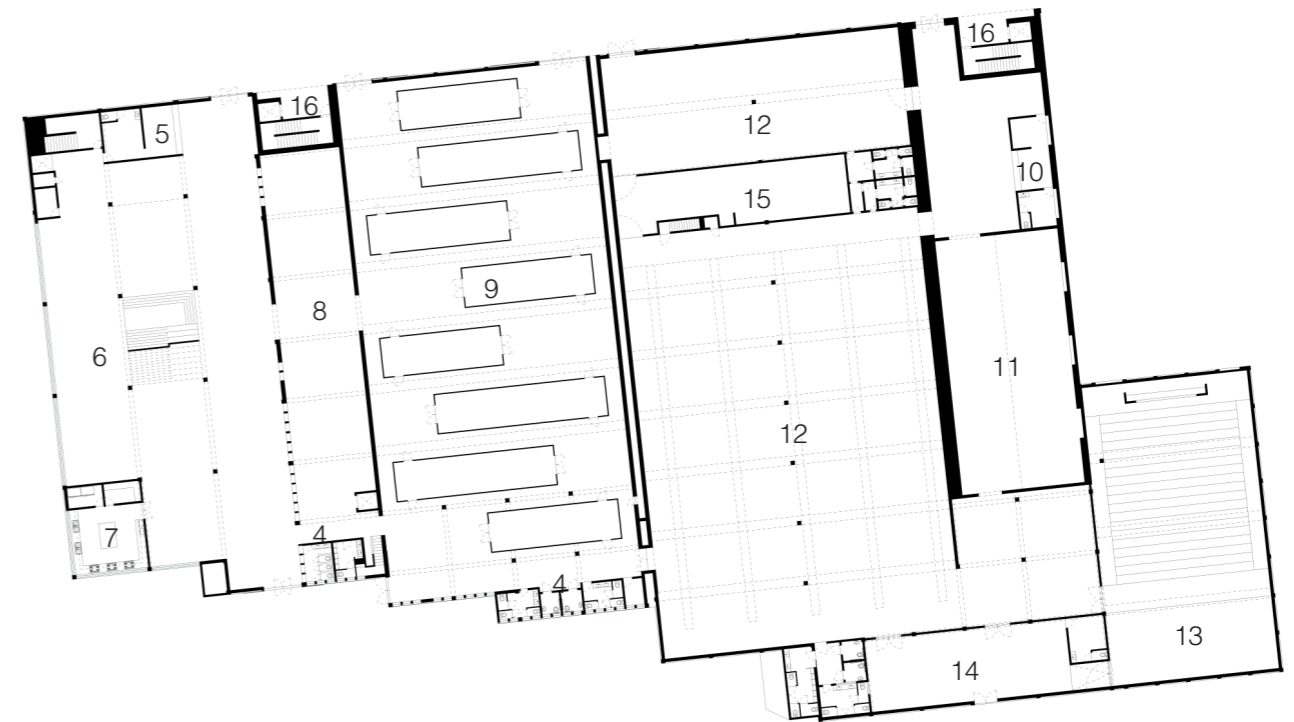
Img. 103 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste.



Cave



Piso 1



Piso Térreo

Distribuição de Programa: 1 Serviços Administrativos; 2 Sala de Reuniões/ Conferências/ Escritório; 3 Biblioteca; 4 Instalações Sanitárias; 5 Recepção da Incubadora de Empresas; 6 Área de Convívio; 7 Cozinha; 8 Área de Exposição; 9 Escritórios (com exemplo de disposição das "caixas"); 10 Recepção do Centro Cultural; 11 Sala de Exposição Temporária; 12 Sala Polivalente; 13 Auditório; 14 Zona Técnica; 15 Arrumação; 16 Acesso Estacionamento; 17 Armazém.



Imgs. 104, 105 e 106 - Plantas da proposta. | Escala 1.750.

No bloco mais antigo ficará o Centro Cultural que será composto pela recepção, uma sala de exposições temporárias, duas salas polivalentes e um auditório (com a respectiva área técnica). Da recepção será possível aceder às duas salas polivalentes (uma com 345 m² e outra com 1230 m²). Estas estarão separadas por um volume que antigamente alojava todo o sistema de ventilação, sendo agora destinado a um espaço de armazenamento e instalações sanitárias que serão acessíveis pelas duas salas. Ao fundo da maior sala polivalente é proposto outro conjunto de instalações sanitárias.

O auditório, com capacidade para 314 pessoas, estará localizado no extremo inferior direito do edifício e será acessível passando pela recepção e pela sala de exposições temporárias. Nesta zona a necessidade de alteração dos espaços é maior. A estrutura de pilares será mantida, sendo necessário retirar algumas paredes e acrescentar outras. Por baixo do auditório existe uma cave que servirá como espaço de armazenamento do Centro Cultural e que é acessível somente pelo exterior, sendo criado um novo acesso. Na área técnica do auditório será criado também um novo acesso ao exterior onde será necessária a instalação de um elevador hidráulico para vencer a diferença de cotas entre o piso do edifício e o terreno no exterior.

| 99

Nos restantes volumes deste conjunto funcionará a Incubadora de Empresas. O piso térreo é constituído por duas grandes salas separadas por um espaço mais estreito. No primeiro espaço, estará situada a recepção, a área de convívio e a cozinha. Originalmente este é um espaço bastante fechado com pouca iluminação. São por isso propostas aberturas horizontais nas fachadas a poente e sul. É também proposta uma nova ligação ao piso superior através de um novo bloco de escadas no meio deste espaço. Esta abertura para o piso superior oferecerá também uma nova entrada de luz.

No espaço mais estreito fica uma área de exposição que servirá quem quiser divulgar o seu trabalho ou negócio.

O segundo grande espaço, favorecido pelo pé direito duplo e por cobertura em *shed*, é bastante iluminado. Sendo um espaço completamente aberto torna-se muito flexível, por isso, aqui estarão várias “caixas” que funcionarão como escritórios. Estas “caixas” são estruturas constituídas por módulos de 1 x 3m (painéis de sanduíche revestidos a madeira) que poderão



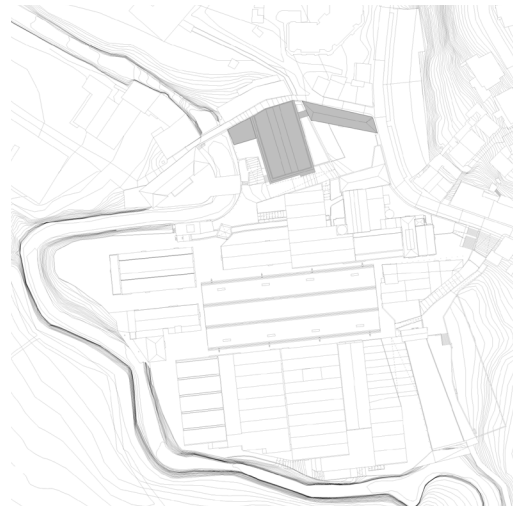
Img. 107 - Fotografia atual.



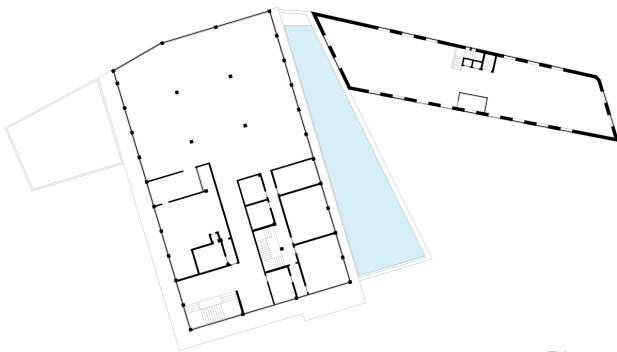
Img. 108 - Fotomontagem com a proposta para a sala polivalente.

ser acrescentados de acordo com as necessidades da empresa. O espaço intersticial servirá para que possa haver convívio e troca de ideias entre cada colectivo. Estes espaços serão servidos por dois conjuntos de instalações sanitárias localizadas em dois pontos distintos.

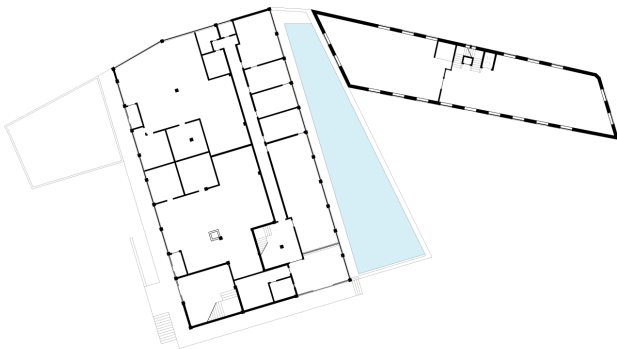
No piso superior à sala de convívio e recepção, que é acessível através da nova escadaria ou pelos acessos já existentes, nomeadamente dois elevadores, estará localizada a administração, salas de reunião, escritórios e uma pequena biblioteca. Este será um espaço amplo com boa iluminação graças à sua cobertura em *shed* e às janelas em todas as fachadas.



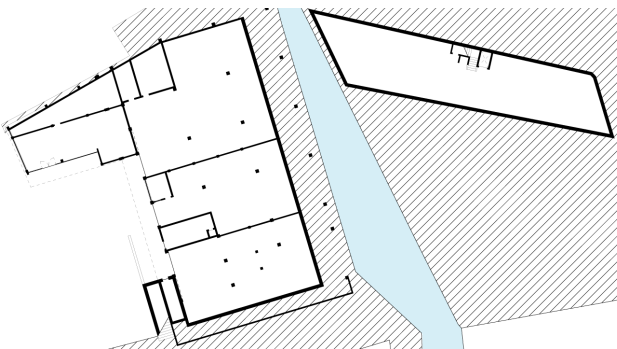
Img. 109 - Localização do edifício.



Piso 1



Piso Térreo



Cave



Imgs. 113, 114 e 115 - Plantas atuais. | Escala 1.1000.

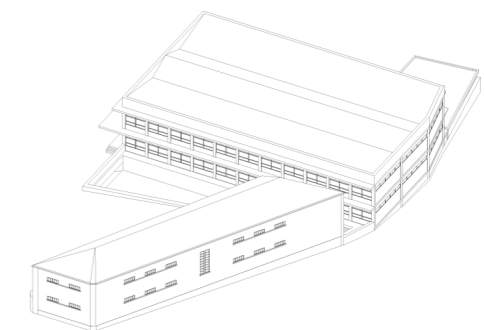


Imgs. 110, 111 e 112 - Fotografias atuais.

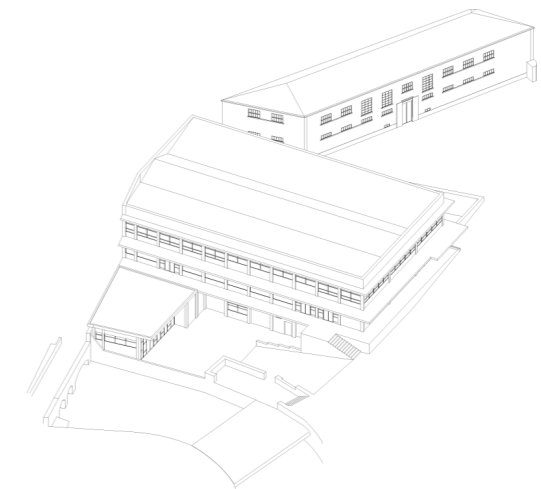
Hoje em dia, na cidade de Torres Novas, é pouca ou nenhuma a oferta de alojamento barato, justificando-se assim a escolha de um hostel como novo programa para estes dois edifícios.

O hostel é composto por dois edifícios, cada um com três pisos - cave, rés-do-chão e 1º andar. O bloco de maiores dimensões, de construção moderna da década de 60, é destinado aos quartos. As fachadas são mantidas na sua essência, no entanto há a necessidade de uma alteração total do interior, sendo mantida apenas a estrutura regular de pilares e os acessos verticais. O segundo bloco, mais antigo, funcionava como armazém e por conseguinte é constituído por espaços abertos, sem grandes divisões. A este será destinada a cozinha/refeitório, sala de convívio e lavandaria. Sofrerá pequenas alterações a nível espacial com a adição da cozinha e novas instalações sanitárias.

A ligação entre os dois edifícios será assegurada por uma passagem



Img. 116 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste.



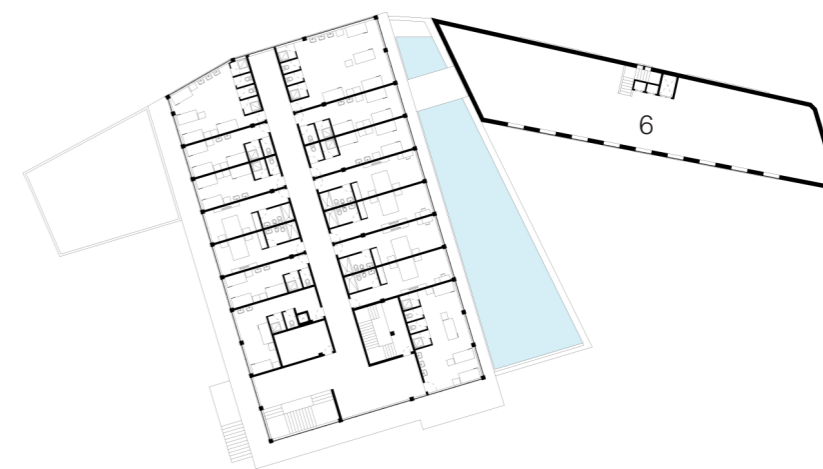
Img. 117 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste.



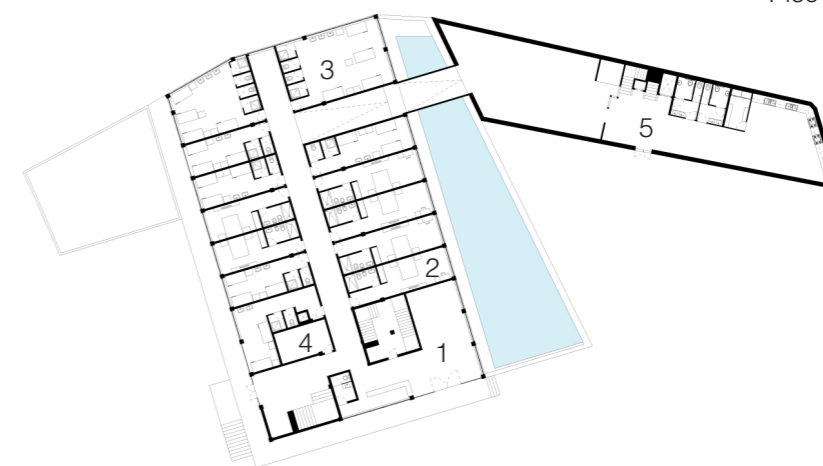
Img. 118 - Fotografia atual.



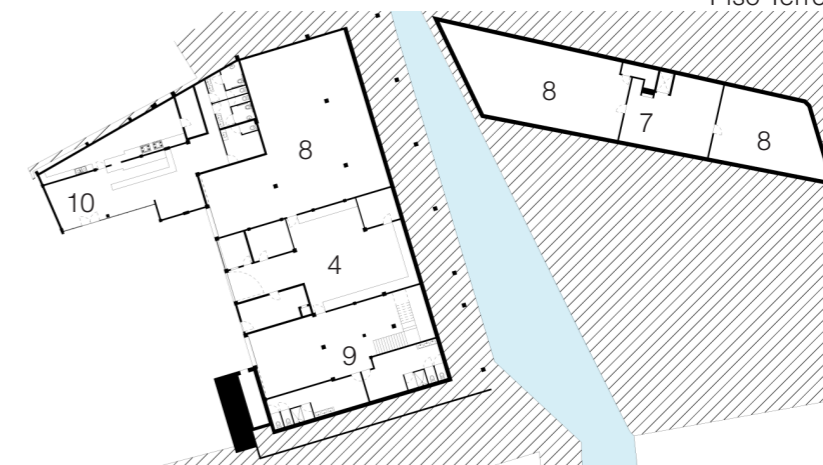
Img. 119 - Fotomontagem com a proposta da nova ligação entre os dois edifícios.



Piso 1



Piso Térreo



Cave

Distribuição de programa: 1 Recepção + Sala de Espera; 2 Quarto Individual; 3 Quarto Colectivo; 4 Serviços; 5 Cozinha + Sala de Refeições; 6 Sala de Convívio; 7 Lavandaria; 8 Armazém; 9 Área Funcionários + Vestiários; 10 Bar.



Imgs. 120, 121 e 122 - Plantas da Proposta. | Escala 1.750.

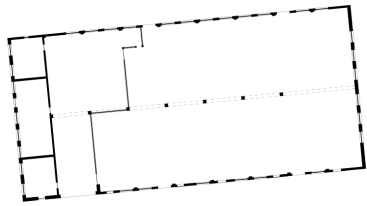
coberta ao nível do rés-do-chão que passa sobre o canal de água que separa os dois blocos.

O acesso ao hostel é feito pelo volume dos quartos, no rés-do-chão. Este terá uma sala de espera e recepção, por onde será possível aceder ao corredor de distribuição dos quartos. Os quartos estão localizados no rés-do-chão e no 1º andar, perfazendo um total de doze (12) quartos privados com casa de banho própria, e dezasseis (16) quartos colectivos ou camaratas com casas de banho partilhadas, sendo possível alojar um total de 136 hóspedes. Na cave deste volume funcionam as zonas de serviço ao hostel com vestiários para o pessoal, lavandaria, cozinha e armazém. A deslocação do pessoal de serviço dentro do hostel é feita por um acesso vertical reservado, sendo criado um novo bloco de escadas entre a cave e o rés-do-chão. Não sendo possível criar um novo elevador, a deslocação de material entre pisos será assegurada por um elevador de pequenas dimensões já existente. Ainda neste piso, mas numa posição mais aberta ao público, com o rio a passar ao lado, existirá um bar, que servirá o público geral.

No edifício “social”, no rés-do-chão estão situados a cozinha e o refeitório e ainda novas instalações sanitárias. No 1º piso situa-se a sala de convívio. Na cave funcionará a lavandaria para os hóspedes, sendo o restante espaço destinado a armazém. Os acessos verticais fazem-se através de escadas e elevador.

| 105

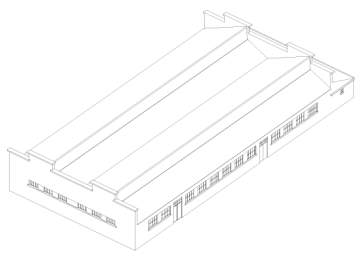
Esteticamente prevê-se uma remodelação total dos espaços, já que não têm qualquer interesse atualmente, tornando este conjunto atrativo para quem dele quiser usufruir.



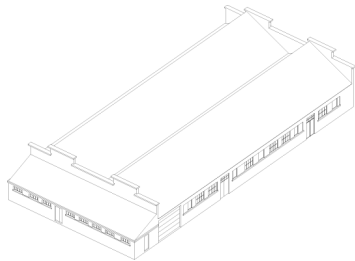
Img. 127 - Planta atual. | Escala 1.1000



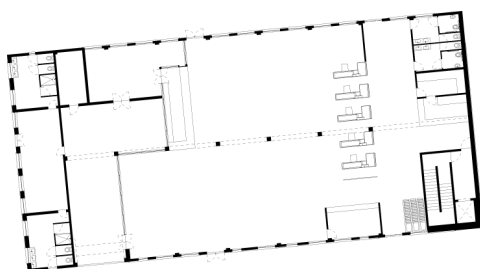
Img. 123 - Localização do edifício.



Img. 128 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista Noroeste.



Img. 129 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista Sudoeste.



Distribuição de Programa: 1 Atendimento ao Cliente; 2 Loja; 3 Cafeteria; 4 Zona Técnica; 5 Escritório; 6 Vestiário para Funcionários; 7 Instalações Sanitárias; 8 Armazém; 9 Acesso Estacionamento.

Img. 130 - Planta da Proposta. | Escala 1.750

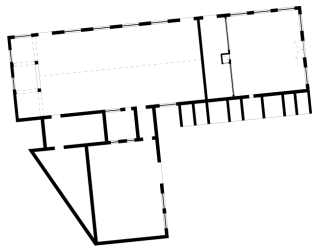


Imgs. 124, 125 e 126 - Fotografias atuais.

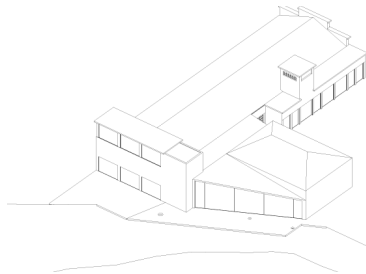
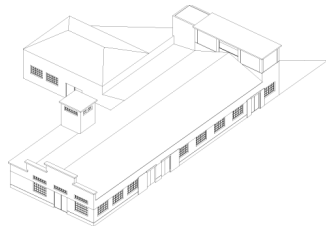
O edifício escolhido para abrigar o novo minimercado é um pavilhão, que foi construído em 1936 onde funcionava o retorce, polimento e novelamento de linho. É bastante iluminado com janelas em todas as fachadas e uma cobertura em *shed*. Este é constituído por um espaço aberto tendo uma divisória apenas. Ainda no extremo poente do edifício encontra-se um corpo onde funcionavam os balneários.

Este espaço adapta-se facilmente às novas funções sem grandes alterações. Esta opção, em termos de programa irá atrair um maior número de pessoas ao novo complexo cultural.

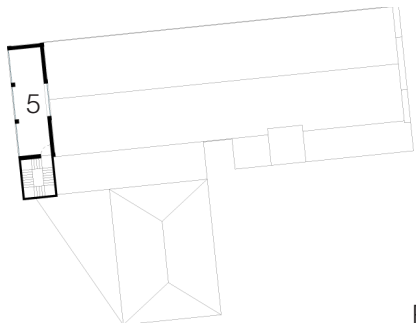
Teremos então o espaço de loja, com um posto de atendimento ao cliente, uma pequena cafetaria, instalações sanitárias e ainda um acesso direto ao estacionamento subterrâneo, sendo esta adição a maior alteração ao edifício, não se notando no exterior. O restante espaço destina-se à zona técnica e área de armazém. Os vestiários ficam na mesma posição antiga, sendo que no espaço que separa os dois existirá o escritório.



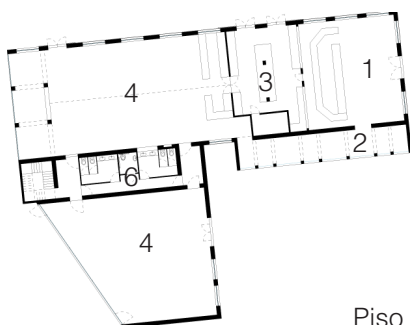
Img. 135 - Planta atual. | Escala 1.1000.



Imgs. 136 e 137 - Perspectivas isométricas da proposta. Vista Nordeste e Sudoeste.



Piso 1



Piso Térreo

Distribuição de programa: 1 Recepção/ Bar; 2 Zona de Distribuição; 3 Cozinha; 4 Sala de Refeições; 5 Escritório; 6 Instalações Sanitárias.

Imgs. 138 e 139 - Plantas da Proposta. | Escala 1.750.



Img. 131 - Localização do edifício.

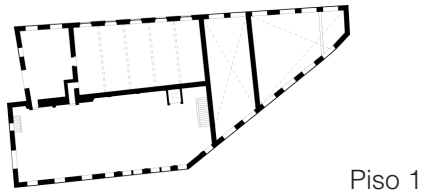


Imgs. 132, 133 e 134 - Fotografias atuais.

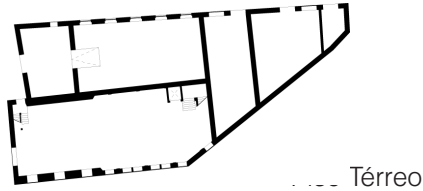
Tendo em conta todos os outros programas do novo espaço da Fábrica da CNFTTN, um espaço de restauração é um programa essencial para complementar o funcionamento desta nova área da cidade.

O restaurante ocupará a antiga Central Eléctrica. Esta foi construída em 1937. Além da Central Eléctrica neste edifício funcionavam ainda uma serralharia e uma carpintaria. Do ponto de vista arquitetónico só a fachada nascente e de entrada tem interesse. Neste espaço ainda está uma peça interessante com os controlos de energia de todos os edifícios e diferentes máquinas que existiam.

Nesta última zona descrita será a entrada principal do restaurante, funcionando como uma sala de espera e bar. Através da abertura de espaços nas estruturas que albergavam os transformadores eléctricos, cria-se a ligação entre o espaço da entrada e uma das salas de refeições. Entre estes dois espaços ficará a cozinha. Uma outra sala de refeições ficará no volume a sul do edifício com vista sobre o rio. No corpo as duas salas de refeições estão as instalações sanitárias. A poente, que neste momento é um depósito de água, ficará um escritório.



Piso 1



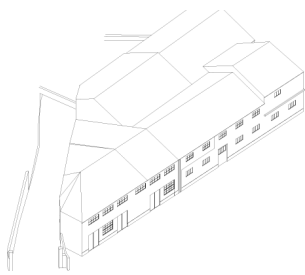
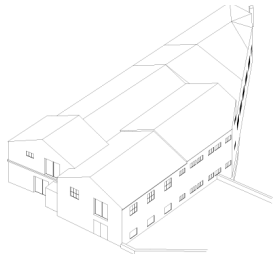
Térreo



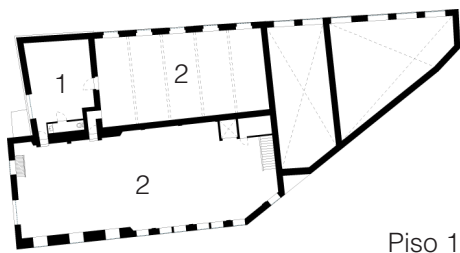
Imgs. 144 e 145 - Plantas atuais. | Escala 1.1000.



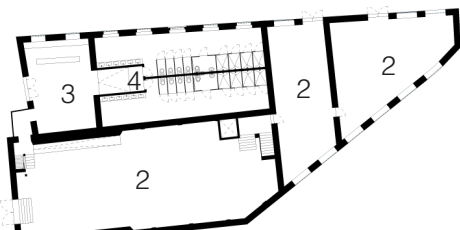
Img. 140 - Localização do edifício.



Imgs. 146 e 147 - Perspectivas isométricas da proposta. Vista Nordeste e Sudoeste.



Piso 1



Piso Térreo



Distribuição de Programa: 1 Escritório; 2 Sala de Aulas/ Aparelhos; 3 Recepção; 4 Balneários.

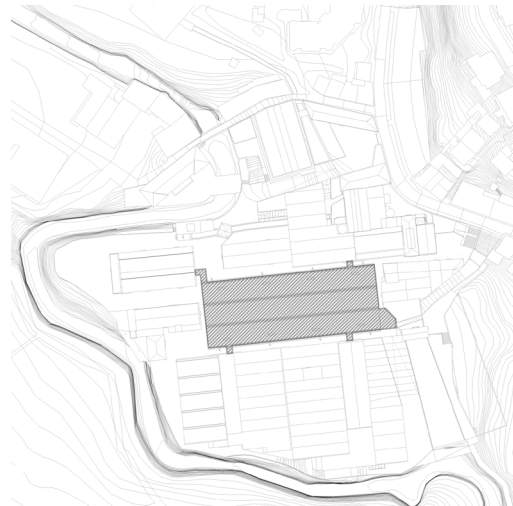
Imgs. 148 e 149 - Plantas da Proposta. | Escala 1.750.



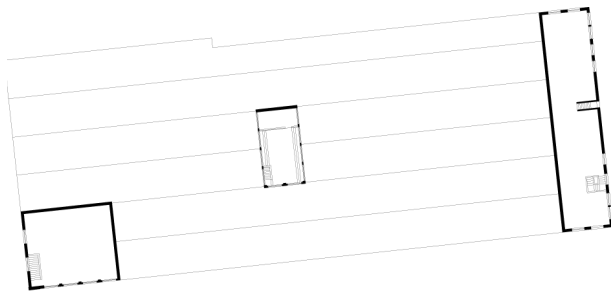
Imgs. 141, 142 e 143 - Fotografias atuais.

O ginásio ficará num edifício já antigo que remonta aos inícios da Fábrica. Não sendo possível indicar a data precisa da sua construção, já existia em 1898 e que sofreu algumas alterações até 1966. Esta é uma construção com paredes bastante espessas. Num dos espaços mais antigos existe uma estrutura de suporte de cobertura interessante.

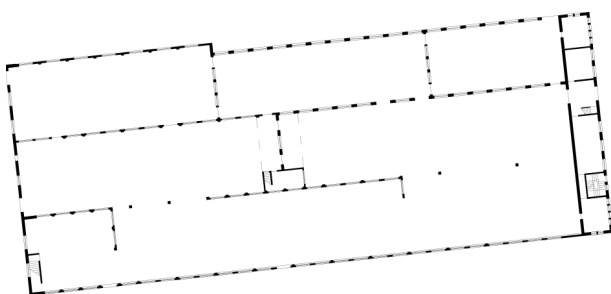
Este edifício sofrerá poucas alterações para se adaptar ao novo programa. Será constituído pela recepção que dará acesso direto aos balneários. Será feito um pequeno acrescento que se notará no exterior, sendo que este irá garantir a ligação coberta entre o espaço de recepção e o volume das salas de aulas e de máquinas. O ginásio terá 5 salas ao todo. No piso superior à recepção e balneários, fica o escritório e uma das salas. Este é o volume mais antigo. No volume a sul, com piso térreo e 1º andar estão mais duas salas. É neste volume que se fazem as ligações verticais dos dois volumes. A nascente do edifício fica outro volume onde estão situadas mais duas salas.



Img. 150 - Localização do edifício.



Piso 1



Piso Térreo



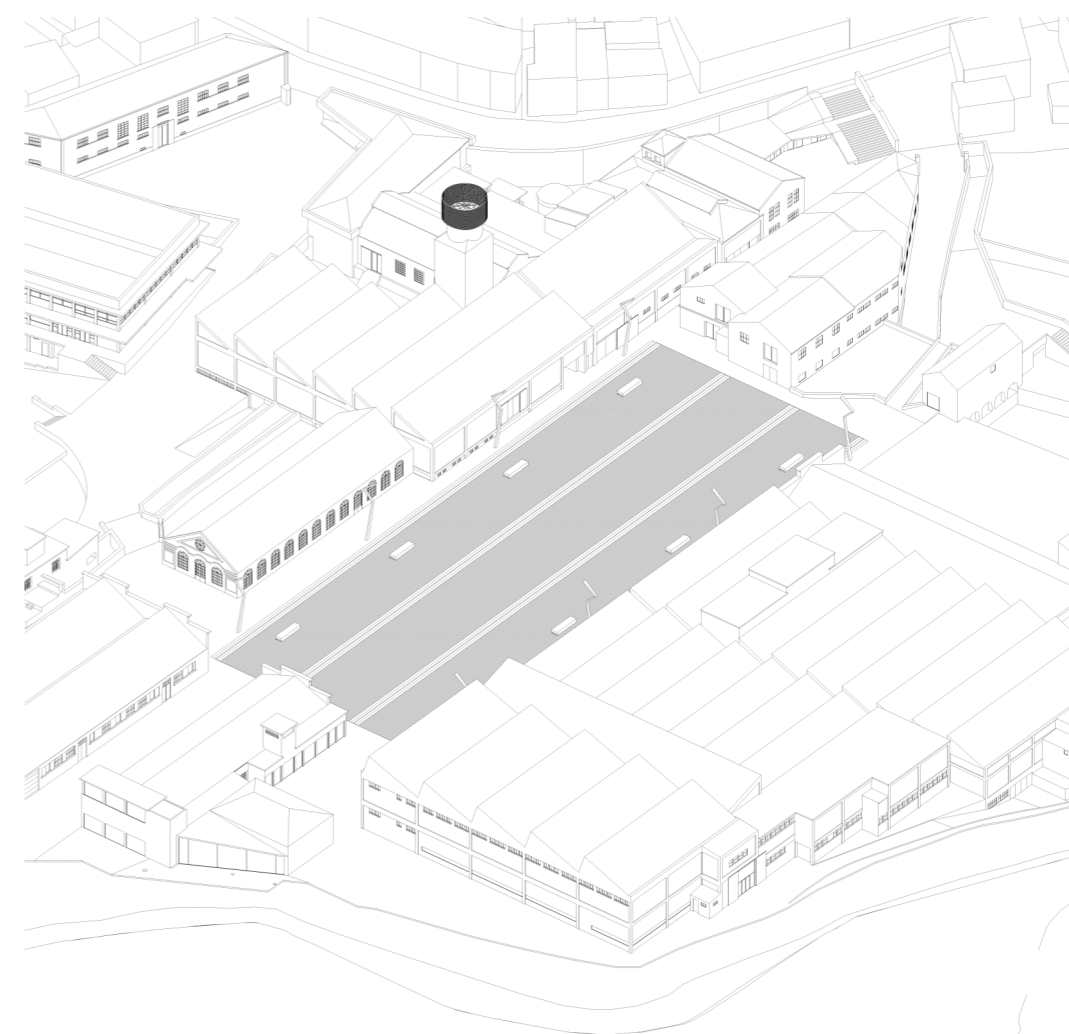
Imgs. 154 e 155 - Plantas atuais. | Escala 1.1000.

Imgs. 151, 152 e 153 - Fotografias atuais.

O novo estacionamento ficará sob a nova praça central. Este terá capacidade para 116 veículos. Este espaço resulta da demolição de um grande bloco da fábrica antiga, que foi construído em três fases diferentes 1935, 1939 e 1945. Ai funcionava a preparação e fiação de linho.

O parque de estacionamento terá apenas um piso devido a constrangimentos a nível das características do terreno sendo principalmente matéria de aluvião e visto também que o leito do rio se situa tão perto. Caso se descesse mais um nível este ficaria abaixo do nível freático o que levaria a custos demasiado elevados para que fosse possível a obra.

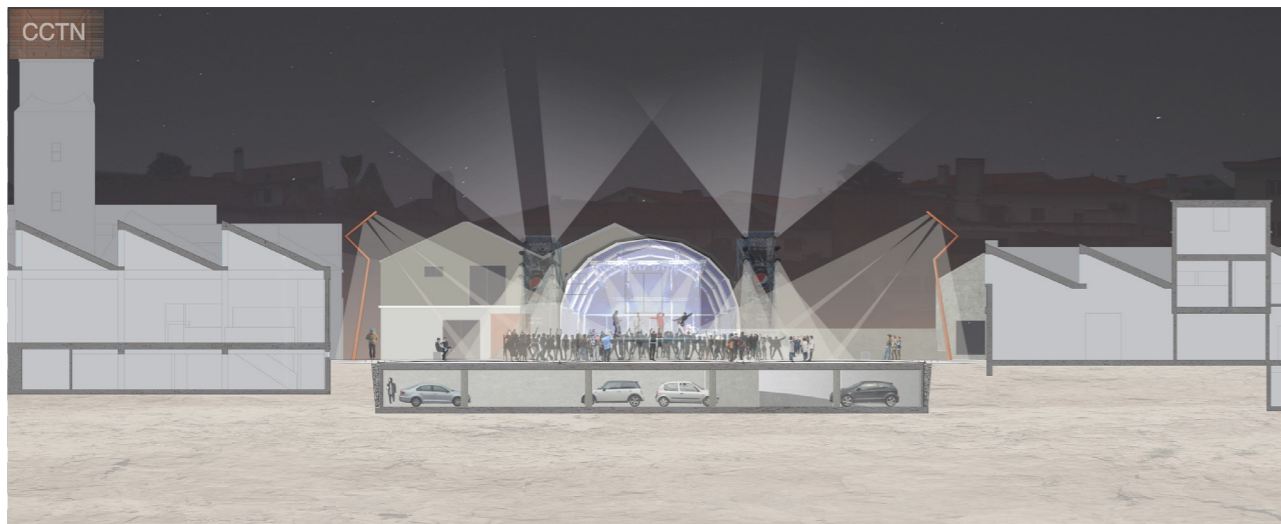
Em dias de eventos, o acesso ao estacionamento será limitado, sendo que a sua capacidade estará mais pensada para o uso diário do espaço. No entanto, no caso de tais eventos o estacionamento será assegurado pela existência de grandes espaços com essa função que se situam a uma curta distância, ficando a apenas cinco minutos a pé do complexo da fábrica.



Img. 156 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste.



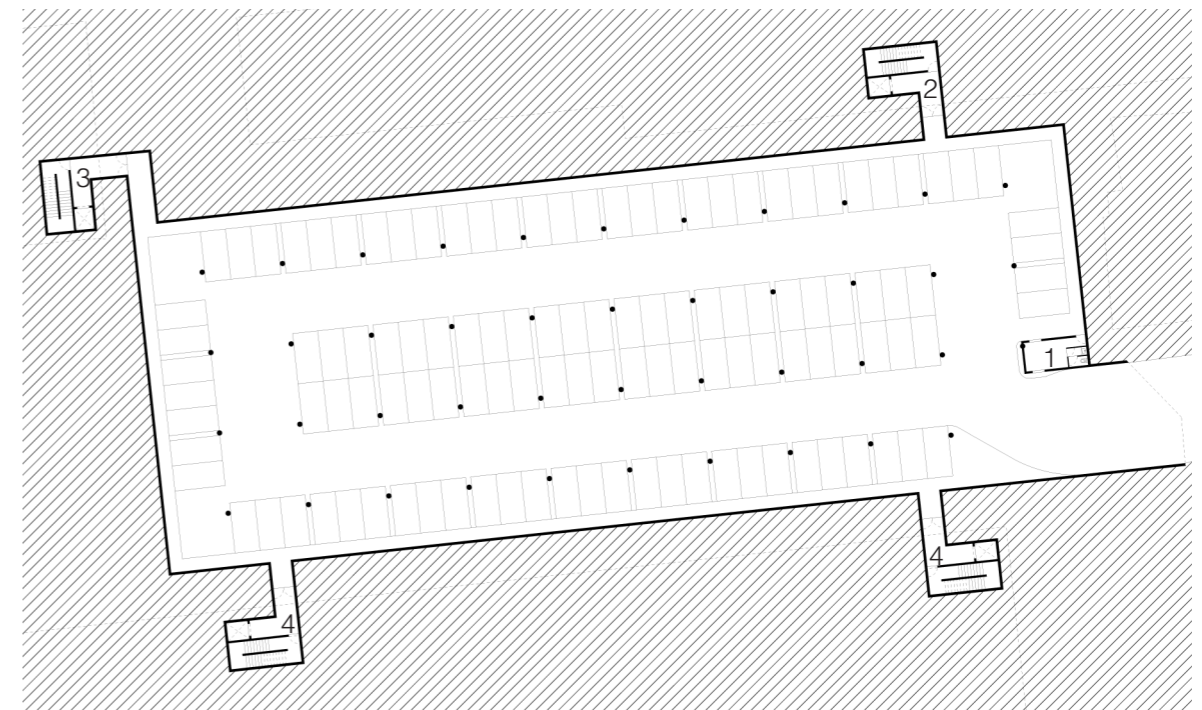
Img. 157 - Secção da praça e estacionamento com fotomontagem da proposta. Cenário de feira.



Img. 158 - Secção da praça e estacionamento com fotomontagem da proposta. Cenário de concerto.



Praça



Estacionamento

Distribuição de programa: 1 Sala de controlo; 2 Acesso e saída para a praça através do edifício do Museu da CNFTTN; 3 Acesso e saída direto ao minimercado; 4 Acesso e saída para a praça através do edifício do Centro Cultural e Incubadora de Empresas.



Imgs. 159 e 160 - Plantas da proposta. | Escala 1.750.

O acesso automóvel ao estacionamento será feito pela entrada secundária do complexo que dá para a Rua da Fábrica, passando encostada ao edifício do novo ginásio. Este será o único ponto de acesso e saída para veículos.

Os acessos e saídas verticais pedonais do estacionamento serão quatro ao todo. Um dá acesso direto ao interior do minimercado. Os outros três dão para a praça. Um está localizado na fachada sul do Museu da CNFTTN e os outros dois na fachada norte do Centro Cultural e Incubadora de Empresas.

A nova praça funcionará como um espaço organizador e de distribuição que ligará grande parte do novo programa. Este será um espaço de convívio, de eventos, de passagem, etc. Aqui poderão instalar-se pequenos quiosques ou mesmo palcos para concertos ou outros eventos.

O seu desenho a nível de pavimento fará notar a implantação do edifício que aí existia. Tal será alcançado através de um jogo de lajetas e cubos com diferentes tamanhos e tonalidades. Não sendo possível a plantação de árvores para servirem de abrigo em tempos soalheiros haverá a possibilidade de instalar toldos em pontos estratégicos.



Img. 165 - Vale da fábrica (aterrada).



Img. 166 - Moinho de Santa Bárbara (demolido).



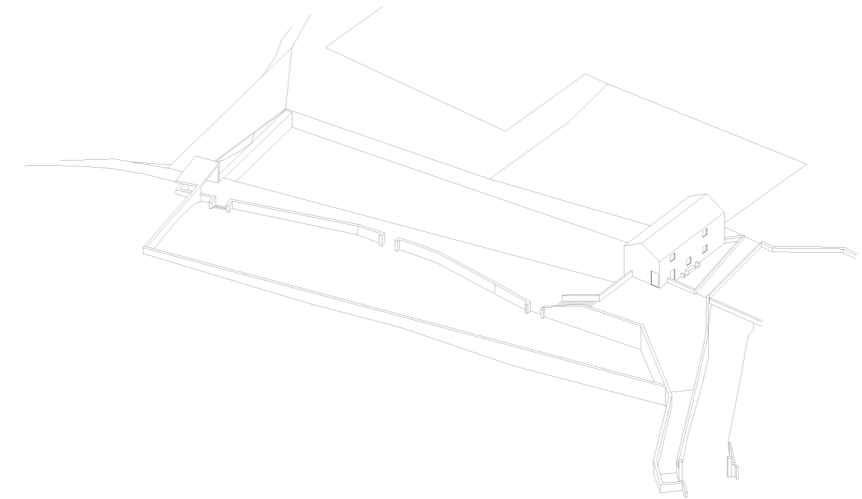
Img. 161 - Localização do edifício.



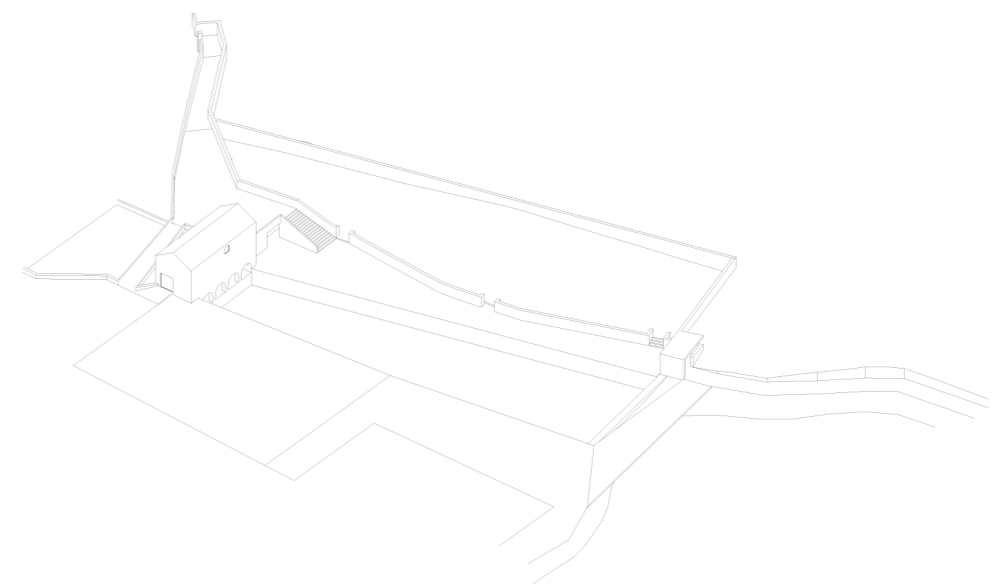
Imgs. 162, 163 e 164 - Fotografias atuais.

Onde em tempos desaguava o canal de água que passa pelo meio da fábrica e que alimentava os seus antigos moinhos e depois a central hidroelétrica, é proposta uma piscina fluvial como recriação dessa memória. Ainda recorrendo a memórias antigas desse espaço é proposta também a construção de um novo edifício que tomará a forma do antigo Moinho de Santa Bárbara, entretanto desaparecido devido à expansão da fábrica e das suas necessidades. A última função deste espaço era uma pequena estação de tratamento de águas que entretanto foi parcialmente enterrada para evitar acidentes, após o cessar de funcionamento da fábrica.

A nova piscina terá 58 metros de comprimento por 14 metros de largura. A água que a irá alimentar é fornecida pelo canal que ainda hoje transporta águas para a fábrica. A ideia é recriar o antigo sistema do moinho, por isso, a norte do novo “Moinho” haverá um espelho de água e essa água será transportada até à piscina por dois canais ou adufas que passarão pelo



Img. 167 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste.



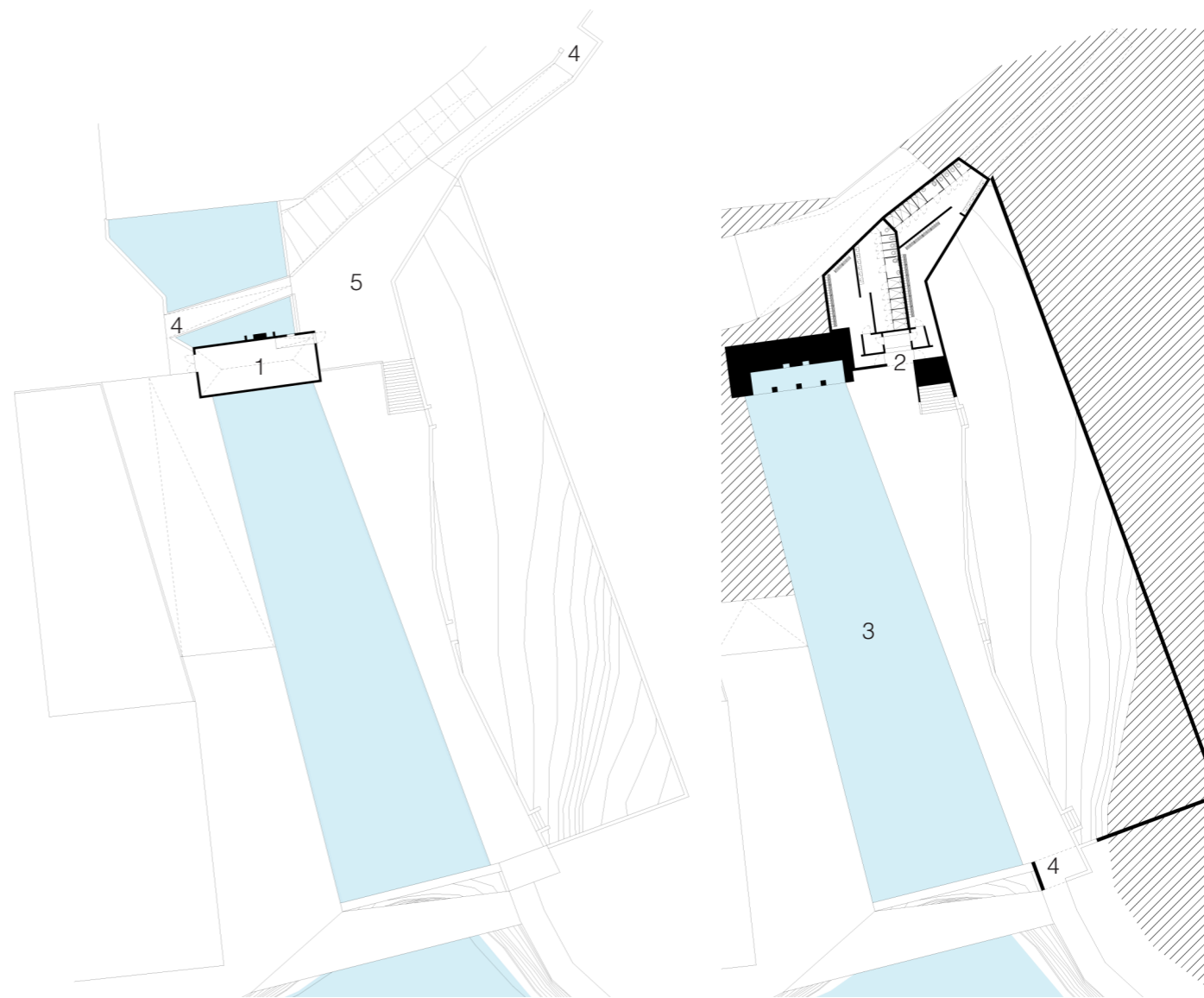
Img. 168 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste.



Img. 169 - Fotografia atual.



Img. 170 - Fotomontagem com a proposta do espaço da piscina fluvial.



Piso 1

Piso Térreo

Distribuição de programa: 1 quiosque; 2 balneários; 3 piscina; 4 acessos; 5 esplanada.



Imgs. 171 e 172 - Plantas da proposta. | Escala 1.750.

interior do novo edifício chegando à piscina através dos quatro arcos na sua fachada sul.

O novo “Moinho” funcionará como um café quiosque. Encostado a este, é proposto o novo edifício que albergará os balneários que servirão os utentes da piscina fluvial. Este é um edifício que se pretende que passe algo despercebido, fazendo a ligação entre as diferentes cotas do moinho, do espaço de lazer e descanso da piscina e uma nova entrada a partir da Rua da Fábrica. Outro acesso ao espaço da piscina, a sul, faz-se pelo novo percurso pedonal ao longo das margens do Rio Almonda.

Para tornar este espaço viável seria necessário o arrendamento ou compra de uma faixa de terreno da quinta vizinha ao complexo da fábrica.

Este será um programa que nos meses de maior calor, trará sem dúvida uma nova vida a este espaço.



Img. 173 - Planta da proposta. | Escala 1.750.

Este novo caminho tem como principal objectivo fazer uma nova ligação pedonal, mais segura e agradável, entre o centro da cidade de Torres Novas e o espaço da fábrica. Esta ligação será feita pelas margens do Rio Almonda chegando à fábrica pelo extremo sudeste. Neste será construída uma nova ponte pedonal.

Pretende-se que este novo caminho melhore e tire proveito das margens do Rio que apesar de mostrarem grande potencial, se encontram menosprezadas e mal tratadas.

Cria-se assim um percurso agradável pela natureza, com peças para exercício físico ao seu longo. O que certamente tornará este novo espaço cultural na antiga fábrica mais atrativo para o público.

No desenvolver deste trabalho ficaram claras as grandes potencialidades do espaço em que se pretende intervir, tanto em termos arquitetónicos e espaciais como o programa que poderá aí ganhar vida, e seria, portanto, uma enorme perda para a cidade e população de Torres Novas o esquecimento e desaparecimento do património industrial da antiga fábrica da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas.

O novo programa apresentado para a Companhia poderá enriquecer não só o espaço, que neste momento está abandonado, como também a própria cidade de Torres Novas e a sua população, oferecendo novas oportunidades aos torrejanos, atraindo também novas pessoas e novo investimento, o que poderia contribuir para o crescimento e desenvolvimento da cidade.

Esta é apenas uma opinião, mas como foi demonstrado neste trabalho com o exemplo de outros casos de reabilitação de complexos industriais,

como o caso da Lx Factory ou o Matadero de Madrid, a introdução de programas culturais (e outros que complementam essa função) em espaços industriais obsoletos trouxeram uma nova dinâmica às cidades e ainda contribuíram para a regeneração das suas áreas envolventes. Foi ainda demonstrado que com poucos elementos, tendo assim um custo reduzido e com uma intervenção simples e subtil é possível transformar um espaço conservando a sua identidade.

Os estudos teóricos feitos sobre a contextualização do território e sobre a história da fábrica permitiram uma visão clara da importância que a Companhia de Torres Novas teve no crescimento da cidade. Sendo o projeto que aqui se apresentou, por isso, uma oportunidade de retribuição a esta que foi uma empresa que deixou uma marca indelével na história da indústria têxtil portuguesa.

Fica ainda o registo gráfico de todo o complexo da fábrica, que se revelava muito incompleto até à data. Revelando-se assim, este trabalho, essencial à preservação da memória do espaço físico da fábrica, oferecendo plantas, alçados, cortes, perspectivas e ainda um modelo 3D de todo o edificado.

| 125

Para finalizar, é possível observar que todos os objetivos propostos no início foram concretizados. Fica assim esta dissertação expressando o desejo de que o caso da Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas não caia no esquecimento e na ruína como aconteceu com tantos outros pelo país fora.

Livros, Artigos, Relatórios e Revistas

Bicho, J. R. (1995). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas 150 Anos de Actividade*. Nova Augusta, (9), p.29-43.

Bicho, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

Braña, C. G.; **Landrove**, Susana; **Tostões**, Ana (eds.). (2005). *A arquitectura da indústria, 1925-1965. Registo Docomomo Ibérico*. Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico.

Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor.

Farinha, A. L. G. (1995). *Achegas para a História dos Moinhos de Água de*

Torres Novas. Nova Augusta, (9), 11–27.

Gonçalves, A. (1999). *Torres Novas - Subsídios para a sua História* (3ª ed.). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

Oliveira, F. (2005). *Torres Novas industrial: 1784-1999*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

Paredes, Cristina. (2006). *Industrial Chic: Reconverting Spaces*. Savigliano: Gribaudo srl.

Relatório Geral. (1873).

Rocha, F. C. (1991). *Torres Novas nos primórdios da industrialização: séculos XVIII-XIX*. Nova Augusta, (5), p.33–43.

Rocha, F. C. (2009). *Para a história do movimento operário em Torres Novas: Durante a monarquia e a I República (1862 - 1926)* (1ª ed.). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

Santos, A. M. L. dos. (1994). *Torres Novas nos Finais do Séc. XIX - Subsídios Históricos* (1ª ed.). Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas.

| 129

Santos, D. G. dos. (2011). *Dialogar com um Centro Histórico: O tecido urbano de Torres Novas à luz da História da Arte*. Em Actas do Seminário Centros Históricos: Passado e Presente. Porto.

Silva, N. (2011). *Insolvência de «Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas, S.A.»* (Relatório de Insolvência). Castelões.

Stratton, Michael (Ed.). *Industrial Buildings: conservation and regeneration*, (1ª Ed). Londres: E& FN Spon, 2000.

Dissertações

Barata, A. A. (2015). *A Fábrica de Papel de Góis. Reabilitação do espaço industrial* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.

da Silva, M. D. (2013). *Reabilitação com Reconversão de Usos em Edifícios Industriais* (Dissertação de Mestrado). Universidade Técnica de Lisboa,

Lisboa.

da Silva, V. M. P. (2009). *Revolução (Des)Industrial. Museificar, Reutilizar e Converter* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.

Jesus, D. A. G. de. (2012). *(Re)Utilizar. O Edifício da Companhia Leiriense de Moagem, antigo Convento de S. Francisco de Leiria* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.

Martins, L. F. C. (2010). *Rota do Papel do Vale do Ceira e Serra da Lousã. A Fábrica de Papel do Boque* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra.

Ribeiro, C. A. dos S. (2012). *Reabilitação Urbana e Sustentabilidade. Lx Factory: um exemplo de Reabilitação Sustentável na Cidade de Lisboa* (Dissertação de Mestrado). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

Serrano, A. C. B. (2010). *Reconversão de Espaços Industriais. Três projectos de intervenção em Portugal* (Dissertação de Mestrado). Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa.

| 131

Publicações na Internet

Companhia de Fiação de Torres Novas acaba ao fim de 166 anos de produção. (2011, Agosto 17). O Mirante.

Espaço Robinson: Projecto de Arquitectura. (sem data). Obtido de <http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx>.

Leite, J. (2014, Janeiro 22). *Companhia de Torres Novas*. Obtido de <http://restosdecoleccion.blogspot.pt/p/contacto-do-editor.html>.

Tostões, A. (2004). *Construção moderna: as grandes mudanças do século XX*. Obtido de http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_5_b.pdf.

Imagem 1 - Vista aérea da antiga fábrica da CNFTTN - retirada do site: <http://www.bing.com/maps/>, na data de 20 de Novembro de 2014.

Imagem 2 - Vista panorâmica da antiga fábrica da CNFTTN - cedida por Jorge Correia, tirada na data de 2005.

Imagem 3 - Localização geográfica do Concelho de Torres Novas - produzida pela autora com base na imagem retirada do site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_Novas, na data de 22 de Junho de 2016.

Imagem 4 - Mapa do Concelho de Torres Novas - produzida pela autora com base na imagem retirada do site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Torres_Novas e http://www.cm-torresnovas.pt/images/documents/TUT/MAPA_FREGUESIAS_2014.pdf, na data de 22 de Junho de 2016.

Imagem 5 - Inscrição latina em mosaicos na Vila Cardílio - retirada do site:

<http://www.viverotejo.pt/visitar/Details/77>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 6 - Vila Cardílio - retirada do site: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vila_Card%C3%ADlio_em_Torres_Novas.jpg, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 7 - Tarambola e açude no centro da cidade - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Setembro de 2014.

Imagem 8 - Castelo de Torres Novas - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Setembro de 2014.

Imagem 9 - Planta de Torres Novas (curvas de nível de 5 em 5 metros) - produzida pela autora com base em informação encontrada no site: http://sig.cm-torresnovas.pt/Html5Viewer/Index.html?viewerConfigUri=http://sig.cm-torresnovas.pt/MuniSIG/REST/sites/APOIO_AO_MUNICIPE/viewers/Plantas_de_Localizacao_Html5/virtualdirectory/Resources/Config/Default/Desktop.json.js, na data de 23 de Outubro de 2014.

Imagem 10 - Rosto da ação nº 1 da CNFTTN - retirada da obra: **Bicho**, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*, Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, p.17.

| 135

Imagem 11 - Máquina a vapor - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.22.

Imagem 12 - Turbina hidráulica - retirada da obra: **Bicho**, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*, Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, p.33.

Imagem 13 - Gravura da Fábrica Velha - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.14.

Imagem 14 - Diversos logótipos da CNFTTN ao longo dos anos - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres

Novas: ed. do Autor. p.10.

Imagem 15 - Diversos logótipos da CNFTTN ao longo dos anos - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.10.

Imagem 16 - Diversos logótipos da CNFTTN ao longo dos anos - retirada da obra: **Bicho**, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*, Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, p.3.

Imagem 17 - Esboço das propriedades da fábrica em 1852 - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.16.

Imagem 18 - Planta de implantação da fábrica em 1898 - produzida pela autora.

Imagem 19 - Dobas - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.27.

Imagem 20 - Tear Jacquard - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.26.

Imagem 21 - Planta de implantação da fábrica em 1950 - produzida pela autora.

Imagem 22 - Máquinas de fiação de mangueiras - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.35.

Imagem 23 - Máquinas de fiação de linho - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor.

p.32.

Imagem 24 - Máquina de acabamento de linho - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.34.

Imagem 25 - Planta de implantação da fábrica em 1975 - produzida pela autora.

Imagem 26 - Máquinas de impermeabilização de tecidos - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.36.

Imagem 27 - Máquina de fiação de juta - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.37.

Imagem 28 - Planta de implantação da fábrica de algodão de 1978 - retirada da obra: **Bicho**, J. R. (1997). *A Fábrica Grande: Subsídios para a história da Companhia de Torres Novas*, Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas, p. anexo VI.

| 139

Imagem 29 - Edifício social - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.45.

Imagem 30 - Máquinas de fiação de algodão - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor. p.41.

Imagem 31 - Posto médico e loja - retirada da obra: **Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas**. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor.

Imagem 32 - Bairro operário - retirada da obra: **Companhia Nacional de**

Fiação e Tecidos de Torres Novas. (1969). *Companhia Nacional de Fiação e Tecidos de Torres Novas: 1845-1969*. Torres Novas: ed. do Autor.

Imagem 33 - Planta de implantação da fábrica em 1984 - produzida pela autora.

Imagem 34 - Vista aérea do centro da cidade de Torres Novas - retirada do site: <http://www.bing.com/maps/>, na data de 20 de Novembro de 2014.

Imagem 35 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 36 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 37 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 38 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 39 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 40 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 41 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 42 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 43 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 44 - Estratégia do projeto de reabilitação do Espaço Robinson - retirada do site: <http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx>, na data de 28 de Outubro de 2014.

Imagem 45 - Estratégia do projeto de reabilitação do Espaço Robinson -

retirada do site: <http://www.fundacaorobinson.pt/pagina,6,106.aspx>, na data de 28 de Outubro de 2014.

Imagem 46 - Escola de Hotelaria e Turismo de Portalegre - retirada do site: <http://www.correiaragazzi.com/escola-hotelaria-portalegre>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 47 - As abóbadas - retirada do site: <http://www.correiaragazzi.com/estacionamento-espao-robinson>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 48 - Auditório “A Máquina” - retirada do site: <http://www.correiaragazzi.com/auditrio-a-espao-robinson->, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 49 - Interior do auditório B - retirada do site: <http://www.correiaragazzi.com/ictvr-e-auditrio>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 50 - Vista aérea da Lx Factory - retirada do site: <https://www.google.pt/maps>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 51 - Lx Factory - retirada do site: <https://bigcitiesbrightlights.wordpress.com/2012/06/30/lisbon-lxfactory>, na data de 20 de Julho de 2016.

| 143

Imagem 52 - Interior da Lx Factory - retirada do site: <http://pocketcultures.com/2013/02/06/lx-factory-in-lisbon>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 53 - Interior da Lx Factory - retirada do site: <http://www.lxfactory.com/PT/residentes/outros/balneario/#prettyPhoto>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 54 - Interior da Lx Factory - retirada do site: <http://coisasquepraquiandam.blogspot.pt/2010/02/o-coworking-chegou-lisboa.html>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 55 - Mapa do Matadero de Madrid - retirado do site: <http://smallworldsproject.com/2012/01/30/matadero-madrid-%E2%80%93-small-changes-going-big-and-other-cultural-politics-in-the-spanish-capital>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 56 - Matadero de Madrid - retirado do site: <https://citiesintransition.eu/place/matadero-madrid>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 57 - Interior do Matadero de Madrid - retirado do site: <http://www>.

ksuforumonthecity.com/2012/itinerary-project/matadero-madrid, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 58 - Palais de Tokyo - retirado do site: <https://lacatonvassal.com/index.php?idp=20>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 59 - Interior do Palais de Tokyo - retirado do site: <http://www.archdaily.com.br/br/01-59308/ampliacao-do-palais-de-tokyo-lacaton-e-vassal>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 60 - Interior do Palais de Tokyo - retirado do site: <http://www.archdaily.com.br/br/01-59308/ampliacao-do-palais-de-tokyo-lacaton-e-vassal>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 61 - Interior do Palais de Tokyo - retirado do site: <http://www.archdaily.com.br/br/01-59308/ampliacao-do-palais-de-tokyo-lacaton-e-vassal>, na data de 20 de Julho de 2016.

Imagem 62 - Interior do Palais de Tokyo - retirado do site: <http://www.archdaily.com.br/br/01-59308/ampliacao-do-palais-de-tokyo-lacaton-e-vassal>, na data de 20 de Julho de 2016.

| 145

Imagem 63 - Perspectiva isométrica da fábrica atualmente. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 64 - Planta de implantação atual com demolições propostas (curvas de nível de 0,20m em 0,20m) - produzida pela autora.

Imagem 65 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 66 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 67 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 68 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 69 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de

28 de Abril de 2015.

Imagem 70 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 71 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 72 - Planta de implantação com alterações propostas (curvas de nível de 0,20m em 0,20m) - produzida pela autora.

Imagem 73 - Planta de implantação da proposta (curvas de nível de 0,20m em 0,20m) - produzida pela autora.

Imagem 74 - Localização dos edifícios - produzida pela autora.

Imagem 75 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 76 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 77 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 78 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 79 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 80 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 81 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 82 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 83 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 84 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste - produzida pela autora.

Imagem 85 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 86 - Fotografia atual - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 87 - Fotomontagem com a proposta para a sala de exposição permanente - produzida pela autora.

Imagem 88 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 89 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 90 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 91 - Localização do edifício - produzida pela autora.

Imagem 92 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 93 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

| 149

Imagem 94 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 95 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 96 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 97 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 98 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 99 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 100 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 101 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 102 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste - produzida pela autora.

Imagem 103 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 104 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 105 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 106 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 107 - Fotografia atual - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 108 - Fotomontagem com a proposta para a sala de exposição permanente - produzida pela autora.

Imagem 109 - Localização do edifício - produzida pela autora.

Imagem 110 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

| 151

Imagem 111 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 112 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 113 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 114 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 115 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 116 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste - produzida pela autora.

Imagem 117 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 118 - Fotografia atual - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 119 - Fotomontagem com a proposta da nova ligação entre os dois edifícios - produzida pela autora.

Imagem 120 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 121 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 122 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 123 - Localização do edifício - produzida pela autora.

Imagem 124 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 125 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 126 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 127 - Planta atual - produzida pela autora.

Imagem 128 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste - produzida pela autora. | 153

Imagem 129 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 130 - Planta da proposta - produzida pela autora.

Imagem 131 - Localização do edifício - produzida pela autora.

Imagem 132 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 133 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 134 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 135 - Planta atual - produzida pela autora.

Imagem 136 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste - produzida pela autora.

Imagem 137 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 138 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 139 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 140 - Localização do edifício - produzida pela autora.

Imagem 141 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 142 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 143 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 144 - Plantas atuais - produzida pela autora.

| 155

Imagem 145 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 146 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste - produzida pela autora.

Imagem 147 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 148 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 149 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 150 - Localização do edifício - produzida pela autora.

Imagem 151 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 28 de Abril de 2015.

Imagem 152 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 153 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 154 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 155 - Plantas atuais - produzida pela autora.

Imagem 156 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 157 - Secção da praça e estacionamento com fotomontagem da proposta. Cenário de feira - produzida pela autora.

Imagem 158 - Secção da praça e estacionamento com fotomontagem da proposta. Cenário de concerto - produzida pela autora.

Imagem 159 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 160 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 161 - Localização do edifício - produzida pela autora.

Imagem 162 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

| 157

Imagem 163 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 164 - Fotografias atuais - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 165 - Vala da fábrica (aterrada) - foto retirada do site:

<https://www.facebook.com/photo>.

<https://www.facebook.com/photo?fbid=10154286640316552&set=p.10154286640316552&>

[type=3&theater](https://www.facebook.com/photo?fbid=10154286640316552&set=p.10154286640316552&type=3&theater), na data de 15 de Julho de 2016.

Imagem 166 - Moinho de Santa Bárbara (demolido) - retirada da obra: **Rocha**, F. C. (1991). *Torres Novas nos primórdios da industrialização: séculos XVIII-XIX*. Nova Augusta, (5). p.34.

Imagem 167 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Nordeste - produzida pela autora.

Imagem 168 - Perspectiva isométrica da proposta. Vista de Sudoeste - produzida pela autora.

Imagem 169 - Fotografia atual - foto tirada no local pela autora, na data de 27 de Outubro de 2014.

Imagem 170 - Fotomontagem com a proposta do espaço da piscina fluvial - produzida pela autora.

Imagem 171 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 172 - Plantas da proposta - produzida pela autora.

Imagem 173 - Planta da proposta - produzida pela autora.